



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

CLAUDEMIR DOS SANTOS SILVA

**A MUDANÇA DE POSIÇÃO NA FORMAÇÃO DISCURSIVA EM SUJEITOS
COM GAGUEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo

Recife, janeiro de 2016.

CLAUDEMIR DOS SANTOS SILVA

**A MUDANÇA DE POSIÇÃO NA FORMAÇÃO DISCURSIVA EM SUJEITOS
COM GAGUEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Curso de Mestrado, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, na linha de pesquisa **Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios da Linguagem em suas diversas manifestações.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. **Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo**

Recife, janeiro de 2016.

CLAUDEMIR DOS SANTOS SILVA

**A MUDANÇA DE POSIÇÃO NA FORMAÇÃO DISCURSIVA EM SUJEITOS
COM GAGUEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Data: 19 de janeiro de 2016.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Sílvia Friedman
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP
(Examinadora Externa)

Prof^a. Dr^a. Roberta Varginha Ramos Caiado
Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP
(Examinadora Interna)

A gratidão é o único tesouro dos humildes.

[William Shakespeare]

A Deus, por me amar tanto... **A Jesus**, pois “sei que não foram os pregos que o prenderam na cruz, mas o amor”... Ao **Espírito Santo**, meu amigo e consolador fiel de todas as horas, “**porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um**” (I Jo. 5.7). Pela Vontade Soberana, tornei-me o **1º Professor Mestre, das Famílias Santos e Silva** – “**Bem sei eu que tudo podes e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido**” (Jó. 42.2).

À minha família, meus pais: **Miro** e **Zuleide**, pela insistência para que eu viesse ao mundo, e ao chegar, deparei-me com um grande homem e uma fabulosa mulher, exemplos de amor, zelo e dedicação a mim. Responsáveis, também, por um presente chamado: **Claudileide**, irmã querida, amiga leal, sempre a postos, conselheira sábia e perspicaz. Que entre tantos presentes dados, os mais valiosos chamam-se: **Letícia** e **Lázaro**, sobrinhos queridos, meus “primeiros filhos”. **A vida com vocês se chama Felicidade**. Sei que a constituição da **Família foi/é um grande projeto de Deus para a humanidade...**

À **Ruama**, *minha pequena...* Por ser o que é: **doce, simples, única...** “**Mulher virtuosa: quem a achará? O seu valor excede o de rubins**” (Pv.31.10). “*Que bom você chegou*”... “*Agora eu tenho você comigo*”... Obrigado pelas incessantes orações e por se fazer presente em todos os momentos.

À minha queridona, **Nadia Azevedo**, orientadora, coautora, amiga, mãe acadêmica, porto seguro... Que me acolheu na linha de pesquisa e soube ser paciente com aquele que não é um fonoaudiólogo, mas um professor cheio de vontade de aprender sobre a gagueira e a Análise do Discurso de linha francesa (AD). Este que, ao confundir e/ou não saber determinados postulados, me redirecionou em momentos oportunos, sempre de forma delicada, rigorosa,

precisa e com extrema atenção àqueles detalhes que mudam tudo. **Anjo-bom, que ao sorrir, mais parece o sol brilhando...** Joseph Addison destaca: **“O sol é para as flores o que os sorrisos são para a humanidade”**. Ao interdiscursar com tais dizeres, Lao-Tsé escreve para seres humanos, como ela, porque são capazes de compreender que: **o sábio não se exhibe, por isso brilha. Ele não se faz notar, e por isso é notado. Ele não se elogia, e por isso tem mérito. E, porque não está competindo, ninguém no mundo pode competir com ele.** Feliz sou eu por ter sido orientando e tê-la sempre a postos. Fui honrado pela bênção de ter me escolhido e segurado a minha mão durante toda a caminhada na árdua, mas prazerosa, tarefa-arte de fazer pesquisa no Mestrado.

Aos **meus Mestres, todos: os de ontem, hoje e certamente aqueles de logo mais...** Meu afeto e admiração por caminharem ao meu lado, dialogando, incentivando, orientando, ensinando-aprendendo, sempre incitando as reflexões e a alçar voos mais altos... Ao parafrasear o poeta Rubem Alves, entendo que, *ensinar é um exercício de imortalidade, porque de alguma forma, continuam a viver em mim, cujos olhos, aprenderam a ver o mundo pela magia da palavra de vocês, assim, sempre serão eternos...* **Tenho um pouco de cada um de vocês em mim!**

À *Teacher Sheila Lima (In memoriam)*, que partiu tão precocemente e deixou tanta **SAUDADE...** Como esquecer que, ao gritar: – *“Linda!”*, com alegria respondia: – *“você é suspeito, amore!!”*. Alguém muito especial em minha vida... Um agente estimulador para que eu perseverasse na docência... Sua mão amiga fez a diferença no percurso da minha vida profissional... O que me deixa feliz é saber que compreendia a gratidão e o amor que sempre destaquei.

Apenas **aos meus verdadeiros amigos...** Os de raízes, meus cúmplices, que ganhei de Deus sem pedir... Bem-aventurado sou eu por possuí-los... **Amigo a gente sente!** Benditos sejam todos os amigos, verdadeiros, como bem destaca Machado de Assis!

Como agradecer por tudo que fizeste a mim? Não merecedor, mas provaste o seu amor sem fim... As vozes de milhões de anjos não expressam a minha gratidão... Tudo o que sou e o que almejo ser... Eu devo tudo a ti... A Deus seja glória, por tudo o que fez por mim...Amém.

[Victorino Silva, na canção “Meu tributo”]

A **Deus**, que muda projetos, estabelece planos e realiza sonhos: **“porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu um deus além de ti que trabalha para aquele que nele espera”**(Is. 64.4). És fiel para cumprir no tempo determinado e apenas no tempo determinado, todas as promessas que fazes. Não tenho dúvidas de que, quando resolves operar, ninguém impede. Os teus pensamentos e caminhos são bem mais altos do que os nossos, são de paz e não de mal, para dar-nos o fim que esperamos. Sei que, **“Em Deus – Cristo, estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”** (Cl. 2.3) e, atrelado a isso, **“guiar-me-ás com o teu conselho”**, porque, **“quem tenho eu no céu senão a ti? E na terra não há quem eu deseje além de ti”** (Sl. 73.25).

Aos **maiores heróis** dessa saga... **Meus pais: Zuleide e Miro** batalhadores, amorosos, perseverantes, dedicados, rígidos e disciplinados. **Painho**, como esquecer que, para trazer o sustento, precisavas sair todas as noites e dormir em cima daquele caminhão sentindo tanto frio?... **Mainha** e a sua impecável administração familiar, seus ensinamentos e organização? Minha memória discursiva pulsa, sendo capaz de sentir-expressar cheiros, gostos e palavras durante todo o processo de formação-educação. Lembro-me claramente de todas as vezes em que, ao pentear o meu cabelo, a senhora olhava em meus olhos e dizia: **“meu filho, estude! Nada de brincadeiras, nem conversas na hora em que o professor estiver ensinando...”** Agora sei que tudo contribuiu para o meu bem. Muito obrigado por terem me colocado na Escola... Pelos investimentos cheios de tantos sacrifícios...

À **Cauleide**, maneira carinhosa como me dirijo a minha irmã amada. Amiga leal, que sempre procurou lembrar/destacar o potencial que às vezes nem sabia que possuía... Suas palavras carinhosas ecoam em todos os momentos, especialmente; naqueles mais angustiantes.

Ao cunhado **Adeildo** (Dido), pela paciência comigo nos momentos em que certamente tirei sua privacidade... Agradeço muitíssimo toda a sua ajuda!

Aos sobrinhos e afilhados queridos: **Letícia** (*minha linda “cachinhos de ouro”*) e **Lázaro** (*meu intrépido “grilo falante”*). Vocês são especialistas em me fazerem feliz. Sei que sentem muito orgulho de mim...

Às minhas avós: **Maria Zilda** e **Cecília** (*In memoriam*), mulheres guerreiras que sempre lutaram pelo bem de todos nós. Voinhas, por esta conquista sei que estariam orgulhosas de mim!

Às tias queridas: **Arleide**, **Aubênis**, **Zeze**, **Dete**, **Netinha**, **Edileuza**, por estarem presentes ao longo do meu crescimento. Agradeço os conselhos e também o apoio financeiro que forneceram aos meus pais sempre que precisei.

A **todos os meus primos**, especialmente; àqueles que me encheram de tantos estímulos e carinho. Graças a vocês eu tive infância! **Amo-os demais...**

À Prof^a. Dr^a. **Nadia Azevedo**, pela parceira em todos os momentos. Sei que compreende o meu amor e a minha gratidão. Ah, como diz Lispector: *o que você tem, todo mundo pode ter... Mas o que você é, ah!!! Isso ninguém pode ser.* É para pessoas como você que Gandhi disse: *pegue um sorriso e doe-o a quem jamais o teve... Um raio de sol e faça-o voar lá onde reina a noite... A coragem e ponha-a no ânimo de quem não sabe lutar... A bondade e doe-a a quem não sabe doar... Descubra o amor e faça-o conhecer ao mundo... Essa é Nadia... Toda poesia... É a emoção à flor dos olhos... Ilumina, aquece, encoraja-nos...*

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior** (CAPES), pela concessão da bolsa de Mestrado, cujo apoio financeiro tornou possível a disponibilidade de tempo para a Pesquisa. Muitíssimo obrigado!

À Prof^a. Dr^a. **Sílvia Friedman**, por ter aceitado o convite para participar em nossa banca, pela belíssima contribuição tão pertinente, nos fazendo refletir, através da leitura, escrita e principalmente de aprender, através do processo de releitura e reescrita; logo, crescendo enquanto pós-graduandos que começaram a engatinhar... Saiba que, sempre haverá um lugar muito especial, em minha memória discursiva e no meu coração para a senhora...

À Prof^a. Dr^a. **Roberta Caiado**, por sua energia, brilho, entusiasmo, delicadeza... Ah... Competência é o nome dessa mulher... Agradeço por ter aceitado participar com alegria e sugestões valiosíssimas para a concretização deste sonho-desejo. A partir do seu olhar o trabalho cresceu lindamente!!!

À Prof^a. Dr^a. **Renata Lima da Fonte**, por ser tão boa, humana, gentil, humilde. Dona de uma delicadeza impecável, acrescida de um profissionalismo exemplar. Agradeço pelas palavras de ânimo e pelas contribuições...

À Prof^a. Dr^a. **Isabela do Rêgo Barros**, a nossa “Mafalda”, por sua nítida criticidade, a qual admiro muito. Pelas contribuições valiosas, ainda, na qualificação do Pré-projeto. Sabendo ser rígida, mas doce e gentil no momento em que nos arguiu!

À Prof^a. Dr^a. **Wanilda Cavalcanti**, um ser humano extremamente adorável, amabilíssimo... Nunca esquecerei suas palavras carinhosas... Obrigado por sempre destacar que acreditava em mim e no meu potencial.

Ao Prof. Dr. **Karl-Heinz Efreken**, que, ao ministrar a disciplina Epistemologia e Metodologia científica, trouxe-me sugestões pertinentes para a construção da dissertação. Obrigado pelos sábios conselhos e estímulo aos estudos e à vida.

Às Profas. Dras. **Fátima Vilar** e **Glória Carvalho**, pelas aulas tão intensas, cheias de poesias e conhecimentos em torno da Psicanálise e linguagem. Muito obrigado pelas palavras de carinho e encorajamento...

À Prof^a. **Beth Coelho**, pelas dicas, conversas e carinho sempre demonstrados.

À Prof^a. **Patrícia Tavares**, por ter acreditado em mim, pelo estímulo aos estudos e principalmente segurado a minha mão durante a primeira travessia... Um momento cheio de medos e impossibilidades aos meus olhos. Mas venci!!!

Às Professoras: **Andreia Brito** (PPGE-UFPE), **Auxiliadora Padilha** (PPGEDUMATEC-UFPE), **Lívia Suassuna** (PPGE-UFPE), **Cynthia Tavares** (FAINTVISA), **Ivanda Martins** (EAD-Tec-UFRPE), **Edilene Soares** (FAINTVISA), **Flávia Ferreira** (UFS) e **Gilberlande Pereira** (FAINTVISA) pelo carinho, oportunidades, conhecimentos partilhados e compartilhados, pelos sábios conselhos e pronto-atendimento nas horas em que mais necessitei. E, principalmente, por serem canais de bênçãos em minha vida... **Amo vocês!**

À **13ª Turma do Mestrado em Ciências da Linguagem**, pelos bons momentos vívidos e convvidos. Pelos estudos, seminários, discussões tão acaloradas, inclusive, pelas boas-pausas para confraternizações.

À **Andréa Luz**, uma mulher forte, determinada, que exala seu cheiro por onde passa, inteligente e extremamente carismática...

À **Carminha**, "*Carmem Lúcia*", maneira carinhosa como sempre a chamei... Pela conexão sintática em nossa parceira, indispensável para o sucesso que tivemos na realização do Mestrado... Companheira de sorrisos saudáveis e também de momentos críticos e delicados.

À **Karla Byron**, por ser única, uma das maiores demonstrações de afeto que pude encontrar no Mestrado. Forte, perseverante, boa, toda generosidade...

À **Erika Costa**, uma amiga espetacular, leal e sincera. Toda afetividade, autenticidade, grande "*companheira de açais*". Muito obrigado, por sempre me encher de alegrias, cuidados e incentivos...

A **Renan Freitas**, um amigo-irmão genial. **Um ser humano como poucos...** Profissional competente que, de maneira generosa, se dispôs a fazer a revisão textual de nosso trabalho. **Muito Obrigado!**

Às queridas **Eva, Elza e Iolanda Barros**, minha eterna gratidão por tudo o que são e me fizeram ao longo de toda graduação e especialização.

À **Albaneide** e **Sirlene**, pela amizade sincera e as orações em todo o tempo... Sou realmente muitíssimo grato pelas mãos-amigas ao longo da jornada.

Aos queridos **Tiago, Diógenes e Luciano**, pelo pronto-atendimento nas horas em que mais precisei de ajuda com a Dissertação...

À **Soninha, Dona Tita** (*in memoriam*) e **Fernandinho**, exemplos de amizade e generosidade para comigo... Deus continuará recompensando-os!

À Fga. **Tatiana** (Tati), pela maneira tão gentil que sempre me acolheu no GEAG compartilhando conhecimentos. Por sua delicadeza e sorriso sincero.

Aos funcionários da Secretaria da Pós-Graduação: **Eliene, Nélia, Sérgio**, bem como **aos estagiários**, pelo bom atendimento e resolução das questões burocráticas.

Aos **sujeitos do GEAG infantil e adulto**, porque foram/são exemplos de perseverança nas lutas cotidianas da vida. Cresci ao lado de cada um vocês...

Aos alunos do Curso de Fonoaudiologia: **Amanda, Flávia, Lucas, Marcela, Maria de Fátima, Nórbia, Joseany, Valdeci e Wadlla**, que, desde a realização da disciplina: Estágio de Docência Superior em 2014.2, fizeram (fazem!) parte da minha vida. Obrigado, pelas discussões. Nunca irei esquecê-los!

Aos **participantes do Grupo de Convivência Afásicos** (GCA), pelo carinho e determinação demonstrados no decorrer de cada encontro. Agradeço pelo acolhimento e o carinho sincero de sempre. Amo vocês!

A **todos os docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem**. Por toda dedicação, pelos ensinamentos não só curriculares, mas também àqueles arraigados aos valores humanos.

À **irmã Fátima**, pelos ensinamentos que têm me proporcionado “grandes saltos na fé” e por suas incessantes orações...

Às **Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão** (FAINTVISA), especialmente, aos queridos **Ubirajara Carneiro da Cunha, Graça Malheiros, Manoel Aldo** e **tantos outros canais de bênçãos** em minha vida.

Enfim, **a todos aqueles** que oraram por mim e me ajudaram de alguma forma, para que eu pudesse concluir este sonho-desejo. **Deus irá recompensá-los!**

**Apesar das ruínas e da morte,
Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias.**

[Sophia Andersen]

Concordo com D.Quixote: o meu repouso é a batalha.

[Pablo Picasso].

**Sonhar mais um sonho impossível
Lutar quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão
É minha lei, é minha questão
Virar este mundo, cravar este chão
Não me importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz
E amanhã se este chão que eu beijei
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu
Delirar e morrer de paixão
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão.**

[Chico Buarque; Maria Bethânia em, “Sonho Impossível”].

LISTA DE SIGLAS

ABRAGAGUEIRA – Associação Brasileira de Gagueira

AD - Análise do Discurso de linha francesa

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CONEP - Conselho Nacional de Ética

CP - Condições de Produção

DIAG - Dia Internacional de Atenção à Gagueira

FD - Formação Discursiva

Fi - Formações Imaginárias

GEAG - Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira

IFA - Associação Internacional de Fluência

ISA - Associação Internacional de Gagueira

PPGCL - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade

UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco

RESUMO

Sabendo que sujeito e linguagem constituem-se intrinsecamente, a presente dissertação assume uma posição de circunscrever o discurso como gênese e sítio de surgimento e continuidade da gagueira, sob a forma peculiar de efeito de interlocução e sentidos, mostrando que é possível questionar a Formação Discursiva (FD) da gagueira e assumir uma nova forma-sujeito na FD da fluência. Desse modo, busca, como objetivo geral, analisar a mudança de posição na formação discursiva de sujeitos com gagueira participantes do Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG). Como objetivos específicos: a) identificar o processo de mudança de posição nas formações discursivas e ideológicas dos sujeitos; b) identificar a memória discursiva e o interdiscurso nas práticas discursivas; c) investigar as estratégias terapêuticas que geram efeito de fluência, gagueira ou silenciamento no discurso dos sujeitos gagos. Nesse sentido, na proposta terapêutica do grupo, os sujeitos são levados a questionar, e os terapeutas da linguagem interpretam e põem em questão o que foi dito pelos sujeitos, levando-os a fazerem reflexões sobre o próprio discurso. Para tanto, interessa-nos trabalhar com a Análise do Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux, na França, e discutida no Brasil por autores como Eni Orlandi e seguidores. Dessa forma, a AD funcionará como teoria de sustentação para analisar o discurso dos sujeitos com gagueira, assim como procedimento analítico que comporá a base do processo terapêutico deles. Com isso, constituímos recortes discursivos dos discursos de três participantes e os analisamos a partir dos procedimentos de análise da mesma teoria. Assim sendo, concluímos o trabalho, constatando a mudança de posição no discurso dos sujeitos investigados e determinando o espaço discursivo como o lugar da gagueira, problema esse arraigado às condições de produção daqueles que participam do funcionamento discursivo. Através das análises, também pudemos reconhecer que o grupo de terapia é um lugar de ressignificação dos discursos dos sujeitos e, respectivamente, de suas concepções de fluência e gagueira.

Palavras-chave: Gagueira, Análise do Discurso (AD), Grupo de Atendimento, Formação Discursiva (FD), Mudança de Posição.

ABSTRACT

Knowing that subject and language constitute intrinsically, this dissertation takes a position to circumscribe the discourse as genesis and place of emergence and continuity of stuttering, under the peculiar form of interlocution effect and senses, showing that it is possible to question the Discursive Formation (DF) of stuttering and take a new form-subject in DF fluency. Thus, its general objective is to analyze the change in position in the discursive formation of stuttering subjects participating in the Study and Attention to Stuttering Group (GEAG). As specific objectives: a) to identify the process of changing position in the discursive and ideological formations of the subjects; b) to identify the discursive memory and interdiscourse in discursive practices; c) to investigate the therapeutic strategies that generate fluency, stuttering or silencing effect in the discourse of stutterers. In this sense, within the therapeutic proposal of the group, subjects are motivated to question, and language therapists interpret and call into question what has been said by the subjects, leading them to make reflections on their own discourses. To this end, we are interested in working with Discourse Analysis (DA), founded by Michel Pêcheux, in France, and discussed in Brazil by authors such as Eni Orlandi and followers. Thus, the AD functioned both as support theory to analyze the speech of individuals with stuttering, and analytical procedure that will become the basis for their therapeutic process. Thereat, we convened discursive excerpts by three participants and analyzed them based on the analysis procedures suggested by the same theory. So, we conclude the work, noticing the change in position in the subjects' discourse and determining the discursive space as the place of stuttering – problem which is entrenched to the production conditions of those participating in the discursive functioning. Through the analyses, we also recognized that the therapy group is a reframing place for the subjects' discourse and, respectively, of their fluency and stuttering conceptions.

Keywords: stuttering, Discourse Analysis (DA), Group Service, Position Change.

INTRODUÇÃO	17
<u>CAPÍTULO I. O ESTADO DA ARTE</u>	23
1.1. Gagueira – a trajetória e os enleios de um sério problema.....	23
1.2. O Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG): “A arte de viver... É simplesmente arte de conviver”.....	44
1.3. Análise do Discurso de Linha Francesa (AD): “O discurso foi sempre para Michel Pêcheux o objeto de uma busca infinita”: A instauração arquitetônica de uma des-disciplina de entremeio.....	53
1.3.1. O funcionamento discursivo e o processo de identificação, contra-identificação e desidentificação nas formações discursivas dos sujeitos.....	69
1.4. A Perspectiva Linguístico-Discursiva: “a gagueira não está no sujeito, nem no ouvinte, mas se encontra no espaço intervalar – no discurso”.....	75
<u>CAPÍTULO II. PERCURSO METODOLÓGICO</u>	84
2.1. Análise do Discurso (AD) - como Dispositivo de Análise: <i>uma Disciplina de interpretação</i>	84
2.2. Pesquisa qualitativa, Constituição do <i>Corpus</i> Discursivo e Considerações Éticas.....	87
<u>CAPÍTULO III. A MUDANÇA DE POSIÇÃO NA FORMAÇÃO DISCURSIVA EM SUJEITOS COM GAGUEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA</u>	96

3.1. Sobre o Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG): um espaço de significação e ressignificação para o discurso dos sujeitos com gagueira e para sua imagem de si.....	96
3.2. A família e o sujeito-gago: é possível que a primeira funcione como constitutiva da gagueira sofrimento?.....	103
3.3. Sobre a política do silêncio: o discurso dos sujeitos-gagos que calam, no entanto, “o silêncio não fala, mas significa”.....	107
3.4. Sobre a previsão do erro: uma <i>ameaça que está prestes a acontecer</i>	111
3.5. Condições de produção: as formações imaginárias (FI _m) e o lugar que os sujeitos com gagueira ocupam na produção dos seus discursos.....	116
3.6. O antes e o depois no discurso dos sujeitos com gagueira: a mudança de posição nas FDs dos sujeitos analisados.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	135

INTRODUÇÃO

Ser professor é demonstrar a vontade para as lutas de aprendizagem, porque sempre haverá novas lutas para o homem em todas as circunstâncias da vida.

[Wilson Candeias Mota, “Em busca de uma nova geração de professores”].

A responsabilidade de um docente, entre tantas, independentemente da área, modalidade ou crises, deve ser o amor pelo ensino e por uma aprendizagem que liberte os interlocutores dos grilhões do preconceito e das amarras da ignorância, ajudando-os a lutar contra discursos nos quais não há reversibilidade. Esses discursos são gerados nas Formações Discursivas (FD) e Formações Ideológicas (FI)¹ e são reverberados por alguns indivíduos que expressam um comportamento cruel, por meio de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar o outro; assim, os que não se enquadrarem nesses padrões estabelecidos serão excluídos.

No entanto, “dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos, logo, nenhuma ordem opressora suportaria que os oprimidos todos, passassem a dizer: por quê?” (FREIRE, 1987, p.78). Na maioria das vezes, por desconhecer a instabilidade da fluência, a sociedade, em geral, exige do sujeito falante uma fala sem pausas prolongadas, hesitações ou repetições fonêmicas da parte daqueles que dialogam. Situações bem semelhantes àquelas que sofrem os sujeitos gogos, por exemplo, circunscritos em uma “ideologia do bem falar²”. Essa formação ignora a linguagem desses

¹ - Esses termos são concepções da Análise de Discurso de linha francesa (AD) e serão devidamente explicados, na 3ª seção, a partir dos estudos de Pêcheux (1988), Orlandi (1996), Leandro Ferreira (2001) e Indurky (2011).

² - Tal ideologia perpassa o imaginário social do cotidiano e sustenta relações de comunicação em que trechos de fala disfluente não são reconhecidos como linguagem, como se tivessem sentido; são reconhecidos apenas por sua forma. Essa recusa de sentido assume atitudes como: impaciência diante da fala da criança; solicitações para que fale com calma, para que respire antes de falar; arremedos; gozações e interpretação da como gaguejante (FRIEDMAN e PASSOS, 2007, p.147).

falantes e até interfere nela. O outro não admite erros e cobra uma fluência absoluta na fala, sem deslizos, erros e/ou falhas, questão destacada por Sílvia Friedman, pesquisadora que buscou a essência da gagueira em uma perspectiva que compreende o sujeito-gago, identificando-o numa ideologia do bem falar que estigmatiza o falante gago.

Assim como toda atividade comunicativa entre interlocutores, o discurso, de acordo com Brandão (2013), deve ser visto como uma atividade produtora de sentidos que se dá na interação entre sujeitos. O falante/ouvinte, escritor/leitor são seres situados num tempo histórico, num espaço geográfico; pertencem a uma comunidade, a um grupo e por isso carregam crenças, valores culturais, sociais. E, como agentes que se dispõem a lutar em favor de sujeitos silenciados por causa da gagueira, colocam-me a favor deles, procurando amenizar o preconceito, ajudando-os a ver que é possível, sim, mudar de posição, a partir do momento que passarmos a questionar a **FD da gagueira** e assumimos uma nova forma-sujeito na **FD da fluência**. Nesse processo, internalizamos que a fluência é sempre relativa e a gagueira faz parte do processo natural de linguagem. O que importa é fazermos-nos compreender no processo de funcionamento discursivo por nossos pares sociais.

E, entre tantos pares, existem sujeitos, que, como eu, circunscritos em uma ideologia que está veiculada, ou seja, colada nesses discursos, contribuem para acentuar as discussões, como um grito de alerta, não aceitando qualquer forma de discriminação que venha atrapalhar nas etapas de ensino-aprendizagem, convocando outros para o envolvimento nessa causa, afinal de contas, quantos silenciam, quando, na verdade, desejariam falar e defender seus pontos de vista. Não o fazem, não se posicionam por medo e/ou incompreensão. Logo, “é por isso que dizemos que não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem” (BRANDÃO, 2013, p.08).

No ano de dois mil e catorze, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de

Pernambuco - PPGCL/UNICAP, curso de Mestrado, linha de pesquisa: **aquisição, desenvolvimento e distúrbios da linguagem em suas diversas manifestações**, a leitura das pesquisas da orientadora desta dissertação causou grande impressão³, e nos levou a rever o projeto e começar a participar das sessões de terapia do Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira - (GEAG)⁴. Nesse espaço, encontramos sujeitos com queixas quanto ao mal que a gagueira lhe causava. Esse mesmo problema nos fez crescer identificado com alguns mitos, os quais nos cercaram no decorrer da infância e adolescência, até a juventude. O primeiro mito refere-se à crença de que um indivíduo nasce gago pelo fato de a mãe, durante a gravidez, *mangar/bulinar* algumas vezes do filho de uma vizinha *portador da gagueira*. O segundo mito diz que bater em um gago com *colher de pau virgem*, em algumas sextas-feiras, resolve o problema. Por fim, o pior e mais cruel de todos difunde a ideia de que a gagueira é uma doença sem cura, portanto, condenando a pessoa ao padecimento.

Todos esses mitos desconcertantes caíram por terra com a constatação, em meio a tantas reflexões proporcionadas ao longo das sessões de terapia do GEAG, de que não existe fluência absoluta e de que a forma como dizemos algo não deve ser vista como o mais importante no processo de linguagem. Na verdade, é o conteúdo que possibilitará deslizamentos de sentidos aos nossos interlocutores. Isto é, o ideal para um gago é simplesmente falar, posicionar-se sempre que inquietar-se com as situações ou, melhor dizendo, fazer-se compreender.

Foi rápido partir para questionar muitos dizeres sociais que reforçam a ideologia do bem falar e alimentam gradativamente um falante fluente idealizado. Dizeres que estão plenamente identificados com a ideia de fluência absoluta e de gagueira como sinônimo de incapacidade e impossibilidade. A

³ - A saber, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo, doutora em Letras e Linguística pela UFPB, Professora e Pesquisadora do PPGCL da UNICAP (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco), situando-se no projeto "Análise do Discurso: mo(vi)mento de interpretações".

⁴ - dividido em duas modalidades: uma para crianças e adolescentes e outra para os adultos. Também é composto por docentes e fonoaudiólogas que desenvolvem estudos e pesquisas nesse grupo de terapia.

partir da vivência no grupo, não nos vimos mais como sujeito-gago, oprimido e/ou silenciado, a partir daí, buscamos ouvir e simplesmente sermos entendidos pelos outros com o próprio linguajar; passando a vê-lo como natural.

A partir do movimento de discursos entre sujeitos-falantes-fluentes e aqueles que se apresentam gagos, resolvemos desenvolver um estudo sobre a mudança de posição nas formações discursivas dos sujeitos com gagueira participantes do GEAG, procurando compreender melhor a partir do olhar para este distúrbio **sob a ótica discursiva**, “que inclui, necessariamente, o sujeito e a linguagem em sua abordagem e vê a gagueira como um lugar de subjetivação discursiva” (AZEVEDO, 2000, p.118, grifo nosso).

Em meio a toda essa confluência de questões, elencamos algumas perguntas de pesquisa:

1. Que características subjetivas e objetivas apresenta o sujeito que entra no grupo, inserido em uma formação discursiva da gagueira?
2. Pode haver mudança de posição no sujeito que se vê como gago para uma outra posição, na qual se veja como sujeito fluente (considerando a fluência como relativa)?
 - 2.1 Como se dá a **contraidentificação** do sujeito na formação discursiva da gagueira?
 - 2.2 Como é o funcionamento da **desidentificação** do sujeito na formação discursiva da gagueira e a inserção na formação discursiva da fluência?
3. No Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG), *loco* da pesquisa, quais as estratégias que ajudam nessa mudança de posição?

Portanto, a nossa discussão está centrada no trabalho discursivo, que procura olhar a gagueira em grupos de atendimento, sob a perspectiva de se compreender a ótica linguístico-discursiva⁵. Na intenção de melhor situar o

⁵- Conforme Azevedo, (2000; 2006; 2013, p.162), quando olharmos o sujeito sob a ótica discursiva, a gagueira pode ser compreendida como um distúrbio dessa ordem, que apresenta

leitor, nesse momento mostraremos como está construída esta dissertação: a **Introdução** é o ponto de partida; proporcionando aos leitores uma ideia de onde nascem as reflexões construídas ao longo de toda a produção. Justificamos, assim, nossa pesquisa enquanto professor que deseja conhecer mais o assunto e divulgar maiores esclarecimentos em torno da mudança de posição nas formações discursivas de sujeitos com gagueira em grupo de atendimento terapêutico.

Para tanto, o trabalho está composto de três partes. Na primeira, o 1º capítulo, intitulado de **O Estado da Arte**, delineamos uma trajetória bibliográfica em torno do objeto de estudo Gagueira e da teoria da Análise do Discurso de linha francesa (AD), a serem desenvolvidos ao longo da dissertação. A partir das ideias expressas, iniciamos a organização com **um percurso sobre os caminhos atuais sobre a gagueira e seus estudiosos**. Arelado a isso, circunscrevemos **a história do Grupo de Estudos e atendimento à Gagueira (GEAG)**, desde a sua fundação até os dias atuais, como espaço terapêutico que possibilita uma ressignificação dos discursos dos sujeitos com gagueira. Posteriormente, no terceiro tópico, procuramos fundamentar a perspectiva teórica para este trabalho, **AD**, suas concepções, aproximações e o lugar do sujeito. E, por fim, debruçamo-nos sob **a perspectiva linguístico-discursiva, como possibilidade teórico-terapêutica** em grupo de atendimento.

No 2º capítulo, traçamos um **Percurso metodológico para a compreensão do sujeito-gago** na pesquisa desenvolvida, tomando por base o procedimento analítico, dito anteriormente e explicando o papel do analista do discurso, munido da teoria discursiva pecheuxtiana, frente aos discursos daqueles que participam do GEAG.

No 3º capítulo, **A mudança de posição na formação discursiva em sujeitos com gagueira: uma análise discursiva**, apresentamos as análises

uma relação direta com as condições de produção do discurso (relação de forças, de sentido e antecipação), caracterizada pela ocorrência de repetições de sons, sílabas, palavras ou frases, hesitações, prolongamentos de fonemas e/ou bloqueios tensos de sons.

dos discursos e dos respectivos resultados, com base nos conceitos teóricos da AD, conforme seu criador, o filósofo Michel Pécheux, e revistos por Eni Orlandi e outros estudiosos no Brasil.

1º CAPÍTULO: O ESTADO DA ARTE

Aprender é um processo que se dá ao longo da vida, permitindo-nos adquirir algo novo em qualquer idade. Aprender, portanto, envolve múltiplas dimensões: aprender a ser, aprender a fazer, aprender a perceber, aprender a viver junto, aprender a ouvir, aprender a falar, aprender a aprender, aprender que sempre estaremos aprendendo.

[COLL, 2002].

Da sua vivência cotidiana em respectivos contextos sócio-históricos, culturais e ideológicos, os sujeitos estarão incessantemente buscando respostas para suas multifacetadas inquietações humanas. E assim, nascem os problemas e, atrelado a eles, o pesquisador, que, de posse de um espírito investigativo, buscará por meio de gestos de leituras, aquietar ou aguçar ainda mais os seus maiores questionamentos.

Para que possamos dar andamento às principais interrogações que nos incitam, torna-se indispensável a busca incessante pelo conhecimento. Sendo assim, precisaremos nos debruçar sobre os muitos veículos de comunicação que respondem pelo fornecimento das informações que possibilitarão a aprendizagem e, conseqüentemente, ajudará a compor o objeto de estudo-análise.

Portanto, ao nos alicerçarmos em marcos teóricos que fundamentarão as principais questões discutidas ao longo desta dissertação, o presente capítulo está estruturado em cinco partes, possibilitando reflexões significativas àqueles que desejam trilhar os caminhos teórico-metodológicos traçados por seus idealizadores. Isso posto, realizaremos, na primeira seção, um percurso epistemológico em relação à gagueira, para isso, recorreremos a diferentes perspectivas teóricas e as repercussões sobre a temática em tela.

1.1. Gagueira – a trajetória e os enleios de um sério problema

Ler a gagueira vai além da sua decodificação – identificar o que lhe é externo. É uma leitura para aventureiros que almejam desvendar o que apenas palavras repetidas, prolongadas ou interrompidas não podem revelar.

[MENEZES, 2003]

Desde os tempos mais remotos até os dias atuais, as discussões em torno da gagueira engendram polêmicas entre diferentes públicos e, ao longo da história, vêm ganhando sentido sobre a sociedade e seus respectivos contextos. Assim, decidimos dividir os estudos em dois grandes grupos: os que focam o estudo da gagueira no sintoma manifesto e os que veem o sujeito em sua amplitude.

Na literatura fonoaudiológica, é possível identificarmos profissionais vinculados a uma determinada *escola*, sustentando sua prática clínica a partir de um corpo de crenças comuns. Nesse sentido, segundo Oliveira e Friedman (2006, p.01), “cada clínico que defende uma teoria sobre a gagueira, revela invariavelmente o paradigma⁶ que sustenta essa escolha, porque este lhe impõe uma moldura”. Portanto, há estudiosos que concentram suas pesquisas no âmbito dos sintomas, já outros se debruçam sobre a esfera do sujeito. Por isso, é relevante expormos aqui algumas filiações que, a partir da materialização de seus discursos, revelam seus respectivos posicionamentos. Em estudos recentes, Rocha (2015, p.11) informa-nos que “5% da população apresenta gagueira em algum momento de suas vidas – isso representa quase dez milhões de brasileiros” (ROCHA, 2015, p.11).

Desta forma, ao seguirmos a primeira perspectiva, a gagueira vista em seu sintoma manifesto, inicialmente, observamos Wendell Johnson (1955), sujeito que se via como gago desde a sua infância. Para ele, o problema não está no cérebro, na biologia, mas no comportamento aprendido, isto é, a

⁶ - Conforme Oliveira e Friedman (2006) é possível ver que é sob o efeito de dois paradigmas científicos que a clínica fonoaudiológica da gagueira se alinha, o cartesiano-positivista e o histórico-dialético.

gagueira não começaria na boca da criança, mas no ouvido dos pais. Esse fato tornou-se algo obsessivo, porque quando tinha falado normalmente até os 05-06 anos, um professor disse a seus pais que ele estava começando a apresentar a gagueira. Ao discorrer sobre aspectos biográficos do mencionado teórico, Gretchen Reynolds (2003) afirma que ele tinha uma gagueira acentuada, deixando-o muitas vezes sem fala. Sua pouca habilidade para falar o impeliu em direção à escrita e à literatura, e também desenvolveu nele um pendor para o humor burlesco, que o ajudava a se manter popular, apesar do silêncio. Mais tarde, segundo relatos dos sujeitos da pesquisa e registros históricos, para o pesquisador dar continuidade às suas ideias, procurou atrelar a gagueira a fatores externos e não a causas pessoais ou emocionais do ser humano.

Para isso, também instituiu um grupo composto por seis crianças, objetivando estudá-las. Desse modo, recrutou algumas crianças fluentes em um orfanato, para que, ao serem rotuladas como gagas, pudessem adquirir gagueira. O autor desejava provar que a gagueira pudesse ser trazida à tona em crianças não-gagas, mostrando, assim, que se tratava de um comportamento aprendido. O estudo fora pensado por Johnson, mas desenvolvido por sua discípula, Mary Tudor, que, para realizar exatamente esse experimento, estudaria se as crianças fluentes poderiam adquirir gagueira caso fossem rotuladas de gagas.

Todas as crianças deste grupo sofreram mudanças comportamentais evidentes, mudanças que lembravam muito as reações de inibição, suscetibilidade e embaraço encontradas em muitos adultos com gagueira em relação à sua fala. Houve uma tendência clara de as crianças se tornarem menos falantes. Durante as sessões as crianças balançavam os pés, falavam baixo, contorciam as mãos, engoliam seco, respiravam com dificuldade e colocavam a mão sobre a boca. Elas agiam como se tivessem gagueira, mas falavam perfeitamente bem (REYNOLDS, 2003, p.39).

Quão desastrosos foram os resultados desse infame experimento na vida daquelas crianças que serviram como verdadeiras cobaias para comprovações científicas que ainda insistem numa perspectiva que prioriza apenas o problema e seus sintomas, deixando, assim, totalmente à deriva o

sujeito em meio aos seus conflitos provocados pela gagueira. Só agora, após 76 anos, o estudo ainda tem causado espanto através das notícias em jornais e periódicos científicos. Pode-se digerir e avaliar o que o tal acontecimento nos diz sobre a origem das desordens da fala, bem como sobre a ética na ciência, a fragilidade das crianças e o ego de homens possuídos por uma obstinação.

Suas ideias mirabolantes causaram grandes sequelas, não apenas nas seis crianças postas em posição de total desumanidade, mas também naquela população em 1939, repercutindo até nos dias atuais “como um dos estudos mais antiéticos da história da ciência”. Posteriormente, a estudiosa elaborou e publicou o dossiê no *The New York Times* (REYNOLDS, 2003, p. 36). Portanto, ao entender que os pesquisadores naquele momento tentaram induzir gagueira em órfãos, submetendo-os à pressão psicológica, pretendendo provar que o problema era um comportamento aprendido, a corte de Iowa determinou, em 2007, que o estado pagasse uma indenização às vítimas do denominado *Estudo Monstro*⁷.

Também interessado em descrever a gagueira e propor sua terapêutica, trazemos à baila Charles Van Riper (1982), uma vez que quando pensamos numa abordagem positivista⁸ do problema em discussão, na área da Psicologia Experimental, é imprescindível levar em consideração os discursos do autor, que prescrevem a gagueira ao nível articulatório, concebido por ele como ato motor. Em *The nature of stuttering* (1982, p.01), já deixa bem claro que “a gagueira é um enigma, um quebra-cabeça complicado, multidimensionado, com muitas peças ainda faltando”. Segundo, ainda, o estudioso, tal fato está atrelado à situação de a carreira ocorrer quando o fluxo da fala é interrompido pela ruptura motora de um som, sílaba ou palavra quebrada ou pelas reações

⁷ - O mencionado estudo foi realizado no ano de 1939, e ficou assim conhecido, pelos seus métodos e da teoria que os pesquisadores queriam provar – que a gagueira é um comportamento aprendido e pode ser induzido em crianças através de condicionamento psicológico. De acordo com os resultados obtidos no estudo, nenhuma criança adquiriu gagueira, mas algumas se tornaram relutantes em falar e passaram a se comportar de maneira inibida. O estudo fazia as pessoas lembrarem os experimentos nazistas com seres humanos (REYNOLDS, 2003).

⁸ - Os estudos de Van Riper, ancorados nessa abordagem, propunham um controle dos sintomas e/ou comportamentos da gagueira. Levam em consideração o método quantitativo, assim, direcionam-se para uma perspectiva que aceita o comportamento humano como sendo resultados de forças, fatores, estruturas internas e externas que atuam sobre as pessoas, gerando resultados definitivos (PETRUSK, 2013).

do falante a isso. Quanto à definição exata da gagueira, sempre trouxe dificuldade e isso porque a única pessoa que sabe o que é, realmente, a gagueira é o próprio gago (*ibidem*, 1982).

Nesse ínterim, o pesquisador também se interessa em descrever a gagueira e faz um delineamento nos seus estudos, procurando separar os comportamentos expressos dos comportamentos encobertos. No primeiro caso, referem-se às situações em que há repetições, bloqueios e prolongamentos, essas reações aparecem como sintomas presentes no sujeito-gago. Agora, quando tratamos dos comportamentos encobertos, observamos que estão relacionados aos sentimentos, reações e atitudes de quem gagueja. Compreende-se, dessa forma, que esses, além de serem de difíceis definições, não propiciam uma objetividade necessária. Pensando a partir dessa perspectiva, Van Riper (1972) desconsiderava em suas discussões a possibilidade de a gagueira ter alguma relação com a psicologia ou ser originária dela.

Dentro dessas condições, Van Riper (1973), em *The treatment of stuttering*, apresenta-nos sua proposta terapêutica, com isso, informando que a gagueira não ultrapassa o estatuto de comportamento. A técnica denominada por ele de “gagueira fluente” propõe um controle dos sintomas/comportamentos da gagueira. Ao paciente, é dado o aprender de uma forma de gaguejar que seja livre de tensão, recompensada por manter-se bem socialmente. De maneira geral, essa proposta inclui, necessariamente, técnicas específicas para que o indivíduo mantenha-se fluente e, atrelado a isso, diminua o medo de gaguejar, através de exercícios comportamentais, como, por exemplo: anular a palavra gaguejada para, aos poucos, poder emitir com suavidade os fonemas que ele iria expressar, na verdade ele está apenas *corrigindo* comportamentos. Por fim, depreende-se que a proposta teórica em que este estudioso se ampara reduz a língua ao âmbito do comportamento verbal.

Ao realizar uma síntese didática, no sentido de pontuar as posições teóricas sobre a gagueira e os limites que delas decorrem na visão de alguns pesquisadores, Azevedo (2000) procura esclarecer-nos que Van Riper se tornou mundialmente conhecido no desenvolvimento de trabalhos nessa área,

quando procurou descrever sintomas, configurando os comportamentos expressos e os encobertos, percebendo o problema como além do visível. Os comportamentos encobertos, entretanto, não apresentam sustentação teórica necessária para o estatuto de conhecimento científico. Para o autor em destaque, “o sintoma é uma unidade aberta, transparente, uma vez que apresenta o sentido de comportamento. Sob a égide da terapêutica, um conjunto de técnicas, dispostas em ordem de complexidade” (AZEVEDO, 2000, p.18).

Em *On the end of his life*, Van Riper [1997](2014), aos 82 anos, escreve aos seus leitores. Nesse depoimento, ele retrata os enleios da gagueira e, atrelado a isso, suas muitas conquistas. Assim, circunscrevendo-se em uma posição de mudança, o estudioso afirma:

Tive uma gagueira grave com longos bloqueios acompanhados por contorções faciais e espasmos, que não apenas provocavam a rejeição de meus ouvintes, como também tornou minha comunicação quase impossível. Uma vez, quando pedi uma moça em namoro, a resposta foi: Não estou tão desesperada assim. **Eu me senti não apenas sem ajuda, mas também sem esperança. Me sentia nu em um mundo cheio de facas. Pensei em suicídio e tentei uma vez, mas falhei nisso também.** Se uma cartomante tivesse previsto que eu iria ter uma vida maravilhosa e recompensadora, eu teria rido na cara dela, amargamente. Mas, a despeito da minha gagueira, ou talvez até por causa da minha gagueira, eu tive essa vida maravilhosa e recompensadora. Posso olhar para trás com um sentimento de realização. Tive um trabalho fascinante, sendo pioneiro de uma nova profissão. Casei com uma mulher adorável, tive três filhos e nove netos; todos eles me deram o amor que eu ansiava, mas que nunca pensava que teria. Ganhei muito dinheiro com a venda dos livros que escrevi. Apareci no cinema, na TV e no rádio; proferi discursos para grandes plateias e ministrei palestras pelos Estados Unidos e em muitos outros países. Tive tudo o que eu quis e mais. Nesta minha idade avançada, posso dizer que estou satisfeito (VAN RIPER, [1997] (2014), p.03, grifo nosso).

Notamos que, apesar de tanto sofrimento, a partir dos dizeres do clássico e renomado autor, da área de Psicologia Experimental, que se dedicou com afinco aos estudos da gagueira, entre outras questões, porque sofreu na própria pele com as agruras do preconceito em decorrência do seu problema.

Ele conseguiu ir em frente e realizar-se, mesmo sendo um sujeito-gago. Vale ressaltar, ancorados nos dizeres de Petrusk (2013), que assim como Johnson, Van Riper era gago e falava a partir dessa posição. O estudioso demonstra exaustivamente, em sua obra, estratégias utilizadas pelo sujeito que gagueja e os aspectos emocionais pelos quais passam esses sujeitos quando submetidos a determinadas situações. É importante também frisar que as duas formas de observar a gagueira que apresentamos até aqui, encontram-se no ato da fala, relacionadas à articulação de sons ao tempo de duração de um espasmo. Ainda em seus escritos, o teórico relata que em determinadas situações – cantando, representando, falando sozinho, com crianças, animais – o sujeito-gago não gagueja, ou seja, reafirma que o sistema fono-articulatório não se encontra alterado.

Embora na maior parte dos casos a gagueira comece no momento da aquisição da linguagem, Simon (2005) acredita que o período relacionado a ela é também aquele em que a criança desenvolve rapidamente numerosas capacidades, em função de um ambiente particular. Ainda, segundo o pesquisador, conhecer os riscos que uma criança corre de tornar-se gaga consistirá em avaliar os fatores que provocam nela mal-estar e tensões. A intervenção sobre esses fatores deve ser um processo tão precoce quanto possível. Quando a criança gagueja, há vários anos, as características de seus distúrbios já estão fixadas. O autor também frisa que há risco de aparecer comportamentos e sentimentos reativos que aumentarão progressivamente e levarão a uma gagueira que, em sujeito adulto, dará a ele um estilo de vida muitas vezes doloroso. Portanto, “tratar esse distúrbio precocemente em uma criança, mesmo que sua motivação nunca esteja tão presente quanto no adolescente ou no adulto, é absolutamente necessário” (SIMON, 2005, p. 361).

Durante o processo de aquisição da linguagem, Bohnen (2014) comenta ser comum a criança, por exemplo, apresentar a gagueira que usualmente inicia ao redor dos três anos de idade, quando as habilidades fonoarticulatórias são adquiridas e expandidas. Isso não é uma simples coincidência, há muitas conexões e interações entre o desenvolvimento da linguagem e a emergência da gagueira na criança (*op. cit.*, 2014). Dentro desse contexto, de acordo com

Azevedo (2006, p.80), há uma convergência entre os autores em torno do período de aparecimento e manutenção do problema “– entre dois e seis anos de idade –, dos sintomas relacionados a ela: repetições de sílabas e palavras e prolongamentos de sons e, ainda, da causa: o próprio processo de aquisição de linguagem”. A estudiosa ainda ressalta que ocorre tal situação nas publicações da área, quando se fala sobre a fase de gagueira denominada de fisiológica, mas por outros teóricos conhecida como gagueira natural.

A despeito da existência de várias teorias sobre a patofisiologia da gagueira (modelos de aprendizagem, modelos orgânicos, entre outros), Pereira (2014) esclarece que os estudos existentes fortemente sugerem que, independentemente da etiologia patofisiológica, o componente genético tem um papel fundamental na susceptibilidade à gagueira. De fato, várias fontes de evidência sugerem que tanto a gagueira transitória como a persistente são influenciadas por fatores genéticos (*op. cit.*,2014).

Várias pesquisas também sugerem que a gagueira pode ser genética, decorrente de disfunções fisiológicas ou de origem psicológica. Caiado (2014), no entanto, afirma que não existe nada conclusivo. De qualquer forma, é fundamental como ponto de partida que pais e professores saibam diferenciar quando a criança realmente manifesta a gagueira.

Há muitos anos, sabe-se que a gagueira, de acordo com Merlo (2014), não ocorre aleatoriamente na população, mas tende a se concentrar em determinadas famílias. A maior parte dos estudos genéticos indica a possibilidade de a gagueira ser transmitida por herança poligênica ao invés de gene único, o que quer dizer que haveria alguns poucos genes responsáveis pela gagueira e não apenas um só. Aproximadamente metade das pessoas que gaguejam têm pais, irmãos, filhos, tios, primos, avós e/ou netos com gagueira. O que é transmitido geneticamente é a tendência para gaguejar, mas não a gagueira em si. É imprescindível deixar claro que o fato de apresentar herança genética para a gagueira não implica, necessariamente, manifestá-la. A manifestação da gagueira sempre dependerá da interação com o ambiente (MERLO, 2014).

A genética influencia de modo marcante na tipologia da gagueira, ou seja, se a gagueira de um membro da família é caracterizada por bloqueios, provavelmente, os outros membros também apresentarão bloqueios. Ao passo que, em outra família, a gagueira pode ser mais caracterizada por repetições de sílabas e bloqueios, por outro lado, a genética não parece influenciar de modo marcante na transmissão da gravidade da gagueira. Para a pesquisadora, dessa forma, a gravidade da gagueira é mais influenciada por outros fatores – linguísticos, emocionais e/ou sociais (*op. cit.*, 2014).

Muitas vezes, a gagueira ocasionada por lesão neurológica é chamada de neurogênica ou adquirida. Para a autora (2014), esses termos não são bons, porque podem dar a entender que não existe comprometimento neurológico na gagueira ocasionada por herança genética. Acredita-se que aproximadamente metade das gagueiras iniciadas na infância seja em decorrência de lesão cerebral precoce nos núcleos da base (ou em regiões que se conectam a eles). Indícios de ocorrência de lesão cerebral precoce incluem: hipóxia pré ou perinatal, prematuridade e concussão cerebral (traumatismo craniano fechado com estado alterado de consciência). Crianças que gaguejam e que apresentam indício de lesão neurológica costumam ser mais desatentas e/ou hiperativas do que a média, exibindo traços do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), mas geralmente sem um número suficiente de sintomas para caracterizar um quadro clínico desse transtorno.

Na verdade, tal lesão nos núcleos da base (ou em regiões que se conectam a eles) também pode ocorrer na idade adulta e tende a ser originada por acidente vascular cerebral (derrame cerebral), traumatismo craniano ou doenças neurodegenerativas (como esclerose múltipla). O início da gagueira tende a ser abrupto, geralmente sendo verificado logo após a ocorrência da lesão. Se a lesão for extensa, comprometendo diversas estruturas cerebrais além dos núcleos da base, a fluência tende a não melhorar significativamente em situações como canto, leitura em coro e *feedback* auditivo atrasado. A pessoa geralmente está consciente de seu distúrbio de fala. As hesitações/disfluências gaguejadas mais comuns tendem a ser as repetições de sílabas e os prolongamentos iniciais de sons; bloqueios são mais raros. Os

comportamentos acessórios e os comportamentos de fuga e evitação tendem a ser pouco frequentes (MERLO, 2014).

Por outro lado, a gagueira adquirida ou neurogênica, segundo Andrade (2014), “acomete falantes fluentes, em decorrência de um dano cerebral de origem vascular ou traumática”, [...]. Já a gagueira psicogênica “é causada por algum evento psicológico identificável (traumático ou de conflito emocional) ou é associada aos quadros psiquiátricos” (ANDRADE, 2014, p. 424). Há 10 anos, ainda, conforme a pesquisadora (2014), não existia (e ainda não existe) um conselho sobre a definição de gagueira, sobre a existência ou não de subtipos de distúrbio e sobre uma possível etiologia de diferenciação entre a gagueira recuperada ou persistente. Em síntese, atualmente se aceita que a gagueira seja um distúrbio de aspecto multidimensional, ou seja, mesmo com fatores hereditários positivos, a influência ambiental poderá ou não contribuir para o desenvolvimento do distúrbio. A relação estaria baseada no equilíbrio ou desequilíbrio entre a demanda social (o que é esperado do falante) e a capacidade do indivíduo (inerente ou adquirida) em termos de precisão linguística e motora à fala.

Em termos teóricos, o processo que gera as disfluências é o mesmo em todos os falantes. O grau de fluência varia de indivíduo para indivíduo e, dependendo do dia, das emoções, do domínio sobre o tom da conversa e das diferentes situações de fala do dia a dia, essas variações podem ocorrer num mesmo indivíduo. Andrade (2014) ainda endossa que uma primeira consideração a ser levantada sobre a gagueira é que, por não se tratar de uma entidade nosológica única, ela tem uma característica multidimensional. Se, por um lado, seus atributos necessários são uma taxa elevada de determinados tipos de rupturas, por outro envolve mais que os comportamentos observados (ANDRADE, 2014, p. 423).

Em relação aos atributos necessários, a gagueira pode ser definida pelas rupturas involuntárias do fluxo da fala, caracterizadas de sons e de sílabas, prolongamentos de sons, bloqueios (posições pré-articulatórias ou articulatórias fixas), pausas extensas e intrusões nas palavras (sons ou

segmentos fonológicos não pertinentes); essas alterações diminuem a velocidade da fala e provocam um grau de rompimento acima da taxa pertinente à idade do falante. Saliente-se que, dentro dessa consideração, três subgrupos de gagueira podem ser definidos: idiopática ou do desenvolvimento, neurogênica e psicogênica. Dentro do primeiro ponto de vista, a gagueira tem início na infância (em geral, entre 18 meses e 07 anos, podendo ocorrer até doze anos), durante a fase de aquisição e desenvolvimento da linguagem, e “se caracteriza como um distúrbio crônico, mesmo que apresente períodos cíclicos de fluência” (*op. cit.*, p.424). Esse subtipo é encontrado em cerca de 80% do total dos casos de gagueira identificados na infância, e a prevalência do distúrbio (ou seja, a taxa de cronicidade na adolescência e na vida adulta) é de 20%.

Em resumo, a gagueira idiopática pode ser definida como o resultado de uma disfunção do sistema nervoso central (controle motor e temporal da fala), com base genética (modelo de transmissão poligênica-multifatorial), que, em sua evolução, pode acarretar impactos psicológicos e mau ajustamento social, em decorrência de fatores pessoais e ambientais que ainda não foram suficientemente compreendidos (*Ibidem*, 2014).

Até o momento, em termos causais, em consonância com as afirmações de Andrade (1999), o modelo multifatorial poligênico para a gagueira parece ser o que melhor atende as características dessa patologia. Diante dos avanços nas pesquisas de hereditariedade para a gagueira (que não mais permitem a manutenção de um confortável conservadorismo – a gagueira como patologia exclusivamente psicossocial – de muitos profissionais da saúde, refletido nas formas de tratamento disponíveis para a população) é importante que se amplie a compreensão de como é efetuada essa interação entre fatores ambientais individuais e genéticos. É também importante que não se minimize a contribuição da influência ambiental como predisponente para a instalação e desenvolvimento da gagueira, mesmo porque os tratamentos preventivos mais eficientes para a intercepção da evolução dessa patologia envolvem dos componentes linguísticos e componentes familiares (ANDRADE, 1999).

Ainda nessa direção, segundo Gerhardt (2014), a multifatorialidade da gagueira também pode ser considerada uma evidência da complexidade de toda condição humana, a qual não envolve somente aspectos biológicos e genéticos - estes, em princípio, mais facilmente mensuráveis pelos sofisticados aparelhos que o desenvolvimento tecnológico atual disponibiliza-nos. Mas envolve também aspectos relacionados ao comportamento e a uma psique humana a um só tempo individual e coletiva, numa articulação que obstrui consideravelmente os movimentos em direção à causa única para o sofrimento de quem gagueja. Portanto, na abordagem sócio-cognitiva, os elementos psicológicos e comportamentais presentes na mente da pessoa que gagueja em interação com seus semelhantes, transformam-se em componentes do processo de mesclagem conceptual⁹, o que os torna manipuláveis e discrimináveis qualitativamente, não apenas para efeito de pesquisa, como também para autoconhecimento da pessoa que gagueja: num plano, os fatos em sua ontologia; noutra plano, as condições epistêmicas para sua validação.

Nota-se claramente, a partir dos dizeres da autora (2014), o salto qualitativo que a pessoa que gagueja opera na busca da compreensão de si mesma, quando percebe que está fazendo equivaler conceitos que poderiam perfeitamente ser diferenciados, como, por exemplo, a identidade da pessoa como alguém que gagueja, e a qualidade de sua fala, bem como do conteúdo do seu discurso, aspectos facilmente atreláveis na mente da pessoa que gagueja - e também na de muitos que não gaguejam. Portanto, a investigação pormenorizada do que ocorre quando uma pessoa que gagueja pode ajudar aos profissionais e pesquisadores a refletir sobre como a sua mente se articula ao seu comportamento perceptível - os momentos em que se sente mais tensa e cobrada, relativamente às situações em que está mais relaxada e despreocupada, e em como tais sentimentos influem na qualidade da sua fala. Mas, sobretudo, essa consciência traz à pessoa que gagueja a possibilidade de reconhecer nitidamente, nos momentos de interação, os aspectos que são inerentes à sua pessoa e, talvez, portanto ela não possa mudar, em confronto

⁹ - São conceitos que resultam na formação das imagens que fazemos das outras pessoas bem como de nós mesmos, sendo que nessas duas imagens estão mescladas expectativas, juízos pré-estabelecidos e hipóteses especulativas acerca do que nós pensamos sobre nós mesmos e sobre os outros, e do que os outros pensam sobre nós (GERHARDT, 2014).

com alguns outros que podem ser devidamente compreendidos, amadurecidos e transformados, num processo de demarcação e visualização progressiva de cada um deles, e de como eles funcionam para que ela afirme seu espaço e sua identidade diante das outras pessoas (GERHARDT, 2014).

De certo, a gagueira é uma fonte geradora de muitos conflitos que se refletem em sofrimentos pessoais dos sujeitos. É um assunto permeado de várias especulações em relação à origem, causas e tratamentos entre os seus principais estudiosos. Desse modo, palco de diferentes filiações teóricas que abrangem algumas áreas do conhecimento, entre elas, a Fonoaudiologia, a Psicologia e a Medicina, áreas que, em geral, privilegiam o problema e deixam de lado o sujeito e a linguagem, quando ambos, “se encontram indissolúvelmente atrelados, pois sujeito e linguagem se constituem mutuamente” (AZEVEDO, 2000, p.03).

Assim, a partir deste momento, passaremos a estudar a gagueira via perspectivas que evidenciam o sujeito em sua amplitude.

Na verdade, é imprescindível atenuarmos as pesquisas em relação ao tema em curso, pois tem havido muitas repercussões, atestando que o problema – conforme uma tendência normativa social – constrói “a personagem de bom falante”¹⁰, como bem coloca Friedman (1986), e exige-se a necessidade de ajustamento na ideologia do bem falar. Em meio a todas às férteis discussões, Friedman (1986; 2004) surge como uma autora inovadora, que discute uma nova forma de se pensar a gagueira, a partir do olhar da Psicologia Social, posicionando-se contra técnicas que somente objetivem o controle da fala. Diante disso, ela faz um importante estado da arte, traz e apresenta-nos as teorias orgânicas, que associam a gagueira a causas neurológicas como epilepsia, lesões cerebrais, afasia, dominância cerebral

¹⁰ - Estabelece-se, então, uma dialética entre um padrão de relações de comunicação, um movimento de consciência voltado para o planejamento da atividade articulatória espontânea, capaz de determinar, na construção da identidade a formação de *uma imagem de mau falante ou uma imagem estigmatizada de falante*. Assim, a manifestação da gagueira, como um estado permanente da fala do indivíduo, é determinada por conteúdos contraditórios e são acompanhados de ativações emocionais, tais como: nervosismo, intimidação e vergonha, e reforçam o comportamento paradoxal de querer controlar o espontâneo (FRIEDMAN, 1994, p.28-29).

mínima, retardo na mielinização das áreas corticais relacionadas à fala. Relaciona-se a gagueira também a causas congênitas hereditárias, metabólicas organo-anatômicas, traumáticas. Com relação às teorias da aprendizagem, as mesmas expõem a gagueira como adquirida no processo de desenvolvimento da criança por condicionamento operante, existindo o reforço negativo à disfluência normal da fala; por condicionamento clássico, quando emoções negativas relacionadas à fala ficam condicionadas a determinados estímulos e, sempre que estes entrem em contato com o indivíduo desencadeando a gagueira.

Já as teorias psicológicas, acreditam que a gagueira manifesta-se como sintoma de conflitos intrapsíquicos como padrões afetivos antagônicos que provocam a ruptura da fala; conflito entre o querer falar e não falar; necessidades básicas sexuais inconscientes não resolvidas (fixação oral ou anal), dentre outras, todas as perturbações oriundas do inconsciente impedem o sujeito de falar. Já as teorias sociais, associa o problema às questões externas, isto é, nas relações com os outros e não nos indivíduos (FRIEDMAN, 1986; 2004).

Compreendendo a gagueira a partir da Psicanálise e vinculando-a a um sintoma das neuroses, Cunha e Gomes (2002, p.72), explicam que “entendemos as neuroses como um distúrbio psicogênico no qual os sintomas representam um conflito psíquico que se origina na história infantil do indivíduo”. A temática desse conflito é a constituição da identidade. Particularmente, interessam-se por duas formas de neurose: a histeria da conversão e a obsessão que, a partir do conflito Inconsciente-Consciente¹¹, pode-se assim delimitar as diferenças entre histeria de conversão e obsessão.

Ao estudar a temática *in loco*, Azevedo (2000; 2006; 2013) discute sobre a origem, a interpretação e a oposição fala *versus* língua, considerando a ótica linguístico-discursiva¹².

¹¹ - O primeiro está relacionado ao campo da dos desejos, a pulsão, já o Consciente, trata-se da permissão para a realização dos desejos e das pulsões (CUNHA e GOMES, 2002).

¹² - Na sessão: A Perspectiva Linguístico-Discursiva: “a gagueira não está no sujeito, nem no ouvinte, mas se encontra no espaço intervalar – no discurso” (p.75). Debruçamos-nos sob os aspectos dessa vertente e os principais estudos dessa teórica (entre outros) que se concentram no sujeito, tendo em vista a sua incompletude.

Nos contextos sociais, existe um padrão de fluência absoluta, o mito sobre a fluência da fala, a imagem de um sujeito falante que jamais gagueja ou em raras situações apresenta uma repetição silábica ou hesitação. Acerca disso, Friedman (2001; 2004) informa-nos que quando esse mito está presente no processo de socialização primária, pode levar a interpretações prejudiciais e indesejáveis de momentos de fala repetitivos. De acordo com a pesquisadora, abre-se a possibilidade de que sentidos negativos se ancorem subjetivamente às vivências da produção de fala. A visão de mau falante fará parte da versão de si como pessoa, dando lugar a uma subjetividade que se processa a partir de uma imagem estigmatizada de falante (FRIEDMAN, 2001).

Esse efeito gera um processo de previsões de aparecimento das disfluências, e, ainda, conforme Friedman (2004), e traços peculiares na produção da fala com efeitos de objetividade, especialmente o aparecimento de tensões musculares ao falar, inaugurando um novo modo de produção da fala. A esse processo subjetivo/objetivo de produção da fala chamamos de gagueira sofrimento (FRIEDMAN, 1986; 1994).

Num estudo sobre a temática em debate, em *Cartas a um paciente: um processo de terapia para a gagueira*, as pesquisas de Friedman (2012), mostram que, superando a noção de causa, que reduz muito as razões que levam ao desenvolvimento da gagueira, antes de uma pessoa vir a manifestar o problema, exatamente no período da primeira infância, quando a criança está desenvolvendo sua fala, ou seja, está aprendendo a falar, ela viveu situações nas quais sua forma de fala não foi aceita pelos adultos responsáveis por ela. As crianças, à medida que vão crescendo, vão aprendendo as coisas do mundo que as cerca e dentre elas vão apreendendo também a linguagem. Este processo de apreensão é altamente complexo e por isso ocorre e é natural que ocorram imperfeições quando a criança fala.

Depreende-se então, conforme a supracitada teórica, que a gagueira é um momento da fala, não a fala como um todo e, com ou sem gagueira, sempre existem momentos de fluência, o que revela que quem gagueja tem também a capacidade de ser fluente. Cada vez que se pensa que precisa falar

sem gaguejar está, sem perceber, reforçando a ideia de gaguejar, está reforçando a crença da gagueira. Essa espera da gagueira, ou constante antecipação¹³ a ela é o que condiciona a fala a um permanente estado de tensão e ao uso de truques para falar bem. Portanto, conhecer a fala significa conhecer o mecanismo através do qual se produz. Com isso, aplica-se a possibilidade de ver que os movimentos que fazemos para falar, quer dizer, os movimentos articulatórios, acontecem com tanta rapidez que a mente não consegue percebê-los nitidamente e nem precisa fazê-lo, já que eles são automáticos (FRIEDMAN, 2012).

Do mesmo modo, as pessoas em geral quando pensam em gagueira, pensam em dificuldade para falar. O gago, por pensar que o seu problema é *dificuldade para falar*, acostuma-se a se esforçar, a lutar para falar bem, e a fala com gagueira é apenas um retrato desse esforço, dessa luta feita para falar bem. Infelizmente este procedimento nunca leva ao bem falar. Este comportamento só leva a uma fala com luta, infinitamente. Toda essa maneira de estar preocupado com o bem falar, que implica que a pessoa duvida da sua capacidade de fazê-lo, mostra que o falar, para essa pessoa, está associado a um contexto emocional negativo¹⁴. Conforme os anos vão se passando, “a criança vai se tornando adolescente, depois adulto, sempre abrigando dentro de si a realidade que se criou na primeira infância, que é a que fala mal e precisa falar bem” (*Ibidem*, 2012, p.19).

¹³ - De acordo com Friedman (1988, p.39), “antecipar que fala mal, duvidar da habilidade automática de falar é um costume que condiciona o hábito de não se deixar fluir na fala, mas sim, trocar palavras que pensa que não vai conseguir falar, ou apertar a boca para falar certos sons, ou respirar fundo antes de falar, ficar tenso e com isso criar condições ruins de fala. Acreditando que não pode falar bem, acaba antecipando, toda vez que vai falar, que as palavras não vão sair. Quer dizer, antes de falar, você já sabe por antecipação que não vai falar bem e acaba inventando comportamentos para falar bem”.

¹⁴ - Tal situação se desenvolve na primeira infância e por isso está calcado no íntimo do indivíduo, isto é, na sua AUTOIMAGEM. A emoção negativa associada ao ato de falar denuncia a existência de uma AUTOIMAGEM de mau falante. Como essa AUTOIMAGEM não se harmoniza com aquilo que consideramos a IMAGEM desejável para nos mostrarmos aos outros, lutamos para escondê-la, não deixá-la aparecer. E **essa luta** que aparece ao falarmos com os outros é exatamente porque a nossa imagem de falante não se harmoniza com a imagem que consideramos *socialmente desejável* que o ato de falar está associado a um contexto emocional negativo (FRIEDMAN, 2012, p.66, grifo nosso).

Portanto, sempre abrigando dentro de si uma situação tensa diante da necessidade de falar, que aparentemente não tem solução. Nessa perspectiva, quanto mais ela quer falar direito, menos consegue fazê-lo e isso porque ela aprendeu a acreditar, durante a infância, que não fala bem. Em outras palavras, isso quer dizer que quanto maior é a necessidade de falar bem, tanto maior se torna o fato de que não se fala bem. Com tudo isso, uma ideia se tornará clara na mente da criança: a ideia de que fala mal e, se a situação descrita for bastante duradoura, isso se tornará parte da imagem que terá de si como falante e, portanto, da sua identidade. Assim, de acordo com a estudiosa:

Ela se identificará como alguém que fala mal e a sua personalidade se tornará com esse conteúdo como verdadeiro. Nesse contexto ela lutará, ou se esforçará para falar bem. Pronto, assim a gagueira está instalada, porque não é possível ter uma imagem de si como mau falante e, por isso mesmo ser impelido e se esforçar para falar bem e sob estas condições, obter realmente uma boa fala. Vendo-se como mau falante e lutando para falar bem, a fala se torna tensa e na verdade nunca sai bem. **O bom falante é acredita na sua fala e nem pensa sobre sua articulação** (FRIEDMAN, 2012, p.12, grifo nosso).

Como podemos observar, é ainda na infância, ou seja, através do processo natural de aquisição da linguagem – diante de uma gagueira natural, que a criança, não sendo compreendida pelos adultos, começará a constituir sua identidade com a imagem estigmatizada de falante, porque simplesmente, ao deslizar sobre uma articulação revela que a fala sempre é tracejada de uma fluência puramente relativa. No âmbito dos construtos teóricos em evidência, nota-se que algumas afirmações convergem para a teoria social, enfatizando, bem mais especificamente, a família e a escola como variáveis que interferem no desenvolvimento da fala com gagueira. Este comportamento de não aceitação da fala, segundo os estudos de Azevedo (2000; 2006) e Friedman (2004), se concretiza em elocuições como: *“fale devagar”*, *“fale direito”*, *“acalme-se”*, *“pense antes de falar”* ou expressões de desagrado. Isso já foi relatado no consultório pelos pais de crianças gagas e em relatos de adultos historicizando sua fala na infância.

A partir de estudos que detêm a visão de que o sujeito se constitui no espaço interspíquico, Friedman e Passos (2007) compartilham que a gagueira é entendida como um padrão de funcionamento discursivo que se constitui no processo de formação do sujeito e, sendo assim, implica relações intersubjetivas. É vista como um padrão que, do ponto de vista subjetivo, envolve sofrimento na produção de fala e, do ponto de vista intersubjetivo, sustenta-se por uma imagem estigmatizada de falante (FRIEDMAN; PASSOS, 2007).

Considerando a fala como atividade que envolve uma relação de implicação entre o simbólico, o subjetivo e o social, entende-se que a fluência não se revela como funcionamento homogêneo e previsível, mas como funcionamento cujos limites estão sujeitos a instabilidades [do tipo] lapsos, esquecimentos, hesitações, quebras e descontinuidades, que são parte integrante e ativa do que se pode entender como fluência de fala (FRIEDMAN, 2004), isso significa que o modo espontâneo de falar se entretetece entre fluir e disfluir com base nas relações inter e intrassubjetivas singulares.

Nesse sentido, entende-se disfluência como ocorrência de lapsos e rupturas na produção do discurso, determinados pelas condições subjetivas e intersubjetivas que envolvem os falantes e que não afetam nem se constituem problema para a pessoa que os produz, sendo antes sua forma possível de produzir certos trechos do discurso. Esses trechos geralmente se apresentam em um contexto de maior carga afetiva, são mais complexos quanto à organização lógica, envolvem o esquecimento de alguma palavra ou a concorrência entre palavras, não são do pleno domínio cognitivo do falante, entre outras possibilidades geradoras de rupturas discursivas (FRIEDMAN; PASSOS, 2007).

A gagueira como sofrimento na produção da fala constitui-se na infância, em geral nos primeiros cinco anos de vida, período que corresponde à formação de uma má imagem de si. E se constitui no contexto de relações intersubjetivas marcadas por forte carga afetiva, como as que se estabelecem nas relações parentais e nas escolares, sobredeterminados por uma ideologia

de senso comum que toma a fluência como absoluta (sem disfluências), à qual temos denominado ideologia de bem falar (*Ibidem*, 2007).

Sobre essa “ideologia do bem falar”, Friedman (1994) expõe que tal formação ignora as dificuldades inerentes ao desenvolvimento da fala e da linguagem, a autora assim afirma:

As falhas articulatórias que se constituem em disfluências fazem parte da produção da fala e variam conforme as circunstâncias envolvidas e as características de cada sujeito, ou seja, quanto mais jovem, menor domínio motor da fala e regras da língua, que serão progressivamente incorporadas (FRIEDMAN, 1994, p.14).

É no interior de uma sociedade que não admite erros na fala e interdita os momentos naturais de gagueira do sujeito, que a *ideologia do bem falar* fixa-se nos discursos dos indivíduos. Quer dizer, nesse clima de intolerância que a população não compreende inferir que todo ser humano tem especificidades quanto ao desenvolvimento da linguagem. Por isso acaba esquecendo-se que, inclusive, as instabilidades articulatórias, que constituem a gagueira, fazem parte do processo natural de aquisição da linguagem.

Em consequência disso, a partir da interação que se estabelece inicialmente na família, esta, ao não aceitar a forma de falar da criança, não respeitando seu processo de desenvolvimento de linguagem, deixa claro que ela não falou como deveria. Dessa forma, cristaliza-se uma autoimagem negativa, uma representação de mau falante (FRIEDMAN, 1994). Ao comungar com os dizeres em tela, Laufer (2001) assevera que gagueira é uma identidade constituída pela relação com o outro. Mais que uma necessidade de adaptação a uma tendência, *prescritiva, normativa e social* atrelada à ideologia do bem falar, o sujeito deve procurar conhecer de onde se engendra sua gagueira, quais as consequências em sua vida, ter autoconfiança na integridade de sua capacidade fonoarticulatória, pois devemos vivenciar a linguagem como atividade que transforma autoestima, sentimentos, emoções e, conseqüentemente, a gagueira (LAUFER, 2001).

Em meio a toda confluência de questões/pensamentos, há quem pense ser tal realidade uma doença e, conseqüentemente, não tem cura. Diante

dessa questão, Friedman (2014) reitera que, embora existam profissionais que considerem a gagueira uma patologia sem cura, mas com controle, há quem sustente que ela tem cura. Conforme ainda a autora, a visão de que a gagueira não tem cura está apoiada na hipótese de que sua causa é orgânica. Com base nela, cientistas têm investigado aspectos neurológicos e genéticos. Nenhuma pesquisa, entretanto, chegou, até o momento, a uma resposta conclusiva, que demonstre de modo irrefutável o que no organismo explica a gagueira (FRIEDMAN, 2014).

Nessa mesma linha de pensamento, muitos acreditam: “uma vez gago para sempre gago”, ou seja, é impossível haver uma mudança de posição nos sujeitos que possuem a gagueira, em que ele seja um sujeito-falante-fluente, com a ajuda de terapia em grupo de estudo e atendimento. Como existem outros modelos, além do orgânico, por meio dos quais o conhecimento científico, pode ser construído, há quem pesquise como a gagueira se constitui a partir da vida de relação. Este tipo de pesquisa está apoiada na compreensão de a vida de relação – que se refere a nossa vida em sociedade; às relações que estabelecemos com os outros – pode imprimir marcas em circuitos neuronais, sem que o corpo tenha qualquer predisposição para tal, marcas que influenciam o modo de ser da pessoa: seus pensamentos, sentimentos e ações (*op. cit.*, 2014).

No fluir do discurso, Scarpa (1995) apresenta relevantes considerações sobre fluência e disfluência no sujeito e revela que ambas dependem da relação do agente comunicador com a língua. Inicialmente, ao buscar um conceito de fluência na literatura, conclui que esta noção se dá pelo seu contrário, ou seja, a primeira é o termo não marcado, ideal, produtivo, enquanto que a disfluência é o problemático, não produtivo. Analisando os discursos de crianças na faixa etária de 22 meses a 03 anos, constata:

Trechos fluentes são os já ajeitados, conhecidos, analisados ou – na maioria dos casos, congelados, vêm em bloco. Os disfluentes são aqueles em construção, instáveis, com tentativas infrutíferas de segmentação em blocos prosódicos; supõem passos mais complexos tanto paradigmática quanto sintagmaticamente na elaboração do enunciado. Autoria vs. não autoria, discurso próprio vs. discurso do outro parecem ser

também traços que vale a pena levantar enquanto hipótese de elaboração formal dos enunciados nesta faixa etária (SCARPA, 1995, p.171).

A pesquisadora nos faz atentar para o fato de que o sujeito dito fluente é uma abstração, uma vez que a linguagem apresenta, por sua própria constituição, as características de falta e incompletude, logo “os discursos transitam por outros discursos e quem faz a fluência é o outro. O outro recompõe as disfluências e imperfeições da fala”. Encontra um lugar para a disfluência: prosodicamente, a disfluência não ocorre nos trechos nucleares, mas nos periféricos e fronteirços e, mais adiante, subjetivação nas fronteiras da segmentação e nos trechos não-nucleares: aí ocorre a disfluência (SCARPA, 1995,p.176). Ancorando-se no dizer de Scarpa (1995) e na AD, Azevedo (2000) afirma que a disfluência é o lugar de subjetivação, o espaço em que a língua, enquanto outro faz efeito no sujeito e ele joga com ela, descobre regras e é levado a assemelhar-se à fala do adulto. Esta disfluência é constituinte do sujeito e permanece até a idade adulta, uma vez que o conceito de fluência é ideal.

Nesse espaço, Petrusky (2013) procurando esclarecer-nos em relação ao que seja um distúrbio da linguagem, afirma que, “trata-se de uma interrupção de uma continuidade (da fala), assim, o sujeito que gagueja é fluente e apresenta momentos de gagueira e não o inverso” (PETRUSK, 2013, p.15). Portanto, afastando-se daquele pensamento que vincula a gagueira como uma doença de uma maneira geral. Dessa forma, a complexidade da gagueira, longe de ser um impedimento à sua visualização, precisa se tornar um convite ao seu conhecer, à sua compreensão como objeto de estudo – enfim, à descoberta das perguntas, num tempo em que quase todos desejam resultados, respostas, como bem já disse o escritor José Saramago (GERHARDT, 2014).

Portanto, na segunda seção, propiciaremos aos interessados a história do Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG), do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL-UNICAP), desde a sua fundação até os dias atuais,

como um espaço composto por terapeutas da linguagem, profissionais esses que têm ajudado os sujeitos-gagos a refletirem sobre muitas questões que o fazem pensar e, então, ressignificar seus papéis nos respectivos contextos sociais, históricos e culturais em que estão inseridos.

1.2. O Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG): “a arte de viver.. é simplesmente arte de conviver...”

A palavra sagra os reis, exorciza os possessos, efetiva os encantamentos. Capaz de muitos usos, também é a bala dos desarmados e o bicho que descobrirá as carcaças podres.

[LINS, 1973, p.261].

Os seres humanos enquanto sujeitos históricos, sociais e ideológicos, nascerão, crescerão e, por fim, morrerão sempre circunscritos em respectivos grupos familiares, escolares, religiosos e profissionais, nessa trajetória seguirão aprendendo e ensinando em decorrência desses relacionamentos. É, em grupos, que os indivíduos “atravessarão experiências de alegria e tristeza, saúde e doença, sucesso e fracasso, podendo inclusive, obter as mudanças desejáveis” (BECHELLI; SANTOS, 2005, p. 250).

A preocupação com os estudos sobre grupo, mais particularmente nas ciências humanas e na saúde, conforme Friedman e Passos (2007), tomou força com o aparecimento das grandes crises mundiais, quando se tornou imperativo o trabalho com agrupamentos por conta da escassez de agentes de saúde. Foi especialmente sob o efeito da Primeira grande Guerra Mundial que Freud iniciou suas reflexões sobre o funcionamento grupal, ressaltando, no texto *Totem e tabu*, de 1914, a questão da autoridade (patriarcal, no caso), as identificações, as idealizações, as ações conjuntas, a coesão grupal etc. (*op. cit.*, p.142).

Registros apontam que intervenções com grupos, segundo Machado *et al* (2007), começaram a ser implementadas no Brasil na década de 1980. Mas tais práticas ainda consistiam em agilizar o atendimento e diminuir as listas de espera. De qualquer maneira, podemos observar na literatura fonoaudiológica,

“a partir de meados de 1990, não só uma ampliação de relatos e estudos acerca de práticas grupais, como o aprofundamento teórico em torno destas¹⁵”. Alguns desses trabalhos, além de propostas de terapia grupal, sugerem, especialmente no contexto da Saúde Pública, a constituição de grupos como possibilidades de intervenções preventivas e educativas, que visem à promoção da saúde e da linguagem. Portanto, de uma iniciativa com caráter preferencialmente funcional, ou seja, que planejava ampliar o número de sujeitos atendidos para dar conta da demanda do Sistema Público de Saúde, a intervenção terapêutica grupal passou a ser considerada por grupos de fonoaudiólogos uma possibilidade de ação terapêutica diferente da individual (*ibidem*, 2007).

Para as autoras, nesse contexto, torna-se relevante dizer que há uma distinção entre grupo e agrupamento. De maneira que, o primeiro passa a existir a partir do momento em que as pessoas constroem uma representação interna de si e dos demais membros do grupo, passando a fazer parte do grupo interno de cada um. Já o segundo está resumido e constitui-se, tão somente, por um conjunto de pessoas que convive partilhando de um mesmo espaço. De qualquer forma, “a configuração do grupo pressupõe que os sujeitos assumam uma posição de interlocutores uns dos outros e, sendo assim, a condição de sujeitos na dinâmica do grupo” (MACHADO *et al*, 2007, p.63).

Atualmente no Brasil, sobretudo na saúde pública, de acordo com Friedman e Passos (2007), as concepções de grupo, de coletivo, de equipe, estão na ordem do dia. Cada vez mais, constata-se a importância do trabalho grupal e se desenvolvem diferentes tipos de grupos: com crianças, pais, famílias, idosos, gêmeos, hipertensos etc. É necessário, portanto, que a formação desses grupos fundamente-se em concepções que permitam a

¹⁵ - Relatos e análises de práticas fonoaudiológicas grupais desenvolvidas com professores, pais, gestantes, idosos e sujeitos considerados portadores de alterações de linguagem, motricidade oral, voz, audição, leitura e escrita, podem ser encontrados em: Santos (1993); Costa (1995); Aneli e Xavier (1995); Ehara *et al* (1995); Simão e Chun (1995); Neto e Campiotto (1996); Cavalheiro (1997); Gomes e Remercius (1997); Penteado e Seabra (1998); Freitas *et al* (1999); Panhoca (1999); Chun *et al* (2000); David (2000); Lores (2000); Mendes e Novaes (2003); Penteado (2003); Panhoca e Penteado (2003); Panhoca (2004); Panhoca *et al* (2005).

focalização pretendida e a obtenção de resultados compatíveis com objetivos previamente delineados¹⁶, que, sem negar as próprias bases etiológicas, sintomatológicas e terapêuticas, constitua abordagens próprias para a operacionalização de grupos. Sendo assim, “o grupo ressalta o papel do outro e facilita a expressão de alterações de linguagem, ao mesmo tempo em que pede intervenção do terapeuta para proporcionar mudanças de funcionamento linguístico” (FRIEDMAN; PASSOS, p.143).

Diante de contextos que privilegiam as consultas individuais, certamente, existem profissionais que veem a importância e as peculiaridades da terapia em grupo. Diante disso, ficam claras as concepções do profissional, por exemplo, como: o que é linguagem; viver em grupo, o/um ser humano (PANHOCA, 2007). Nesse cenário, de acordo com BECHELLI e SANTOS (2007, p.252), o terapeuta “é um agente que procura facilitar a participação e interação dos membros, de modo que eles possam verbalizar livremente seus pensamentos e emoções”, ajustando as intervenções de acordo com as respostas e maturidade dos sujeitos e do grupo como um todo. De modo que possam direcionar a escolha da maneira de viver que lhes seja mais adequada e harmoniosa – *princípio do livre-arbítrio* (BECHELLI; SANTOS, 2007).

Pensar em atendimentos em grupo na clínica fonoaudiológica, de acordo com Panhoca e Bagarollo (2007), coloca-se como grande desafio, uma vez que as concepções de “patologias” da comunicação humana estão fortemente arraigadas em uma visão médica, que prioriza sessões individualizadas voltadas para a “cura da doença”, visando maior aproximação da norma (im)posta socialmente. Em relação à importância do grupo terapêutico, Panhoca (2007) argumenta que:

Muito mais que ser um conjunto de pessoas, o grupo terapêutico tem mecanismos de funcionamento próprios. O grupo é um organismo único. Tem vida (própria). O grupo expõe, revela [...] É espaço de tensões e angústias que favorecem significações e reconstruções, o grupo aciona,

¹⁶ - De acordo com Friedman e Passos (2007), esta clínica é aquela que vai além da patologia para considerar o sujeito em suas manifestações de linguagem, em sua posição no mundo, em sua maneira de se relacionar com os outros.

possibilita e favorece reflexões. Os movimentos grupais não são lineares; ao contrário, o grupo caracteriza-se pelo constante ir e vir (PANHOCA, 2007, p.07-08).

Percebemos que, para além de uma simples aglomeração, reunião ou sessão, em que pessoas estão simplesmente juntas com medo e ansiedade de expor suas ideias, os grupos terapêuticos funcionam como possibilidade de reflexões e de (re)construções em torno desses sujeitos, seus problemas, suas linguagens. É um momento ímpar, quando cada participante, ao expor seus conflitos, sente-se acolhido pelos terapeutas e, principalmente, pelo outro que se doa, entrega-se em termos de escuta e da palavra que o faz simplesmente falar.

Em sintonia com as questões postas à assistência fonoaudiológica, integrante do Programa Social da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), constitui-se em atendimento institucionalizado, em funcionamento regular, visando ao atendimento a pessoas carentes do Recife e cidades circunvizinhas, ao mesmo tempo em que promove a formação profissionalizante dos alunos do Curso de Fonoaudiologia, do Centro de Ciências Biológicas e Saúde da Universidade. Dessa forma, a Clínica de Fonoaudiologia da Unicap foi fundada em 1981, como a primeira Clínica-escola de Fonoaudiologia do Norte e Nordeste do Brasil. A instituição, por meio da supracitada Clínica, presta assistência a pessoas da comunidade, em geral, realizando atendimentos fonoaudiológicos nas áreas de linguagem (oral e escrita), voz e motricidade orofacial, exames audiológicos e otorrinolaringológicos.

Os procedimentos fonoaudiológicos são realizados por alunos-estagiários do mesmo curso, sob a supervisão direta de professores especializados em cada uma das áreas de atuação. Estas atividades incluem os atendimentos terapêuticos (sessões fonoaudiológicas) e os exames audiológicos. Os procedimentos otorrinolaringológicos são realizados por uma médica, professora da instituição. O referido órgão tem ampliado os seus serviços assistenciais através da participação em atividades de extensão comunitária, como, por exemplo: realização de triagens auditivas e de linguagem em apoio a instituições carentes; participação em campanhas e eventos voltados à

promoção da saúde; realização de atividades de orientação e apoio aos familiares dos clientes; realização de atendimentos em grupos (operativos).

Além dos serviços assistenciais, a Clínica de Fonoaudiologia tem se destacado por ser um espaço voltado à pesquisa e ao desenvolvimento científico. São realizadas, frequentemente, nesse espaço, pesquisas de alunos concluintes da graduação, além de estudos vinculados ao Programa de Base para a Iniciação Científica (Pibic-Católica) e aos Cursos de Pós-graduação *Lato e Stricto Sensu* da Fonoaudiologia e de áreas afins. Essas pesquisas têm por finalidade promover ações que articulem teoria e prática, em uma visão interdisciplinar, buscando melhor instrumentalizar a prática clínica e acadêmica, bem como contribuir para o avanço científico e tecnológico.

Esses estudos apontaram para a necessidade de criação de um grupo terapêutico para formalizar um espaço de pesquisa e interação, que já se encontrava em funcionamento desde o segundo semestre de 2007, embora em fase experimental. Todos esses resultados, então, levaram a Unicap, através do PPGCL¹⁷, e da graduação em Fonoaudiologia e Letras, procurando preservar a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, norteadora das ações da comunidade universitária, num esforço continuado em busca da melhor qualidade, em desenvolver pesquisas multidisciplinares com destaque para a comunicação destinada a pessoas com alterações de linguagem como a gagueira.

Dentro desse contexto, visando compreender a dinâmica, a forma e o funcionamento da linguagem dos sujeitos-gagos, a Professora Dr^a. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo, em conjunto com os núcleos de extensão social e pesquisa da Unicap, teve a iniciativa de elaborar um Projeto

¹⁷ - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Cursos de Mestrado e Doutorado, foi iniciado em 18 de março de 2002, possui em sua área de concentração duas linhas de pesquisas: a primeira é Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios da Linguagem em suas diversas manifestações, que se refere ao estudo dos diferentes aspectos e elementos envolvidos no processo de aquisição da linguagem; singularidades; desvios e distúrbios da linguagem e a linha dois, dedicada aos estudos voltados para a Teoria e Análise da Organização Linguística. Os cursos, com caráter multidisciplinar, destinam-se aos profissionais de Letras, Fonoaudiologia, Psicologia, Comunicação e Educação, bem como de outras áreas que mantenham alguma relação com as linhas de estudos e pesquisas.

de Extensão, buscando refletir sobre a discriminação social sofrida pelo sujeito-gago, seu silenciamento e angústia, gerados pela necessidade de falar *versus* a dificuldade para falar, considerando-se a cobrança do seu meio social.

A supracitada pesquisadora, funda o GEAG ¹⁸ no 2º semestre de 2007, tendo como objetivo principal: promover um espaço de extensão, pesquisa e ensino concernente à gagueira por meio da formação de um grupo de estudo, apoio e atendimento entre pessoas gagas e não gagas. Mais especificamente, promover a interação entre pessoas gagas e não gagas a partir da proposição de diversas práticas discursivas existentes na sociedade; descrever e analisar, em termos linguístico-discursivos, a dinâmica interacional do grupo, bem como, a rede de significações verbais e não-verbais construídas nesse espaço; trabalhar o funcionamento da linguagem dos sujeitos gagos; refletir sobre a compreensão do significado desse nível para o sujeito-gago e a superação ou enfrentamento de suas dificuldades linguístico-discursivas, (re)inserção ocupacional e (re)composição psicossocial; possibilitar a interação entre as famílias dos sujeitos gagos do grupo; escutar a família dos sujeitos gagos; construir um banco de dados para pesquisas ulteriores e desenvolver atividades de pesquisa em conjunto com a Graduação e Pós-graduação.

Para atingir aos objetivos descritos, o grupo procura realizar triagens e avaliações da gagueira em crianças, adolescentes, jovens e adultos, com análise da queixa e dos sintomas, para proceder à definição do diagnóstico. A partir daí, são realizados encaminhamentos de acordo com cada faixa etária. Aos que já se encontram com um quadro de gagueira são realizados trabalhos de orientações aos seus pais. Em paralelo a isso, serão feitas atividades de orientações aos pais, cujos filhos estejam em uma fase de gagueira considerada natural. A mesma dinâmica ocorre com sujeitos adolescentes e

¹⁸ - Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira - desta forma, havendo quatro grupos em funcionamento: o de *crianças*, o de *família* destas crianças; o grupo de *adolescentes* (de 12 a 16 anos) e o grupo de *adultos* (a partir de 18 anos). As reuniões são semanais e acontecem todas as quartas-feiras, onde das 17.30h às 18.30h ocorrem sessões com as crianças e adolescentes, logo em seguida, a partir das 18.30h às 20.00h, são desenvolvidas atividades com adultos. A cada quinze dias, também são realizadas as reuniões com as famílias das crianças. Vale salientar, ainda, que a comunidade de sujeitos com queixa do problema e suas famílias da cidade do Recife e circunvizinhanças são atendidas nesse laboratório de Práticas de linguagem.

adultos com queixa do problema. Nesses casos, as famílias serão trabalhadas apenas em caso de necessidade e, ainda assim, após permissão dos sujeitos com gagueira.

De maneira geral, em qualquer faixa etária e, independente de seus conflitos intra e interpessoais, “cada novo membro – decorrente de sua imagem estigmatizada de falante – vem para o grupo com o objetivo de parar de gaguejar”. E esse fato estabelece um objetivo comum a todos os integrantes do grupo indicando – o primeiro passo do trabalho terapêutico (FRIEDMAN; PASSOS, 2007, p. 153). Diferentes das relações tradicionais entre terapeuta e paciente, quando, na maioria das vezes, o profissional detém todo o saber, e por isso, é ele quem estabelece o dia em que seu paciente será liberado.

No GEAG, a questão da alta está bem atrelada à abordagem proposta por Friedman e Passos (2007), com isso, as autoras deixam claro que não cabe ao terapeuta determinar o momento da alta do participante do grupo, mas apontar a interpretação dos sinais oferecidos pelo participante, que deve falar sobre seu sofrimento e a relação que isso possa ter com sua permanência no grupo. Com isso, os sujeitos são, desde o começo do processo, convidados a assumir sua alta. Cabe-lhes, portanto, trazer para o grupo, quando for o caso, a intenção de deixar de frequentá-lo, a pretensão ou não de retornar e seus motivos para tal. As estudiosas ainda reafirmam que sair do grupo em caso de pessoas que voltam, nem sempre é uma decisão de alta (FRIEDMAN; PASSOS, 2007).

1.2.1. Estratégias, Metas e Metodologia de Ação e Avaliação no GEAG

Há dois focos principais:

A) Apoio.

São realizadas atividades de linguagem (tanto com os sujeitos-participantes do grupo como também com os seus familiares), mas o aspecto principal é a escuta, que perpassará todo o processo. Além disso, poderão ser realizadas palestras sobre temáticas específicas de interesse e que contribuam

para uma melhor compreensão do quadro de gagueira. Quando necessário, trabalhar outra temática que não faça parte do conhecimento específico da Fonoaudiologia ou Linguística, será solicitada a participação de um profissional convidado. Após o atendimento à família e aos sujeitos gagos, a equipe executora reunir-se-á para discussão de casos e estudos teóricos.

No espaço de apoio e atendimento, há diversas atividades, tais como:

- ✓ Auto-observação de linguagem;
- ✓ Análise das condições de produção do discurso;
- ✓ Análise da antecipação e interdiscursividade;
- ✓ Encontro mensal com as famílias de crianças e adolescentes com gagueira.

B) Estudos

A produção advinda das atividades implementadas consiste em dados importantes para o desenvolvimento de pesquisas referentes à terapia. Por isso, a importância também da criação de um banco de dados, uma vez que todo o processo passa por registro documental descritivo e videográfico. Tais pesquisas têm vindo da graduação em forma de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), IC (Iniciação Científica) ou da Pós-graduação (Dissertação de mestrado e Tese de doutorado), posteriormente há a divulgação das pesquisas no meio acadêmico, em congressos e publicação em periódicos nacionais e internacionais, além de possibilidades de informação aos profissionais do âmbito hospitalar, clínico, bem como a todos aqueles que tenham interesse em perscrutar a temática estudada.

1.2.2. Como se dá o processo de avaliação dos sujeitos no GEAG?

A avaliação dos sujeitos-gagos é realizada ao longo do processo de trabalho em grupo, constando da avaliação e reavaliação do funcionamento de linguagem e interação entre todos os atores envolvidos. Pode-se contar, também, com o trabalho de escuta da família acerca da relação com o sujeito-gago e da própria dificuldade de interação entre os membros parentais e o

sujeito em questão. São realizados registros em áudio e vídeo, previamente autorizado pelos familiares, que contribuem no processo de avaliação. Com relação aos alunos da graduação e pós-graduação, serão avaliados a partir de trabalho final (relatório de Iniciação Científica, TCC, dissertação de mestrado e teses de doutorado).

Conforme se constata, o GEAG oferece aos sujeitos-gagos um espaço de convivência e inclusão social, nos quais os participantes podem enfrentar suas dificuldades linguístico-discursivas e estabelecer processos alternativos de significação, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem, como, por exemplo, a conversa sobre fatos de sua vida cotidiana, podendo nos mostrar que seus discursos não se apagam frente à gagueira. Assim sendo, o grupo ressalta o papel do outro e facilita a expressão de alterações de linguagem, ao mesmo tempo em que pede intervenção do terapeuta para proporcionar mudanças no funcionamento linguístico (FRIEDMAN; PASSOS, 2007).

Por fim, reiteramos ainda que o trabalho com grupos revela-se não como um espaço de prescrições, nem como um espaço mágico que gera transformações rápidas e eficazes, mas como local de reflexões, de idas e vindas que permitem respeitar as diferenças e apoiar-se nas experiências de outros para que cada um dentro de suas possibilidades ressignifique a própria relação (GUARINELLO; LACERDA, 2007). É a partir dessas vivências que o sujeito-gago significa e começa a ressignificar-se enquanto sujeito-falante-fluente, primeiro para si e conseqüentemente para o outro ou, melhor dizendo, no grupo de terapia os participantes entre um discurso e outro, entende e faz-se entender por seu par discursivo durante todo o processo de linguagem.

Na próxima seção, os nossos leitores terão a oportunidade de debruçar-se sobre a Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), fundada pelo filósofo Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi e outros seguidores. Por que nos interessa abordar a proposta desenvolvida pela AD? Por várias razões. Em primeiro lugar, por privilegiar a noção de discurso em contraposição ao reducionismo da noção de fala. Em segundo lugar, porque a mesma trabalha com a visão psicanalítica do sujeito e nos interessa refletir sobre a constituição do sujeito.

Essa des-disciplina funcionará enquanto instrumento teórico-metodológico que norteará todos os nossos estudos e pesquisas. Para tanto, dentre os vários elementos que compõem a teoria em evidência, trataremos de enfatizar: Condições de Produção (CP), Formação Discursiva (FD), Formação Ideológica (FI), a ideia de silenciamento, memória discursiva e interdiscurso, serão tematizadas a seguir, pela sua validade e papel na discussão que pretendemos desenvolver neste trabalho.

1.3. Análise do Discurso de linha francesa (AD) – “o discurso foi sempre para Michel Pêcheux o objeto de uma busca infinita”: a instauração arquitetônica de uma des-disciplina de entremeio

Por muito tempo achei que a ausência é falta. E lastimava ignorante, a falta. Hoje não a lastimo. Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim. E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim.

[DRUMMOND, Em “Ausência”]

As diversas abordagens em relação à língua/linguagem, ao surgirem, inicialmente, procuraram dedicar-se apenas aos aspectos formais do sistema linguístico, e assim outras categorias referentes aos contextos de produção de sentidos eram deixadas de lado. De acordo com Daróz; Santana; Azevedo; Silva (2014), a língua sempre foi/é o objeto de desejo dos homens, que desde a mais tenra idade, procurou/procura debruçar-se sobre ela, a fim de desvendar os seus segredos, no afã de apreendê-la – e por que não “dominá-la”? – para, com ela e a partir dela, tomar parte no mundo. “Ao crescer, no entanto, o homem depara-se com um “barco lançado no mar¹⁹” que, levando

¹⁹ - Aqui, chama-se a atenção ao ponto em que a concepção saussureana (SAUSSURE, 2002) converge com a AD, no que tange ao assujeitamento do sujeito à ordem própria da língua e sua impossibilidade de dominá-la.

consigo sua história, abarca sentidos anteriores, na mesma medida em que agrega outros” (DARÓZ; SANTANA; AZEVEDO; SILVA, 2014, p.123).

Com as transformações advindas do cenário sócio, político, histórico-cultural, propiciou-se um repensar sobre questões linguísticas, que deveriam atentar também para as condições de produção. A esse contexto, soma-se o surgimento de novas teorias linguísticas advindas das outras áreas do conhecimento, tais como da Sociolinguística, da Psicolinguística, da Análise do Discurso, da Linguística Aplicada, entre outras, as quais não vislumbravam a língua(gem) como um código homogêneo e estável, mas como uma forma de interação entre sujeitos, com propósitos comunicativos durante o processo de funcionamento discursivo.

Tendo em vista as questões delineadas, até então, procuramos marcar a nossa inquietação ao percebermos que, quando se fala em Análise do discurso, há muitos outros discursos em foco. Em congressos científicos, as apresentações que trazem a teoria como suporte ganham cada vez mais espaço. Da mesma forma, carregam perspectivas inteiramente diferentes, muitas vezes, sem uma concepção de sujeito definida e uma miscigenação de autoria indevida, o que, por si só, remete a uma inconsistência teórico-metodológica. Assim, ao se falar em Análise do discurso, é sempre necessário deixar claro de que posição se fala: se da linha francesa (e filiado a que autor (es)), se da linha anglo-americana, ou da Pragmática, por exemplo.

Diante das supracitadas filiações teóricas, certamente, de acordo com Suassuna (2009), a corrente de estudo que forneceu mais elementos para a perspectiva cultural da produção linguística foi a AD, conforme, ainda, a autora, “[...] a Análise do Discurso contribui, sobretudo, com os conceitos de condições de produção do discurso, imagem e lugar social dos interlocutores, efeitos de sentido e marcas do discurso” (SUASSUNA, 2009, p.107). Assim, tornou-se apenas contemplar não apenas o dito, enquanto construção palpável e linear, mas também o não dito e o próprio processo enunciativo. Não importa apenas o que se diz, mas o modo como se diz aquilo que se diz, determinado, além de outros fatores, pelas imagens que os interlocutores fazem de si, do outro, do referente etc.

Nessa perspectiva, a partir dos dizeres de Ferreira (2015), compreende-se que a AD foi idealizada por Michel Pêcheux, um filósofo marxista-leninista, envolvido com a prática política e com um empreendimento teórico por consolidar. Sendo assim, o projeto dessa corrente surge a partir das reflexões e inquietações teóricas de Pêcheux por meio da égide da chamada “Tríplice Entente”: Saussure, Marx e Freud, e se firma como uma corrente teórica de tradição intelectual, filosófica e política com desdobramentos até hoje. Assim, “a AD se instaura na França pelo viés das efervescências dos acontecimentos históricos de *Mai de 68* e as rupturas epistemológicas, filosóficas, teóricas e políticas no cerne da Linguística enquanto *ciência régia* das ciências humanas” (FERREIRA, 2015, p.14).

Sua *aventura teórica* tem início com sua *Analyse automatique du discours* (Análise Automática do Discurso – AAD-69), no entanto, as primeiras inquietações teóricas de Pêcheux encontram-se assinadas e publicadas sob o pseudônimo de Thomas Herbert. Por isso, é relevante destacarmos que em toda a trajetória de vida teórica, política e filosófica de Pêcheux, percebe-se a contribuição de um homem que escreve uma obra (nunca acabada) e que sempre se confundiu com ela (FERREIRA, 2015).

Atualmente, o estudo da língua sob a perspectiva discursiva está bastante difundido, e a AD, sendo uma dessas tendências, ficou conhecida como Escola Francesa de Análise do Discurso. Para sua criação na década de 60-70, Pêcheux (1993) realizou rupturas com as pesquisas estruturalistas que viam a língua apenas como um veículo para a comunicação, limitada em si mesma, e buscou analisá-la a partir de aspectos que vão além do ato comunicativo, ou seja, aprofunda-se nos aspectos extralinguísticos do discurso, a fim de chegar à construção de sentidos no contexto social, histórico e ideológico, no qual um determinado enunciado está inserido. Isso implica dizer que a língua é tomada como produto de diálogos entre os falantes, é um veículo de interação com o mundo e tem o propósito de ocultar questões ideológicas materializadas na linguagem (BRANDÃO, 2013).

No tocante aos desdobramentos para a constituição da AD, sobretudo, como uma corrente teórica que se instaura necessariamente de um movimento de três rupturas ou cortes epistemológicos – ao gosto da metáfora da ruptura cunhada por Bachelard e Canguilhem – que, por sua vez, instituíram deslocamentos, em três campos do conhecimento para refletir sobre a língua, a história e o sujeito, Pêcheux (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] (1997); FERREIRA (2015)) lança mão de três disciplinas, a saber:

1. **No campo do materialismo histórico e dialético:** o homem faz a história, mas esta também não lhe é transparente, convoca-se, assim, uma teoria materialista da história para explicar os fenômenos das formações e transformações sociais. Posto que, nesse contexto histórico, ele salienta a teoria da ideologia de Louis Althusser;
2. **No campo da linguística estruturalista:** como hipótese dos mecanismos sintáticos e dos projetos articulados por uma teoria da subjetividade. Questiona-se, portanto, a autonomia e a transparência da língua, na busca por uma teoria do discurso que explicasse os processos de enunciação;
3. **No campo da Psicanálise:** nessa situação, o sujeito é recoberto pela opacidade, ou seja, ele não é transparente nem para si mesmo, buscando-se, também, uma teoria acerca dele que explicasse as questões referentes à sua subjetividade e sua respectiva relação com a história e o simbólico.

Dessa maneira, a AD, como bem pontua Ferreira (2015), constrói o seu arcabouço teórico e metodológico sob o viés de uma reflexividade profunda a partir das bases da Linguística: *Saussure, Harris, Dubois, Culioli*, entre outros, articulando os pressupostos sustentados pela Linguística com outras áreas do conhecimento, a saber: *Althusser*, no resgate do Marxismo e seu Materialismo Histórico processando, por meio de um deslocamento, a teoria Ideológica; *Lacan*: retomando e reformulando a teoria psicanalítica do inconsciente instaurada por *Freud*, e *Foucault*: propondo uma Teoria do Discurso.

Assim, para uma contemplação do tripé epistemológico sobre o qual se instaura a AD, a seguir, representamos, através de uma figura, as vigas de sustentação da AD. Observemos:

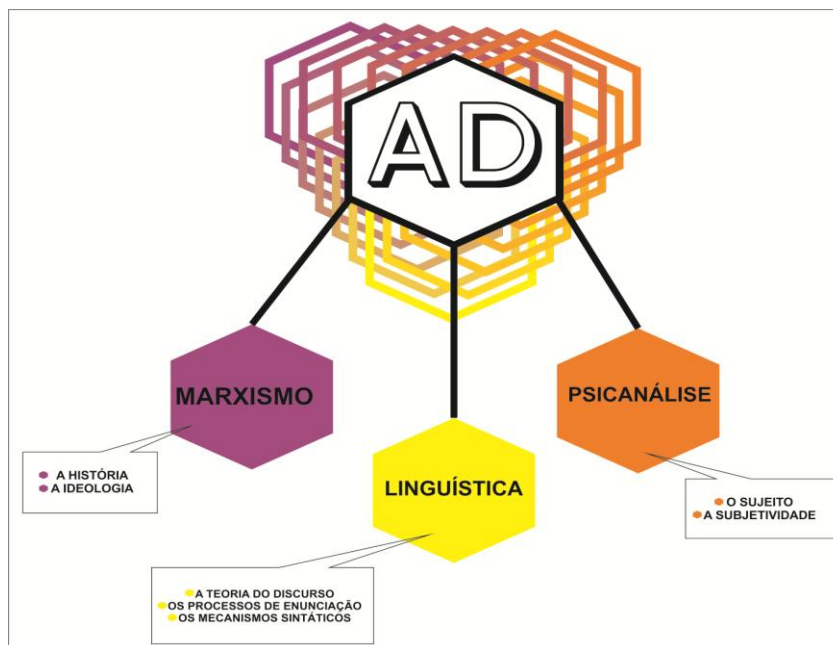


Figura 1:– As três regiões do saber . **Fonte:** adaptado pelo pesquisador, a partir dos estudos de Ferreira (2015, p, 17).

A AD é, portanto, uma des-disciplina, uma vez que é articulada no entremeio²⁰ de três regiões do conhecimento científico, problematizando os seus limites, questionando certezas nessas três regiões do conhecimento científico (ORLANDI, 1996; 2011; 2013): o Materialismo Histórico (teoria das formações sociais e suas transformações), compreendida aí a teoria da ideologia; a Linguística, (teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação) e a Psicanálise, com a interpelação da noção de indivíduo para a de sujeito, constituindo-se na relação com o simbólico. A AD interroga as três regiões pelo que não consideram. Dessa forma, questiona a Linguística por deixar de lado a historicidade; o Marxismo, por não considerar o simbólico; e a Psicanálise, por não compreender a ideologia absorvida pelo inconsciente, através da concepção de sujeito elaborada por Lacan, tendo a tarefa de articular as três regiões supracitadas (ORLANDI, 2000; 2006; 2011; PÊCHEUX,

²⁰ - Expressão utilizada por Orlandi (2005, p. 76), que retoma aquilo dito por Pêcheux e nomeia a AD como uma disciplina de “entremeio”. O termo, bem aplicado, remete a espaços ocupados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias.

1990; 1997; 2013; 2011, PETRUSK, 2013; AZEVEDO, DELA SILVA, DAROZ, 2014; DAROZ; SANTANA; AZEVEDO; DELA SILVA, 2014).

A concepção de linguagem que norteia a AD é a da psicanálise, em que o sujeito não é consciente e não tem controle sobre o que diz. O sujeito é clivado, assujeitado, desejante. Ao mesmo tempo, é sujeito da ideologia, tal como teoriza Althusser²¹. Introduzida na AD, a categoria do sujeito pensada a partir de formulações de Lacan, ganha estatuto próprio. Sendo assim, em consonância com a autora, “não nos apropriamos do sujeito da psicanálise, mas levamos em consideração o sujeito inconsciente, descentrado, não-uno”. Ao posicionar-se a respeito, Leandro Ferreira (2005) endossa que a incompletude é muito marcante no sujeito da AD porque ele é afetado simultaneamente por três ordens. A estudiosa utiliza o nó borromeano²² para simbolizar o lugar do sujeito no entremeio das três regiões: linguagem, ideologia e Psicanálise.

Ao ser constituído pela linguagem, o sujeito encontra nela sua morada e disso decorre uma marca do sujeito como *efeito de linguagem*. Por outro lado, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, o sujeito se configura como *assujeitado*. E, por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, esse sujeito se mostra como *desejante* (LEANDRO FERREIRA, 2005, p.73). Efeito de linguagem, assujeitado e desejante, eis, então, toda a nossa categoria em sua complexidade e heterogeneidade, unida de modo indissolúvel, na tipologia do nó borromeano, à linguagem, à ideologia e à Psicanálise. A *morada do sujeito*, e disso resulta o sujeito enquanto efeito. Mais uma evidência se encontra aqui da aproximação entre a ideologia (como lugar do assujeitamento) e o inconsciente (como lugar do desejo).

²¹ - Althusser (1991) afirma que a noção de sujeito da Psicanálise importa muito, porque é só neste sujeito que se pode dar o assujeitamento ideológico. A concepção de sujeito também se modifica na medida em que vigora a ideia de *sujeito-função* de Foucault (1966), em que o sujeito cumpriria diferentes funções na ordem discursiva.

²² - Figura introduzida na Psicanálise por Lacan é formada por três anéis. Simbolizando a Tríplice Aliança. Retirando-se um dos anéis os outros dois ficariam soltos e perderiam a interligação constitutiva. O que os sustenta, então, precisamente é esse laço de interdependência que os estrutura solidariamente.

O sujeito na AD, portanto, é da ordem da história, da ideologia, do inconsciente e da linguagem. Para fins de visualização isto será representado pela figura a seguir:

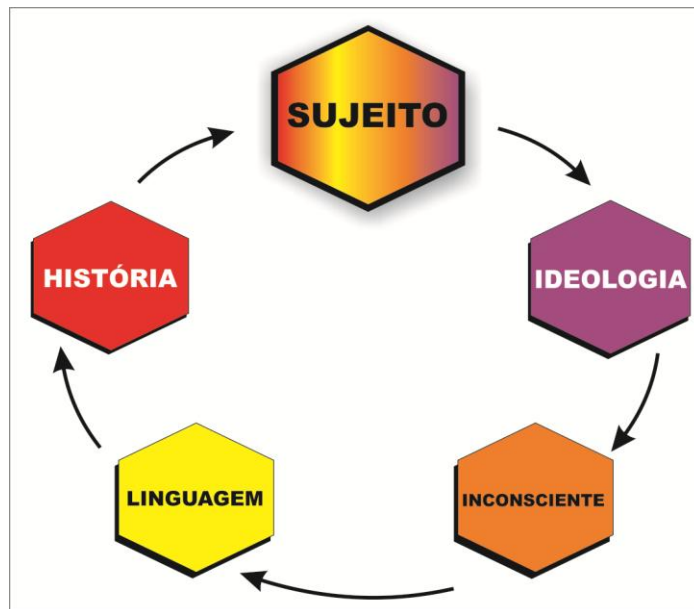


Figura 2 – Constituição do sujeito para a AD. **Fonte:** adaptado pelo pesquisador, a partir dos estudos de Ferreira (2015, p. 42).

Salienta-se que, nem sempre, o sujeito foi visto dessa forma na AD. Nesse sentido, objetivando estabelecer o percurso da concepção de sujeito, procuramos sintetizar as três fases pelas quais passou a teoria, com Pêcheux. A primeira época da AD mostra uma rigidez em suas noções. Pêcheux (1997) afirma que um discurso se compõe de um conjunto de enunciados que o tornam idênticos a si mesmo e diferentes de outros e, dessa forma, o que está contido num discurso, encontra-se excluído de outro. O “sujeito é assujeitado”, como salienta Pêcheux (1997, p.311-312) e quem fala é uma teoria, uma instituição, uma ideologia e não indivíduos. Aqui, cada discurso está submetido a regras que ultrapassam a consciência do indivíduo.

Já a segunda época é marcada pela inexistência da unidade interna dos discursos, com a contribuição de Foucault (1996), que esclarece ser a formação discursiva uma dispersão de enunciados, o que contraria a rigidez da noção de regras discursivas da primeira fase. Com relação à terceira época da AD põe-se em relevo a noção de heterogeneidade, marcada pela influência de Authier-Revuz, de Lacan e Foucault. Assim, a noção que vigora é a de que o

Outro²³ (interdiscurso da AD) está sempre presente, uma vez que ele é constitutivo do discurso, seja de forma mostrada, como na citação direta, ou de forma constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1982; 1984). O sujeito é visto como assujeitado e marcado pela ideologia; o sujeito é um efeito, não uma causa.

Nesse sentido, para Lacan, a importância da linguagem, não apenas na constituição da clivagem do Eu, mas do próprio inconsciente, permite considerar o sujeito fundado a partir do significante. É através dessa categoria tributária originalmente da linguística, que se faz possível a significação: “toda significação se engendra no significante — tal é a ‘paternidade’ mesma da significação. Se uma palavra funciona por outra, é porque o próprio sujeito está implicado na metáfora” (KAUFMANN, 1996, p.333).

Assim, como afirma Elia (2004, p. 127):

O sujeito, para a Psicanálise, é constituído a partir do encontro do corpo vivo com o mundo dos significantes (Outro da linguagem), o que interdita qualquer apreensão de seu advento em termos psicológicos [...] O sujeito não é inato, não vem ao mundo junto, dentro ou acoplado ao ex-feto, recém nascido. O sujeito tem sua história não no período de gestação (que concerne unicamente ao indivíduo psicofísico que vem a nascer), mas muito antes, num eixo simbólico que pode atravessar várias gerações que o precedem, num conjunto de traços que lhes são transmitidos *a posteriori*, quando da sua constituição se dá, em necessária articulação com o corpo [...](ELIA, 2004, p. 127).

Levar em conta essa concepção de sujeito ao trabalhar com a linguagem implica, como assinala Orlandi (1998, p.06), que o “sujeito não é acrescentado ao ato linguístico, mas intrínseco, ele se encontra no interior da enunciação”, evidenciando a opacidade e heterogeneidade da linguagem (DE LEMOS, 2009). Dessa forma, os estudos concernentes ao processo de aquisição da linguagem, em suas diversas modalidades (falada e escrita, materna ou estrangeira), com essa concepção, têm salientado a singularidade do sujeito-

²³ - De acordo com Azevedo (2000, p.23, *grifo nosso*), na perspectiva da Análise do Discurso, o **outro** é o interlocutor e o **Outro** é o interdiscurso (historicidade, memória do dizer), lugar da ideologia.

falante que emerge desse processo (LIER-DEVITTO; ARANTES, 2007; PEDROSA, 2008).

Ao desenvolver estudos sobre a AD no Brasil, Orlandi (2013) realiza algumas modificações em torno das supracitadas concepções estabelecidas por Pêcheux, e retira a teoria do discurso, ampliando a noção da Linguística e acrescentando a Psicanálise como filiação teórica. Nessa perspectiva, as regiões seriam: o Materialismo Histórico, mantendo-se a concepção anterior; a Linguística, constituída pela opacidade da linguagem, com seu próprio objeto de estudo (a língua) que, por sua vez, tem sua ordem própria; e, como terceira região, a Psicanálise, com a noção de sujeito da linguagem, que se constitui na relação com o simbólico. A justificativa para a modificação de filiação teórica da AD, entretanto, não está determinada em nenhuma das obras da autora.

A vertente brasileira da AD é desenvolvida por Eni Orlandi (1987) e outros pesquisadores, que a definem como “teoria crítica que trata da determinação histórica dos processos de significação” (ORLANDI, 1987, p.12). Partindo da constituição simbólica do homem, da busca (inevitável) de sentidos situando as práticas de linguagem no eixo tempo-espço. Hoje, esta abordagem teórico-metodológica é estudada por vários profissionais de áreas diferentes e há grupos de estudos sobre AD em todo o Brasil. Vale salientar, também, que, de acordo com Leandro Ferreira (2005), nos últimos anos, já circula como aceitação, no rastro da proposta de Orlandi (2002) em “A Análise do Discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil”, a expressão Escola Brasileira de Análise de Discurso, tal o aporte de reflexão própria e diferenciada produzida por analistas do discurso brasileiros.

Tecendo argumentos sobre o objetivo da AD, Orlandi (2005) esclarece que a AD toma a linguagem como mediadora indispensável entre o homem e o meio social e natural em que vive, assim, não considera a língua como um sistema abstrato, mas como método de interação. Portanto, a AD, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. “Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia e curso, de percurso, de correr por, de movimento” (ORLANDI, 2013, p.15).

Uma das principais razões de se desenvolver um estudo voltado para a AD foi o fato de a linguagem ser vista como um processo de interação social e que é por meio dela que o homem pode ter a capacidade de construir significados da realidade que o rodeia e que seus valores, seus pensamentos são reflexos dela, até mesmo suas ações são condicionadas por uma série de fatores que o assujeita. Diante dessa perspectiva, vemos que o discurso é o meio pelo qual o processo de interação verbal se concretiza, ou seja, o discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (*Ibidem*, 2013).

Acerca disso, Brandão (2013) comenta que, “[...] o discurso trabalha com enunciados concretos, sendo eles: falas/escritas realmente produzidas (e não idealizadas, abstratas, como as frases da gramática), e os estudos que se fazem deles visam descrever suas normas, isto é, como funciona a língua no seu uso efetivo” (BRANDÃO, 2013, p.05). Nessa perspectiva, a AD, ao se propor analisar o discurso, analisa-o ultrapassando os aspectos formais, aprofunda-se em aspectos extradiscursivos a fim de chegar à construção de sentidos, considerando o contexto social, histórico e ideológico em que o discurso foi produzido. A linguagem deve ser estudada não só em relação ao seu aspecto gramatical, exigindo de seus usuários um saber linguístico, mas também em relação aos aspectos ideológicos, sociais que se manifestam através de um saber sócio-ideológico e sempre aliado ao aspecto social e histórico.

Um conceito fundamental para essa teoria é entendê-la como:

[...] o conjunto dos elementos que cerca a produção de um discurso, a partir do contexto histórico-social, dos interlocutores, do lugar de onde falam, da imagem que fazem de si, do outro e do assunto de que estão tratando.[...] O discurso é um dos lugares em que a ideologia se manifesta, isto é, toma forma material, se torna concreta por meio da língua, uma vez que, uma formação ideológica pode compreender várias formações discursivas em relações de polêmica ou de aliança (BRANDÃO, 2013, p.08).

Sendo assim, percebemos que o discurso, como toda atividade comunicativa entre interlocutores; deve ser visto como uma atividade produtora

de sentidos que se dá na interação entre falantes. O falante/ouvinte, escritor/leitor são seres situados num tempo histórico, num espaço geográfico; pertencem a uma comunidade, a um grupo e por isso carregam crenças, valores culturais, sociais, enfim a ideologia do grupo, da comunidade de que fazem parte (BRANDÃO,2013).

Trabalhando nas confluências desses campos de conhecimento, a AD “irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso” (ORLANDI, 2013, p. 20). A AD toma por base o discurso como acontecimento, enquanto “efeito de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX, 1990), e propõe a noção de funcionamento, ou seja, a relação existente entre condições materiais de base (língua) e processo (discurso). Nesse ínterim, Orlandi (2011) considera a paráfrase e a polissemia, respectivamente, o mesmo e o diferente, matriz e fonte de sentido, como os dois grandes processos da linguagem.

Ao considerarmos que a língua é condição de possibilidade discursiva, vista sob este ângulo, logo, o funcionamento discursivo é, pois, “a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um locutor determinado, com finalidades específicas” (ORLANDI, 2011, p.125).

Para compreendermos melhor como se dá o processo do funcionamento discursivo, elaboramos um esquema proposto por Orlandi em seus estudos (*op.cit.*).

O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO

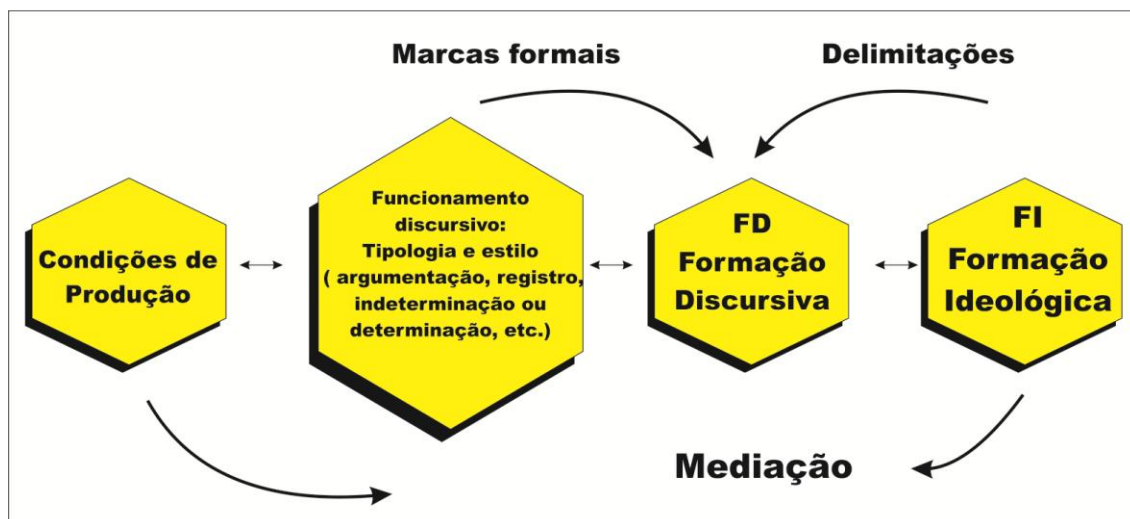


Figura 3 – Esquema representativo do processo de funcionamento discursivo. **Fonte:** adaptado pelo pesquisador a partir da ideia original de Orlandi (2011, p.132).

É importante ressaltar que o funcionamento não é unicamente linguístico, já que as condições de produção (situação dos protagonistas) são o conceito básico para a AD, uma vez que constituem e caracterizam o discurso, sendo seu objeto de análise. As Condições de Produção (CP) são formações imaginárias, onde se apresentam: a **relação de forças** - os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso, **a relação de sentido**- o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e os outros, **a antecipação** - a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa, ou seja, “o sujeito experimenta o lugar de seu ouvinte a partir do seu próprio lugar” (ORLANDI, 2011, p.126-158, grifo nosso). O sujeito falará de uma forma ou de outra, dependendo do “efeito que possa produzir em seu ouvinte” (ORLANDI, 2013, p. 39).

À noção de Formação Discursiva (FD), Pêcheux (1988), diz que “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p.160). Já Orlandi (1996), reitera que uma FD é, “o lugar do sentido, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia” (ORLANDI, 1996, p. 21). Ao comungar com os discursos anteriores, Leandro Ferreira (2001, p.18) reitera que uma FD é considerada matriz de sentidos e elemento regulador do que ao sujeito é

permitido ou não dizer, é a manifestação que aparece no discurso de uma determinada formação ideológica.

Como constitutivo do discurso, o interdiscurso consiste na ressignificação do sujeito sobre o já dito o que remete ao intradiscurso, que é uma imposição da realidade do sujeito, um efeito do interdiscurso sobre si. Dentro da FD, o interdiscurso, “o conjunto das formações discursivas que trabalha com o repetível, com a ressignificação do sujeito sobre o já dito”. Compreende-se que, partimos sempre de outros dizeres e os ressignificamos em nossos discursos, uma vez que os sujeitos que estão dentro de uma FD conferem inconscientemente ao interdiscurso, “conjunto de unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação” uma primazia sobre o seu discurso (AUTHIER-REVUZ, 2001,p.27).

Na concepção da AD, todo discurso tem sujeito, e todo sujeito tem ideologia, tomando por Formação Ideológica (FI) ou *ideologia* “o efeito da relação do sujeito com a língua e história para que se signifique” (*op.cit.*, p. 48). Orlandi (1994) aponta para um deslocamento do conceito sociológico de ideologia para o conceito discursivo do termo. A autora afirma, então, que a ideologia: [...] não se apresenta como ocultação (ou dissimulação), mas como transposição (simulação) de sentidos em outros, pela relação necessária com o imaginário, que atravessa a relação linguagem/mundo, determinado pela história num dado estado da formação social. Ou, dito de outra forma, trata-se do necessário apagamento, para o sujeito, de seu movimento de interpretação, na sua ilusão de *dar* sentido: a produção do efeito de *evidência* (*op.cit.*, p. 296). A ideologia é inconsciente e materializada no discurso. Portanto, o discurso apresenta uma natureza quadridimensional. Essas relações podem ser representadas e observadas a partir do gráfico a seguir:

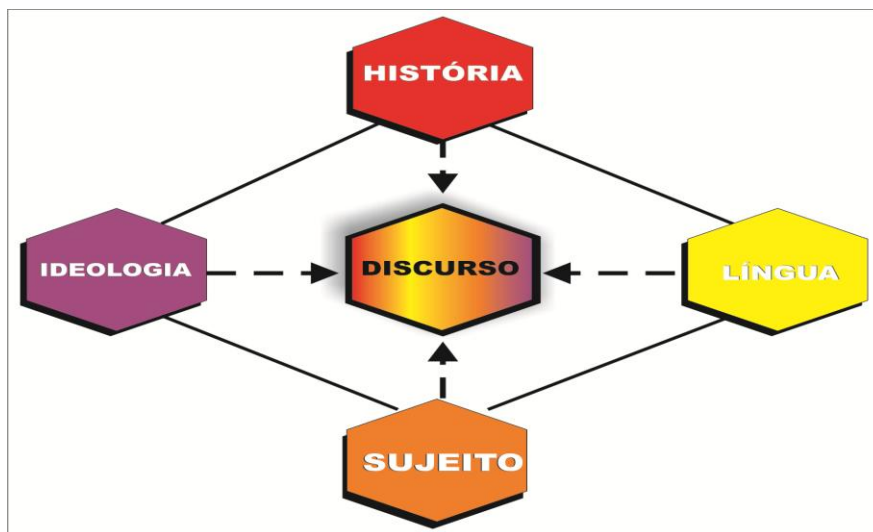


Figura 4 – Constituição do discurso para a AD. **Fonte:** adaptado pelo pesquisador, a partir dos estudos de Ferreira (2015, p.48).

O discurso é, portanto, o lugar de confronto entre língua e ideologia. Ele sempre remete à FD, e esta, à formação ideológica, e é por essa via que a linguagem adquire/produz sentido. É também por essa via que o discurso guarda relações com as instituições em que é produzido (SUASSUNA, 2004).

Dessa maneira, ao posicionar-se em relação aos dizeres anteriores, mais especificamente sobre o discurso, Ferreira (2015) também afirma que “todo discurso é resultado de um complexo jogo ideológico onde entram em cena suas condições de produção”. É por meio do funcionamento discursivo que percebemos a constituição dos sentidos. Estes, por sua vez, instauram-se nas grandes formações sócio-históricas que determinam as formações ideológicas em que os discursos estão inscritos. De maneira bastante esquemática, o autor ainda reitera que o discurso é constituído pela língua posta em funcionamento por indivíduos interpelados em sujeitos através da ideologia e produz sentidos inseridos em uma dada conjuntura social. “A produção do discurso acontece por meio da instância da história em sua relação com a língua(gem) onde sabemos que a ideologia se materializa” (FERREIRA, 2015, p.47).

Nessa perspectiva, a seguir, para percebermos **as respectivas diferenças e deslocamentos entre os posicionamentos de Marx, Althusser**

e Pêcheux frente à ideologia²⁴, apresentamos o **quadro 01**, a partir dos estudos de Ferreira (2015, p.29). Vejamos:

IDEOLOGIA EM MARX	IDEOLOGIA EM ALTHUSSER E PÊCHEUX
<p>1. Sua tese é negativa – é determinada pela alienação do sujeito e da divisão do trabalho;</p> <p>2. Consiste num sistema de ideias, de representações que dominam o espírito de um homem ou de um grupo social atravessado pelo engodo;</p> <p>3. Os indivíduos encontram suas condições de vida e seu desenvolvimento pessoal determinados pela classe social, ou seja, são subsumidos a ela;</p> <p>4. As formações ideológicas explicam-se a partir da práxis material, que é representada pela produção real (material) da vida imediata dos homens;</p> <p>5. Parte-se da história real, isto é, da história dos homens realmente ativos;</p> <p>6. Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e, com efeito, são condicionados pelo modo de produção de sua vida material, por seu intercâmbio material e seu desenvolvimento na estrutura social e política.</p>	<p>1. Sua tese é positiva – sua estrutura e seu funcionamento estão presentes na história de todas as sociedades de classes (formações sociais);</p> <p>2. A ideologia é vista como uma instância material, concreta e histórica. E seu funcionamento é percebido a partir da prática política (discursiva);</p> <p>3. Representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência (mundo), com as relações de existência;</p> <p>4. A relação imaginária (aquilo que não corresponde à realidade) é dotada de existência material;</p> <p>5. Objeto: relação do sujeito com o mundo e não o mundo em si;</p> <p>6. Tem uma existência material – existe em um aparelho ideológico e em suas práticas.</p> <p>7. Teses:</p> <ul style="list-style-type: none"> □ 1– “Não existe prática senão através de e sob uma ideologia”; □ 2 – “Não existe ideologia senão através do sujeito e para sujeitos”; □ 3 – “A ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”.

²⁴ - **Fonte:** este quadro foi inicialmente idealizado por Grigoletto e reformulado por Ferreira em um seminário temático sobre AD (PPGL - UFPE 2013).

Em relação aos sentidos no discurso, Orlandi (1996) considera que (relações do sujeito com a história) são abertos e não evidentes, embora tenham a aparência de evidência, além de que são necessariamente discursivos, sempre sujeitos à interpretação. Esta, por sua vez, é “o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é *materializada* pela história. O gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio” (ORLANDI, 1996, p. 18). E a política do silêncio ou silenciamento no discurso, é uma questão importante nas discussões de Orlandi (2007), que, ao tratar do tema, inicialmente, afirma-nos que, se tomarmos o conceito de formações discursivas como referência, podemos dizer que a questão trabalha os limites das diferentes FDs, isto é, lida com o jogo da contradição de sentidos e da identificação do sujeito.

Sendo assim, no discurso, o silêncio aparece como “tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar, etc” (*op. cit.*, p. 31). A estudiosa, ainda nos esclarece que o silêncio não fala, ele significa. É, pois, inútil traduzir o silêncio em palavras, é possível, no entanto, compreender o sentido do silêncio por métodos de observação discursivos. O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. “Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. As palavras vêm carregadas de silencio(s)” (*ibidem*, 1996, p. 102).

Uma observação, contudo, faz-se necessária: a política do silêncio (ou silenciamento) significa que, ao dizer, o sujeito não diz, ou diz outros sentidos. Nesse espaço discursivo, o dizer é interdito e, quando isso acontece, constituem-se discursos autoritários, em que não há reversibilidade. Indo ao encontro dessa assertiva, Azevedo (2000) assevera que é negada ao sujeito a ocupação de diferentes posições, que permanece estancado em um lugar, produzindo sentidos não proibidos. Caberia aqui a noção de *migração de sentidos*, “com seu efeito de movimento, de deslocamento de posição. Sempre que há censura, há migração de sentidos para outros objetos simbólicos, que significarão o que não pôde ser dito” (AZEVEDO, 2000, p.29).

É relevante observar que a prática da AD compreende sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo. Ambos não são transparentes e devem ser observados a partir de sua materialidade. A interpretação na AD está no lugar do efeito metafórico, enquanto deslize de sentidos, lugar do equívoco, ressaltando-o, e visa compreender o discurso do sujeito, destacando como um objeto simbólico é fonte de sentidos, determinando os gestos de interpretação que constituem tais dizeres no processo de funcionamento discursivo.

1.3.1. O funcionamento discursivo e o processo de identificação, contra-identificação e desidentificação nas formações discursivas (FD) dos sujeitos

O sujeito falará de uma forma ou de outra, dependendo do efeito que possa produzir em seu ouvinte.

[ORLANDI, 2000, p. 39].

Considerando, conforme Pêcheux (2008), que a língua não é completa, mas constitui-se pela falta, pela equivocidade, ela também produz sentidos. Todo enunciado é suscetível de deslocar-se discursivamente de um sentido para outro. Além disso, existe o “que diz” do discurso inconsciente que atravessa o discurso do sujeito.

Há duas questões básicas no discurso relacionadas aos *esquecimentos* (ideologicamente) constituintes do sujeito, de que nos fala Pêcheux (1988). Em primeiro lugar, o sujeito tem a ilusão de que é a *origem do seu dizer*. “Como os processos discursivos se realizam necessariamente pelo sujeito, mas não têm sua origem no sujeito, ao falar, o sujeito se divide: as suas palavras são também as palavras dos outros”(ORLANDI, 2007, p.79-80). Em segundo lugar, o sujeito tem a ilusão de que o que é dito por ele apresenta um *sentido único*. Esta é uma ilusão no nível enunciativo, ou seja, “esquecimento que produz no sujeito a impressão da realidade do pensamento (ilusão referencial): impressão de que aquilo que ele diz só pode ser aquilo” (*op.cit.*, p. 98).

Quer dizer, o discurso inexistente de forma isolada, ele estabelece relações com outros dizeres no interior de uma formação discursiva FD. Esse sujeito, ao

enunciar, é afetado pela ideologia e o inconsciente, logo, inscreve-se, sem que se perceba, em uma determinada FD. Sendo assim, o indivíduo, ao apropriar-se dos saberes, esquece que ele representa já-ditos, produzidos em outros discursos (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] (1997)), que são retomados e se inscrevem no discurso dos mesmos, que ao se apropriarem dele assumem outras dimensões.

Cada sujeito fala a partir de formações discursivas/ideológicas e os efeitos de sentido serão diversos, também relacionados a essas FD/FI. De acordo com Indursky (2013), sempre que o sujeito toma a palavra, mobiliza um funcionamento discursivo, uma atividade estruturante de um discurso, por um falante **determinado**, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas. A palavra em destaque, para a autora, não se refere à presença física, nem situação objetiva, mas às formações imaginárias, representações, a posição em que o sujeito ocupa no discurso (ORLANDI, 2013, *grifo nosso*).

Sujeito e FD são noções que estão fortemente imbricadas, quer dizer, é por meio da relação do primeiro com a FD que se chega ao funcionamento do sujeito do discurso. Pode-se afirmar, juntamente com Pêcheux (1988), que os indivíduos são interpelados em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. Conforme, ainda, o autor, “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a FD que o domina, isto é, na qual ele é constituído como sujeito” (PÊCHEUX, 1988, p.161-163).

Ao posicionar-se, Indursky (2011, p.82) assevera que o indivíduo, ao ser interpelado pela ideologia, se constitui como sujeito, identificando-se com os dizeres da FD que representa, na linguagem, um recorte da formação ideológica. Conforme a autora, a FD pode ser entendida como “o que pode e deve ser dito pelo sujeito, ou seja, ela tem seus saberes regulados pela forma-sujeito”²⁵, e apresenta-se dotada de bastante unicidade, com um domínio discursivo fechado e homogêneo em que o sujeito do discurso, ao tomar

²⁵ - Trata-se do conjunto das diferentes posições de sujeito em uma FD, enquadrando-se dentre as modalidades de identificação, contra-identificação e desidentificação, expostos por Pêcheux. O que significa afirmar que “a forma-sujeito abriga a diferença e a ambiguidade em seu interior” (INDURSKY, 2011, p.86).

posição, identifica-se plenamente com seus semelhantes, reduplicando sua identificação no âmbito da FD. Ainda, segundo a autora, só há espaço para a reduplicação da identidade; por conseguinte, para os mesmos sentidos, onde, neste momento, não há alteridade, diferença e nem a contradição. E a identificação do sujeito se dá diretamente com a forma-sujeito, responsável pela organização dos saberes que se inscrevem na FD (INDURSKY, 2011).

Em um dos seus estudos, Pêcheux (1988) introduz o que chamou de modalidades da tomada de posição, as quais relativizam essa “reduplicação da identificação”. Nessa mesma obra, o autor concebe o sujeito como unitário, e a FD como bastante homogênea, no entanto, estas duas concepções são relativizadas. Para Indursky (2011), percebe-se que, por trás deste desejo (pois certamente a unicidade é da ordem do desejo e do imaginário do sujeito), o que se apresenta efetivamente é um sujeito dividido em relação a ele mesmo e esta divisão se materializa nas tomadas de posição frente aos saberes que estão inscritos na FD em que se inscreve.

Procurando esclarecer, mais detalhadamente, em relação às modalidades de tomada de posição, Pêcheux (1988), inicialmente, afirma que a primeira superposição revela uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que afeta o mesmo, caracterizando o discurso do ‘bom sujeito’ que reflete espontaneamente o Sujeito. Esse momento nada mais é do que a reduplicação da identificação, e que representam a primeira formulação destas noções, no âmbito do quadro teórico da AD. Já sobre a segunda modalidade, ao contrário, caracteriza o discurso do “mau sujeito”, discurso em que o sujeito do discurso, por intermédio de uma “tomada de posição”, contrapõe-se à forma-sujeito e aos saberes que ela organiza no interior da FD. Essa modalidade consiste em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta) em relação ao que diz a forma-sujeito, conduzindo o sujeito do discurso a contra-identificar-se com alguns saberes da FD que o afeta (PÊCHEUX, 1988).

Entretanto, cabe frisar, de imediato, segundo Indursky (2011), que esta tensão entre a plena identificação com os saberes da FD e a contra-identificação com os mesmos saberes ocorre no interior da FD, ou seja, o

sujeito do discurso questiona saberes pertencentes à FD. A formulação das modalidades de tomada de posição é contemporânea da introdução da noção de interdiscurso, que determina uma FD, ou seja, “nesse contêm os dizeres que não podem ser ditos no âmbito de uma dada FD” (*Ibidem*, p.84). É importante dizer ainda, que as FD e a exterioridade se apoiam no interdiscurso, ou seja, memória do dizer; outros discursos já ditos que asseguram e sustentam o dizer, tal situação pode ser analisada em conformidade com um esquema proposto por Orlandi em seus estudos e pesquisas.

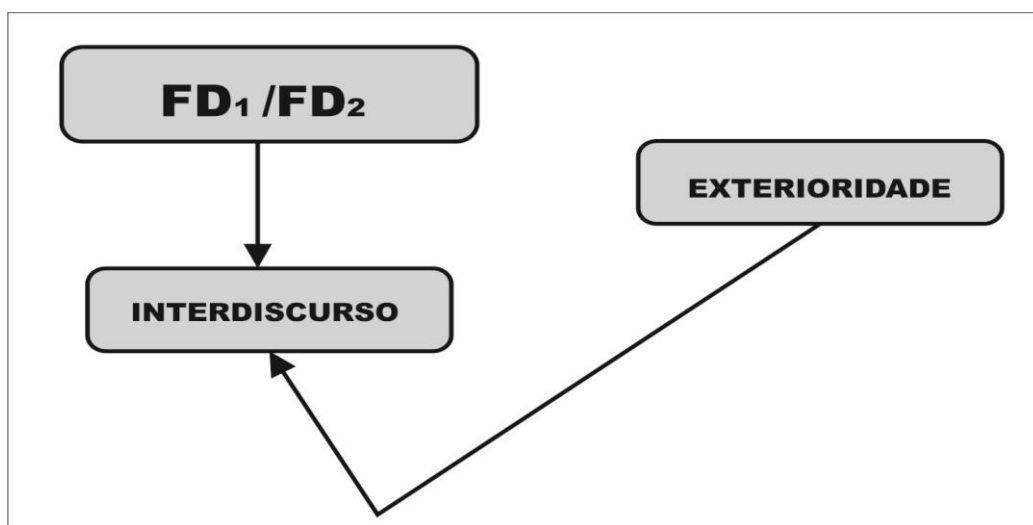


Figura 5 – Esquema que figurativa as FD e a exterioridade se apoiam no interdiscurso nas tramas do dizer. **Fonte:** adaptado pelo pesquisador, a partir dos estudos de Orlandi (1990, p.42).

A estas duas modalidades, o estudioso acrescenta uma terceira que funciona sob o modo da desidentificação, isto é, de uma tomada de posição não-subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação da forma-sujeito (PÊCHEUX,1988). Ao comungar com as formulações do teórico, Indursky (2011) reitera que é nesse momento:

[...] que o sujeito **rompe** com a FD em que estava inscrito e com a qual se identificava e passa a identificar-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito. A partir desse momento o sujeito do discurso não apresenta mais nenhuma identificação com o saber da forma-sujeito. Não se trata mais de uma desidentificação parcial. Trata-se agora, de uma desidentificação completa. O que ocorre é uma **ruptura** com os saberes de uma FD e a consequente desidentificação com sua forma-sujeito e a subsequente identificação com outra FD e sua respectiva forma-sujeito [...] (INDURSKY, 2011, p.85, grifo nosso).

Constatamos que o sujeito, ao estar circunscrito em uma dada FD/FI, conseqüentemente mostrará a forma-sujeito que está identificado, mas quando “rompe”, isto é, contra-identifica-se e passa a ser responsável pela introdução da contradição em seus dizeres, trazendo, por exemplo, a diferença e a divergência, certamente esse sujeito estará identificado à outra FD e também a sua forma-sujeito. “Quando isso ocorre, de fato, antes mesmo de migrar para outra FD, o sujeito, sem o saber, já não mais se identificava com o domínio em que pensava estar escrito” (INDURSKY, 2011, p.86).

Tendo esses aspectos em mente, Petrusk (2013) elabora uma figura para representar como está engendrada nas FD a questão das posições do sujeito-gago e sujeito-falante-fluente quando ingressam no Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG). É nesse ínterim, que após algumas sessões de terapia em grupo, o sujeito-gago se contra-identifica da **FD da gagueira** e conseqüentemente se desidentifica da supracitada formação e inseri-se na **FD da fluência**, identificando-se, então, com outros saberes diante das situações frente aos seus interlocutores.

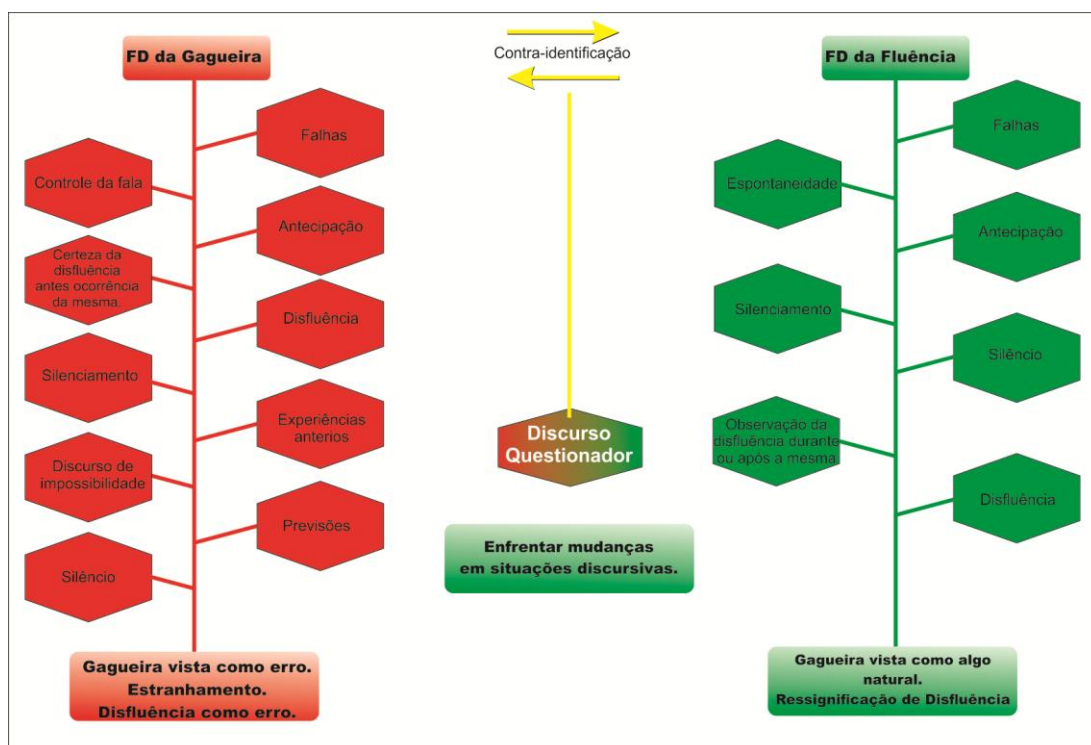


Figura 6– Gráfico representativo das posições do sujeito-gago e sujeito-fluente, **Fonte:** adaptado pelo pesquisador, a partir dos de PETRUSK (2013, p. 75).

Ao tecer considerações importantes sobre o sujeito-gago em meio à **FD da Gagueira** e **FD da fluência**, inicialmente, Petrusk (2013, p.75) explica que “na **FD da gagueira** temos posições discursivas (controle de falas, falhas, antecipação, silenciamento, disfluência, experiências anteriores, previsões do discursos de impossibilidade, silêncio)”. Nessa FD, a gagueira e disfluências são vistas como *erro*, na medida em que se acredita em uma fala perfeita, sem deslizes. Essas posições representam, no processo discursivo, os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Nessa FD, os sujeitos participantes do GEAG identificam-se (forma- sujeito) com esta FD, inscrevendo-se na posição sujeito que gagueja. Assim, o sujeito reproduz os sentidos inerentes à FD na qual está interpelado.

A proposta terapêutica do grupo consiste, também, em que o sujeito enfrente mudanças em situações discursivas para que, ao se contraidentificar, possa gerar efeitos de mudança na posição de sujeito que gagueja para a de sujeito fluente (desidentificar-se com a **FD da gagueira** e identificar-se com a **FD da fluência**). Nesse processo de contraidentificação, o sujeito identifica e questiona a previsão do *erro* na sua fala, reconhece situações discursivas de silenciamento e confronta, identifica e compreende que existem condições de produção geradoras de fluência e de gagueira. É na **contraidentificação** que confronta/questiona determinados saberes daquela FD que o constitui como sujeito que gagueja. A **desidentificação** assinala-se pela negação àqueles saberes inerentes a sua forma-sujeito (a ilusão de unicidade do sujeito).

Nesse sentido, o sujeito distancia-se da **FD da gagueira** e se insere na **FD da fluência**. “Na **FD da fluência**, ele se identifica com outros saberes, ligados à outra forma-sujeito: espontaneidade ao falar, disfluência, falhas (vistas como constitutivas do sujeito/linguagem)”. É interessante falarmos que as fronteiras das FD, além de heterogêneas, são porosas e, neste caso, existem saberes em comum, além de posições que constituem sujeito e linguagem (PETRUSK, 2013, p.75-76, grifos da autora).

Esse conjunto de informações orienta e corrobora para que concordemos com Azevedo (2000, p.146), no sentido de que a Fonoaudiologia

necessita fundamentar o seu fazer clínico, partindo de uma teoria linguística que lhe dê suporte. Nessa perspectiva, a autora o faz no âmbito da Análise do discurso de linha francesa (AD), pensada por Michel Pêcheux e desenvolvida por Orlandi e outros estudiosos, como teoria de sustentação para analisar a gagueira e o sujeito-gago, assim como procedimento analítico que comporá a base do processo terapêutico para esses sujeitos. Sendo assim, é preciso que nos afastemos dos trabalhos indicados na revisão dos estudos da área, que identificam a gagueira ao corpo e à fala, “assumindo uma posição de circunscrever o discurso como origem e lugar de apresentação e manutenção da gagueira, sob a forma peculiar de efeito de interlocução e sentidos” (*op.cit.*, p.146).

Nessa direção, dando continuidade ao plano teórico, a quarta seção apresentará maiores esclarecimentos aos leitores sobre a Perspectiva Linguístico-Discursiva, elaborada por Azevedo (2000; 2006; 2013), a partir de estudos e pesquisas em literaturas da área. Diante de tal perspectiva, a pesquisadora debruça-se sobre o sujeito e a sua linguagem, não os individualizando.

1.4. A perspectiva linguístico-discursiva: “entre o sujeito e os discursos: a gagueira não está nele, nem no ouvinte, mas se encontra no espaço intervalar – no discurso”

Refletir sobre o sujeito inserido numa sociedade que discrimina pessoas com gagueira é pensar também num processo de reabilitação, cujos resultados podem livrá-lo de um caminho tortuoso e nocivo. A quem devemos compreender? O sujeito-gago ou a linguagem patológica? Não convém separá-los. Há um sujeito que fala, um sujeito constituído na/pela linguagem, inserido numa sociedade pautada por valores ideológicos, que interpelam os indivíduos enquanto sujeitos do seu dizer.

[AZEVEDO, 2006].

É através da linguagem que o sujeito se constitui enquanto ser discursivo, que entende e faz-se entender pelo outro, ou seja, ingressa na cultura, na ordem das trocas simbólicas. Na prática da linguagem, um princípio

geral, conforme Brandão (2013), rege o discurso: o dialogismo. Através desse processo de interação verbal, com a palavra em movimento, observa-se o homem falando (ORLANDI, 2013). É por isso que dizemos que não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem (*op. cit.*, 2013).

Tendo em mente essa discussão inicial, Azevedo (2000; 2006; 2013), para desenvolver uma perspectiva na qual o sujeito e linguagem fossem considerados, partiu de outros dizeres em relação à gagueira, mais precisamente discursos vinculados no campo da Psicologia Social, expressos por Friedman ([1986] 2004; [1988] 2012; 1994; 2001; 2004; 2014). De fato, esta autora possibilitou um olhar mais reflexivo em torno dos estudos fonoaudiológicos, pois, até então, as propostas circunscreviam a gagueira ao campo da patologia e propunham como tratamento o controle sistemático da fala. Nessa perspectiva, propõe-se um trabalho em que houvesse a desmistificação da imagem estigmatizada de falante. Com isso, as pesquisas deram um salto na elaboração de conhecimentos que discorrem em torno do viés subjetivo.

A partir dessa roupagem, Friedman (2012) possibilita-nos compreender que o que cria a gagueira está mais no pensamento do que na fala propriamente dita. A fala com gagueira é o produto de uma forma de pensamento que contém uma falta de confiança na fala, ou o que significa a mesma coisa, uma crença no aparecimento da gagueira. Se esta situação se mantiver por meses ou anos, é fácil perceber o que acontecerá com a personalidade da criança e perdurará em sua adolescência, a juventude até maturidade, causando sérios transtornos para a vida dos sujeitos em seus diversos segmentos.

Constata-se, então, em consonância com os dizeres da autora, que o não acreditar na capacidade de falar e o desejo de falar bem, que se desenvolvem na infância, a partir das situações vividas com os adultos que cercam a criança, são duas ideias antagônicas, que levam a comportamentos para falar bem também antagônicas, ou melhor, que nunca atingem o seu fim.

Por isso, quanto mais se quer falar bem, mais a gagueira aparece, e o gago, sem entender por que isso lhe acontece, sente-se vítima da fatalidade. Portanto, é importante perceber que assim como existem momentos em que o sujeito não consegue falar, existem outros em que consegue, o que prova que a fluência existe. “Logo, deve-se, trabalhar no sentido de superar esse hábito, **de mudar essa forma de se sentir incapaz de falar bem**” (FRIEDMAN, 2012, p 37, grifo nosso).

A partir dos discursos expressos, nota-se, ainda, de acordo com Azevedo (2000; 2006) que são os territórios onde emanam as Formações Discursivas (FD), carregados de Formações Ideológicas (FI), tais como: o seio familiar, entre os muros da escola, os setores profissionais, ou até mesmo em igrejas, que os sujeitos-gagos, nos momentos da fala, recebem comandos do tipo: “*não gagueje*”, “*pare*”, “*pense*”, “*respire fundo*”, “*calma*”, ou “*fale direito*”, como foi dito anteriormente, que nada mais são do que discursos que interditam e interferem na linguagem deles, de maneira que, não se admitem erros e cobram uma absoluta fluência na fala.

Debruçando-se sobre essas questões, a estudiosa (2000; 2006; 2013), em meio a discursos advindos de teorias organicistas que alienavam (alienam!) em lugares comuns, com falácias do tipo: “*a gagueira não tem cura*” ; “*a tarefa do fonoaudiólogo é controlar a fala do gago*” ; “*a gagueira é um mistério*” ; “*é muito difícil trabalhar com a gagueira*” e mais a prática do estágio, com um paciente gago, que seguia, fielmente, os ensinamentos de Van Riper²⁶, acompanhadas da orientação da supervisora, Azevedo (2000) deparou-se com resultados que deixaram o indivíduo completamente submetido ao controle, uma vez que “apenas relaxava lábios, língua, tocava suavemente certo(s) ponto(s) articulatório(s) para, enfim, falar **con-tro-la-da-men-te**, pois, conforme o paradigma vigente era um *gago fluente*²⁷” (*op. cit.*, p.08, grifo nosso).

²⁶ - Estudioso da gagueira, filiado à Psicologia Experimental, autor de vários livros sobre este distúrbio.

²⁷ - Termo utilizado por Van Riper (1973), cuja técnica terapêutica é denominada “gagueira fluente”.

Certamente que os aportes teóricos, cada qual ao seu modo, contribuem significativamente para a clínica fonoaudiológica. Entretanto, esses dados deixam escapar algo inerente ao ser humano, que é a sua linguagem e, com ela, excluem o sujeito, “uma vez que ambos se encontram indissolúvelmente atrelados, pois sujeito e linguagem se constituem mutuamente” (*ibidem*, p.07). Naquele momento, ao ver-se insatisfeita com os resultados terapêuticos, mobilizadas por questões que a teoria não respondia, como:

- ✓ Que sujeito é esse que “se atropela” na e pela linguagem?
- ✓ Quais os caminhos percorridos que o levam e/ou levaram a gaguejar nas palavras, nos fonemas, nas frases?
- ✓ De onde vêm às palavras que o fazem esbarrar nas “falhas”, no vácuo em que se depara na hora da fala?
- ✓ Que linguagem é essa que, em seu funcionamento, faz seu usuário não se sentir seguro?

Por tudo isso, Azevedo (2000), em suas investigações iniciais na dissertação intitulada: *Uma análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua*, propôs um desafio ao estudar a gagueira sob o ponto de vista linguístico-discursivo²⁸, lugar profícuo e pouco pensado, naquele momento, pelos pesquisadores e, neste percurso, lançou um novo olhar sobre a terapêutica da gagueira. Essa trajetória deu-se da clínica para a teoria, a partir daí, foram constituídos recortes discursivos de sessões terapêuticas e procurou compreender o problema a partir do funcionamento discursivo de sujeitos-gagos. Esta primeira reflexão sobre a gagueira, a partir da ótica da Análise de Discurso de linha francesa (AD), instigou-a a propor

²⁸ - Conforme Azevedo, (2000;2006;2013, p.162), quando olharmos o sujeito sob a ótica discursiva, a gagueira pode ser compreendida como um distúrbio dessa ordem, que apresenta uma relação direta com as condições de produção do discurso (relação de forças, de sentido e antecipação), caracterizada pela ocorrência de repetições de sons, sílabas, palavras ou frases, hesitações, prolongamentos de fonemas e/ou bloqueios tensos de sons.

possibilidades terapêuticas, vistas sob este enfoque, em sua tese de doutorado (AZEVEDO, 2006).

Reiterando seus principais interesses e ao atrelar a gagueira aos caminhos teóricos da Linguística, Azevedo (2000; 2006) justifica que, de todas as áreas relacionadas à Fonoaudiologia, essa nos fornece teorias de sustentação para pesquisas na clínica fonoaudiológica, com atuação em sujeitos com distúrbios de linguagem e incluímos a gagueira nesta instância. Passou-se, então, a vislumbrar, na gagueira, muitos espaços para pesquisa, “ao reconhecer nela uma materialidade única, que nos desafiou a atravessá-la, rompê-la, para compreendê-la melhor” (AZEVEDO, 2000, p.118).

Posteriormente, no Doutorado, a teórica (2006), a partir dos dados advindos de suas pesquisas realizadas no mestrado, estabeleceu uma continuidade, neste novo caminho. No caso específico de sua tese intitulada: *A gagueira na perspectiva linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia*; alçou a AD, que se apresenta como teoria de sustentação para analisar a gagueira e o sujeito-gago, assim como procedimento analítico que compôs a base do processo terapêutico para esses sujeitos.

Na ordem discursiva, de acordo com a autora (2000; 2006; 2013), há uma tensão natural entre língua e fala que é estruturante, de forma que a linguagem é a articulação de ambas. Na fala gaguejada, há uma excessiva desarmonia nessa tensão, causando estranhamento e gerando no outro o sentido de patológico. O sujeito privilegia o eixo da língua ou é silenciado pelas condições de produção. A abordagem linguístico-discursiva permite ao sujeito compreender que não existe fluência absoluta, que a gagueira é apenas um momento da fala, que a linguagem é incompleta, marcada pelo equívoco, pela falta, que o sujeito é capaz de produzir qualquer significante, que o importante é não deixar o sentido à deriva, é transmitir a ideia, desvencilhando-se da preocupação da forma como será transmitida.

Assim, ancorados nesta teoria, propomos uma nova concepção de sujeito, o sujeito da AD – assujeitado à língua, que o conforma – o efeito-sujeito. Neste sentido, o sujeito-gago é constituído assim na infância, em suas

relações discursivas no uso de linguagem em sua gagueira, conforme atestam: Friedman (1986,1988); Azevedo (2000; 2006); Azevedo; Freire (2001); Petrusk; Azevedo; Lima da Fonte; Cavalcanti (2011); Cavalcanti; Azevedo; Petrusk (2011).

Circunscrito nesse ínterim, Azevedo (2000) argumenta que o sujeito não é livre para dizer o que quer, assim, a gagueira não se encontra naquele que fala, assim como não é um problema do interlocutor, mas relaciona-se às condições de produção e ao espaço do discurso, em uma relação necessária com a exterioridade. Assim, a gagueira não está na pessoa que fala, nem em seu ouvinte, mas nesse espaço intervalar, no entremeio, no discurso (AZEVEDO, 2000).

Nota-se que existe no imaginário do sujeito um interdiscurso cristalizado de mal falante, sobrepondo-se ao próprio discurso e que suscita em sua formação imaginária a condição de impossibilidade de fluência, em que, através da antecipação, acredita-se que o interlocutor o prenderá ao significante *gago*, e isso acontecerá inicialmente no bojo das socializações dos sujeitos que entendem e se fazem entender. Diante disso, a gagueira, para Azevedo (2013), é compreendida como um distúrbio que apresenta uma relação com as condições de produção do discurso (relação de forças, de sentido e antecipação), caracterizada pela ocorrência de repetições de sons, sílabas, palavras ou frases, hesitações, prolongamentos de fonemas e/ou bloqueios tensos de sons (AZEVEDO, 2013).

Os sujeitos-gagos são aqueles “que apresentam, de antemão, a *certeza da gagueira* e que, antes mesmo de falarem, já estão certos de que a palavra será repetida, bloqueada, prolongada” (*ibidem*, p.147). A gagueira é, ainda, segundo a pesquisadora, marcada pela previsão do *erro iminente*. Há uma certeza *a priori* deste *erro* e é a partir da possibilidade de errar que o sujeito-gago opta por tentar evitá-lo ou adiá-lo. Desta forma, substitui palavras *perigosas*, ou seja, consideradas como sendo de difícil emissão, por outras compreendidas como sendo mais fáceis, ou, ainda, escapa da fala gaguejada, utilizando estratégias corporais, isto é, apertar os olhos, as mãos, bater os pés,

e outros artifícios, que, em última instância, acabam por mostrá-lo mais gago ao seu interlocutor (AZEVEDO, 2006; 2013).

Partindo dessa concepção, Azevedo (2013, p.162) reitera que pensar o sujeito-gago é refletir numa proposta terapêutica que o tire deste lugar e o insira em outra situação de integração social: a de sujeito-falante-fluente, considerando a fluência como relativa, uma vez que não há fluência linear. O sujeito-fluente sabe que a fluência é sempre relativa, pois fazem parte dela hesitações e repetições. No tocante às questões expressas e em consonância com os dizeres da pesquisadora (2000; 2006; 2013) outros estudos promoveram, a saber, Cavalcanti (2011), em sua dissertação: *Análise do discurso de adultos diagnosticados como gogos em três cidades do interior do estado de Pernambuco*, procedeu com a realização de uma análise discursiva de adultos diagnosticados como gogos. Especificamente, buscou analisar o que dizem os mesmos sobre suas dificuldades, ao desenvolverem seus processos de linguagem e interação, imersas em um quadro de gagueira. A autora procurou identificar também, as marcas e formações discursivas que caracterizavam tais discursos, bem como, descreveu as estratégias discursivas que servem como o apoio para o alcance de uma possível fluência e veículo de interação pelos sujeitos em estudo.

A pesquisadora, a partir das análises dos seus dados, conduziu-nos a uma série de reflexões, entre elas, que a maioria dos sujeitos informou sobre a gagueira como queixa principal, possibilitando respostas variadas. No entanto, elas se convergiam em um ponto – eram materializadas em algo no corpo, e, em sua maioria, tendo a sua relação entre nervosismo e gagueira, a localização de um espaço corporal, a velocidade da fala, às características linguísticas da gagueira, às questões emocionais. Em relação à etiologia da gagueira, as respostas dos entrevistados apontam para uma causa orgânico-hereditária; causas psicoemocionais; imitação; além de crenças populares muito comuns em cidades do interior (CAVALCANTI, 2011).

Sob o mesmo prisma *in loco*, Petrusk (2013), em sua pesquisa intitulada: *Uma análise linguístico-discursiva de sujeitos que gaguejam participantes de terapia fonoaudiológica em grupo*, também traz contribuições

significativas sobre o discurso do sujeito-gago, já que a autora, em seu trabalho analisou o discurso de sujeitos que gaguejam no grupo de terapia - GEAG. Mais especificamente, investigou o discurso desses sujeitos sobre gagueira, bem como buscou analisar as formações imaginárias dos discursos desses sujeitos, suas tomadas de posições e seus deslocamentos. A autora comprovou através da análise de seus dados que na proposta terapêutica de grupo, o espaço discursivo é o lugar da gagueira, diretamente relacionado às condições de produção do sujeito (PETRUSK, 2013).

É nessa perspectiva que discutiremos o nosso trabalho de pesquisa, mostrando que o sujeito está preso a FD da gagueira e nesta, os sujeitos são tidos/vistos como incapazes de falar, silenciados por sua gagueira. Mas ao questionarem tais formações logo assumem uma nova forma-sujeito, percebendo que a fluência é instável e que é normal gaguejar.

Portanto, através de estudos e pesquisas mais aprofundadas, é preciso ressignificar o conceito de fluência sedimentado no imaginário social, visto que a disfluência é constitutiva da linguagem e a fluência absoluta é uma abstração. Deve-se considerar a fluência como relativa, uma vez que, de acordo com Azevedo (2013), não há fluência linear. O sujeito-fluente sabe que a fluência é sempre relativa, pois fazem parte dela hesitações e repetições. Nesse ínterim, a pesquisadora, também salienta que, “pensar o sujeito-gago, é refletir numa proposta terapêutica que o tire deste lugar e o insira em outra situação de integração social: a de sujeito-falante-fluente” (AZEVEDO, 2013, p.162).

Sendo assim, ainda, a partir dos dizeres de Azevedo (2013) e ancorados pela Análise do Discurso de linha francesa (AD), enquanto aparato teórico - metodológico, percebemos como o interdiscurso, as relações interdiscursivas podem deslocar o sujeito de uma posição discursiva identificando-o com outra FD, modificando sua autoimagem de sujeito gago para sujeito fluente. Nessa perspectiva, de acordo com Friedman (2012), para superar a gagueira não basta discutir teoricamente sobre ela, mas é preciso agir sobre ela. Dessa maneira, necessitamos refletir sobre nós mesmos, observar-nos e, daí, conhece-nos melhor. Mas o grande problema é que, na maioria das vezes, o sujeito *tenta se mostrar como bom falante*, essa imagem de bom falante que no fundo tentamos cultivar, obriga-nos a fluências melhores, e aí está o problema,

fica-se mais tenso, com medo que essa fluência não venha. Então procura se *obrigar* a ela, mas a fluência verdadeira depende de se soltar e de acreditar completamente nela (*op. cit.*, 2012).

Diante de tudo que foi discutido até então, destacamos que, para compreender o discurso do sujeito-gago e como se dá a sua mudança de posição da **FD da Gagueira**, para **FD da Fluência**, passando a se vê-lo como sujeito-falante-fluente, no próximo capítulo (para que sejam realizadas as questões pretendidas) traçamos o caminho metodológico a partir do olhar analítico da AD. Isso porque compreendemos a gagueira como efetivamente atravessada pelo componente ideológico e é esta teoria que nos diz que a materialidade da ideologia se encontra no discursivo.

2º CAPÍTULO: DELINEANDO UM PERCURSO METODOLÓGICO PARA A COMPREENSÃO DO SUJEITO-GAGO

A Análise de Discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos e, logo iniciamos o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a AD tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho.

[ORLANDI, 2013, p.66]

Considerando que a metodologia deve ser pensada como uma construção teórica que dialoga diretamente com a prática da pesquisa e que não se efetiva por uma *investigação neutra* (MINAYO, 1998), indicaremos quais os percursos a serem adotados nesta pesquisa, no que se refere ao tipo de abordagem e aos instrumentos de coleta de dados. Portanto, no presente capítulo, a partir do Análise do Discurso de linha francesa (AD), enquanto ferramenta analítica ancorada num viés qualitativo, trataremos da caracterização do dispositivo de análise, objetivando, também, situar o *corpus* discursivo, os fundamentos da análise e as considerações éticas.

2.1. Análise do Discurso (AD) - como Dispositivo de Análise: *uma Disciplina de interpretação*

Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.

[ORLANDI, 2013]

Neste estudo, buscamos empreender uma investigação direta dos dados em seu ambiente natural, concentrando o foco da nossa pesquisa na observação de 03 [três] sujeitos-participantes das sessões de terapia do Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG), a fim de analisarmos como

ocorre a mudança de posição discursiva de sujeitos-gagos para sujeitos-falantes-fluentes, considerando, é claro, a fluência como algo puramente relativo.

Ao escrever *Princípios e procedimentos*, Orlandi (2013) esclarece que, enquanto instrumento teórico-metodológico, a AD permite analisar as tramas do dizer, ressignificando o discurso, a partir de novas condições de produção das práticas pedagógicas: descentrando as normas e trabalhando os modos de produção, negociação e instituição ou exclusão dos sentidos, garantindo, no interior da luta de classes, espaço para a circulação de sentidos outros.

A estudiosa faz menção sobre o papel do analista acerca do dispositivo e salienta que o dispositivo, a escuta discursiva, deve explicar os gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos: descrever a relação do sujeito com sua memória. Ao unir-se com os dizeres da autora, Indursky (2011) interdiscursa reiterando que compete ao analista traçar os tênues contornos da Formação Discursiva (FD) com a qual o sujeito do discurso em análise se identifica para, somente então e, a partir daí, fazer suas análises.

Nessa empreitada, ainda, de acordo com Orlandi (2013), descrição e interpretação se interrelacionam. E é também tarefa do analista distingui-las em seu propósito de compreensão.

Podemos dizer que a interpretação aparece em dois momentos da análise:

1. Em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto da análise, isto é, o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise;
2. Em um segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação.

Por isso, é necessário introduzir-se um dispositivo teórico que intervenha na relação com os objetos simbólicos analisados, produzindo um

deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento, “vai permitir que trabalhemos no entremeio da descrição com a interpretação, podendo-se então contemplar (teorizar) e expor (descrever) os efeitos da interpretação”. Para que, no funcionamento do discurso, na produção dos efeitos, não reflitamos apenas no sentido do reflexo, da imagem, da ideologia, mas no sentido do pensar, e logo, contemplarmos (ORLANDI, 2013, p.70).

Um dos primeiros pontos a considerar, se pensarmos a análise, é a constituição do *corpus* (ORLANDI, 1998). Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender a essa questão é construir montagens discursivas que obedeçam a critérios que decorrem de princípios teóricos da AD, face aos objetivos da análise, e que permitem chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visam à demonstração, mas mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos.

Por isso, no procedimento de análise:

Devemos procurar remeter os textos ao discurso e esclarecer as relações deste com as formações discursivas pensando, por sua vez, as relações destas com a ideologia. Este é o percurso que constitui as diferentes etapas com da análise, passando-se da superfície linguística ao processo discursivo. Correspondentemente, passamos pela análise dos esquecimentos e chegamos mais perto do real dos sentidos na observação das posições dos sujeitos (ORLANDI, 2013, p.71).

Assim, é importante frisar que os textos precisam ser remetidos aos discursos, uma vez que ao atrelarmos um ao outro poderemos perceber as FD plenamente arraigadas as Formações Ideológicas (FI). E tal análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí “a necessidade de que a teoria intervenha a todo o momento para “reger” a relação daquele que analisa com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação” (*op.cit.*, p.66).

Podemos então concluir que a AD não está interessada no texto em si como objeto final da sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso. Aquele que analisa tem de compreender como ele (o texto) produz sentidos, o que implica saber tanto em como ele pode ser lido, quanto como os sentidos estão nele.

Sobre essa questão, a pesquisadora ainda afirma que

[...] o trabalho incide em percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto (e a da língua na ideologia). Isso corresponde, a saber, como o discurso se textualiza. [...] Feita a análise, não é sobre o texto que falará o analista, mas sobre o discurso.[...] O que temos como produto da análise, é a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições (ORLANDI, 2013, p.72).

Portanto, nada melhor do que nos determos na leitura dos textos, atentando, por sua materialidade linguístico-discursiva, apreendendo processos de significação, notando, a partir da aplicabilidade da teoria, os efeitos de sentidos decorrentes das tramas do dizer. Deve-se levar em consideração que podemos, através da AD, notar o funcionamento de expressões algumas vezes, silenciadas, que provocam em seus leitores a dispersão/percepção para os sentidos outros diferentemente de sua pretensa completude. Por isso se propõe construir escutas que permitem levar em conta os efeitos e explicitar a relação com determinados *saberes* que não se aprende, não se ensina, mas que produz os seus efeitos. Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária (*ibidem*, 2013).

2.2. Pesquisa qualitativa, Constituição do *Corpus* Discursivo e Considerações Éticas

Na pesquisa qualitativa, de acordo com Silva e Menezes (2001), estabelece-se uma relação entre o mundo e o(s) sujeito(s) da pesquisa, não sendo possível reduzi-la a números; busca-se, portanto, conforme as autoras,

interpretar os fenômenos e atribuir significados a eles. Concordando com tal discurso, Minayo (1998, p.21) afirma que “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Nesse sentido, pelo viés da AD, esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos. É também em relação à interpretação que podemos considerar o interdiscurso (o exterior) como a alteridade discursiva, porque há o outro nas sociedades e na história (PÊCHEUX, 1990).

Portanto, em conformidade com os objetivos do nosso trabalho, realizamos uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, por essa nos possibilitar um contato mais direto com os sujeitos envolvidos e com a situação vivenciada – a incidência está naquilo que tem de único, de particular, dentro de um sistema mais amplo (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Nessa perspectiva, a opção pela observação das sessões de terapia do GEAG justifica-se, ainda, por estas possibilitarem “um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado [...]” (*op. cit.*, p. 26).

Durante todo o processo de observação dos sujeitos investigados, fizemos uso da gravação em vídeo/áudio, com a posterior transcrição literal e de anotações no diário de campo, com o objetivo de conhecermos mais de perto cada um deles e seus discursos materializados a partir de determinadas FD/FI. Para tanto, toda leitura precisa de um artefato teórico para que se efetue, e à luz da AD, poder-se-á constituir o *corpus* discursivo que levará a eleição dos recortes discursivos da pesquisa e posterior análise com base nos procedimentos do próprio artefato teórico-metodológico (ORLANDI, 1996).

Sendo assim, a pesquisa foi realizada no Laboratório de Práticas de Linguagem do Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco – PPGCL-UNICAP, (situada à Rua do Príncipe, 526), 7º andar do Bloco G4, sala C3-D7, onde está circunscrito o grupo de terapia – GEAG, que atende aos sujeitos-gagos, contando com a atuação do mestrando/pesquisador, da pesquisadora/orientadora, terapeutas da linguagem e alguns discentes de Iniciação Científica da IES.

Nas dinâmicas, em que ocorreram as sessões em grupo, estivemos atentos aos discursos dos sujeitos a alguns tópicos que consideramos essenciais e que nos permitiram conhecer questões importantes para esse estudo. Desse modo, para a construção dos dados empíricos, elegemos cinco instrumentos distintos, a se fazer saber:

(1) Observação dos discursos dos sujeitos, notando questões das FDs/FI e como isso repercute na participação das dinâmicas do GEAG;

(2) Leitura e discussão sistemáticas de livros e textos sobre os objetos de estudo (gagueira e Análise do Discurso);

(3) Coleta de dados e a posterior transcrição, a partir das sessões em grupo;

(4) Constituição de recortes discursivos das sessões transcritas, tendo em vista as questões de pesquisa e consequentemente os objetivos propostos;

(5) Análise de dados (análise do *corpus* discursivo constituído), realizada a partir dos procedimentos analíticos da própria AD do discurso dos sujeitos-participantes do grupo.

Ressaltamos que os 03 [três] sujeitos-participantes da pesquisa, pensados inicialmente, tendo em vista o objetivo geral, analisar a mudança de posição na formação discursiva de sujeitos com gagueira participantes do Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG) e os específicos: a) identificar o processo de mudança de posição nas formações discursivas e ideológicas dos sujeitos; b) identificar a memória discursiva e o interdiscurso nas práticas discursivas; c) investigar as estratégias terapêuticas que geram efeito de fluência, gagueira ou silenciamento no discurso dos sujeitos gogos. Foram selecionados pela assiduidade nas sessões de terapia, o desejo de falar sobre a mudança de posição de sujeito-gago para a de sujeito-falante-fluente, e atrelado a isso, as conquistas alcançadas após a superação do problema. Logo, sendo convocados mediante contato prévio, atendendo aos critérios abaixo, em que deveriam:

- a) Participar das sessões de terapia do GEAG, que ocorre semanalmente às quartas-feiras, das 18h30 às 20h, no Laboratório de Práticas de Linguagem do PPGCL-UNICAP;
- b) Ser de faixa etária acima de 18 anos;
- c) Aceitar livremente a participação na pesquisa e assinar o termo de livre consentimento e aceitação.

Sendo assim, após contato prévio com cada um deles, tendo como objetivo principal conhecer um pouco mais de suas vivências, coletamos alguns dados, referentes a questões sociolinguísticas, tais como: idade; a cidade de origem; grau de escolaridade, profissão, religião, desde quando frequentam o grupo, bem como, algumas descrições de suas atividades diárias. Portanto, nos quadros, a seguir, propiciamos aos nossos leitores o *Perfil* dos sujeitos analisados em nossa pesquisa, ou melhor, dizendo, “**Eles, por eles**” fazem uma leitura de si mesmos.

Para esse momento, tivemos a preocupação de intitular como:

“A história dos sujeitos contada por Eles”

Quadro 02 – Perfil do Sujeito A

<i>“Tudo muda quando você muda” [Lema do “Projeto Escola da vida”].</i>
<p>Tenho 43 anos, sou solteiro, brasileiro da cidade de Recife-PE, Protestante da Igreja Batista, possui nível superior completo, curso de Teologia e coordeno o Projeto dentro da escola chamado “Escola da Vida”.</p> <p>Como coordenador, visito as escolas, apresentando esse projeto, tendo a liberação da direção, organizo esse trabalho, que tem um período de 05 (cinco) dias (de segunda à sexta-feira), onde envolve encontros com os professores e pais de alunos, com palestras para os estudantes e concurso de redação.</p> <p>O primeiro contato com o Grupo de Terapia foi em 2007, porém, me afastei por motivo de trabalho. Voltei novamente a frequentar no segundo semestre de 2013. Comecei a perceber minha gagueira no início da minha adolescência, onde me via com essa dificuldade na fala, e também, por intermédio das brincadeiras dos colegas em relação a minha voz, e das cobranças de minha mãe, que usava a colher de pau em minha cabeça, dizendo para falar direito!</p> <p>No meu trabalho, falando com professores e alunos, na igreja exercendo a função de professor da classe de novos convertidos. E</p>

também realizando momentos de reflexão no culto à noite, são momentos que considero bem sucedidos na minha fala. Considero momentos bem problemáticos com a gagueira, dentro da minha própria casa, falando com minha mãe e irmãos ou em algumas situações, às vezes, por pensar que vou gaguejar, substituo palavras pela preocupação de achar que não vou conseguir falar.

Mesmo tendo essa dificuldade, nunca foi motivo de não realizar minhas atividades usando a fala no meu trabalho ou na igreja. Teve situações que em conversas com um grupo de amigos ficava calado, pois achava que iria gaguejar se falasse, isso faz tempo que não acontece, mas tenho falado com os amigos.

Comecei a notar melhoras em relação ao meu discurso, por intermédio das outras pessoas que vê falando, e dizem pra mim que estou bem melhor com minha voz. Tenho procurado sempre encarar as possibilidades que surgem, para usar a minha voz e assim, tenho se sentido muito bem e confiante quando estou falando.

Sujeito A

Quadro 03 – Perfil do Sujeito B

“Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta a mudanças” [Charles Darwin].

Tenho 26 anos, solteira, brasileira, da Cidade de Recife-PE, possuo ensino superior completo, sou enfermeira, católica. Minhas atividades diárias giram em torno de trabalho, estudo, grupos de amizades, agora também, atividades físicas; trabalho em duas instituições, tenho uma vida corrida, geralmente fico de 24 a 36 horas de plantão, tenho contato forte com o público nestes momentos, nas folgas faço tudo o que acabei de falar anteriormente, além de frequentar o GEAG.

Frequento o grupo em torno do 2º semestre de 2013, onde consegui; através de pesquisas em sites e comunicação por e-mail, esta oportunidade. Desde a infância, a gagueira sempre foi constante, junto com apelidos, reclamações e brincadeiras maldosas. Os momentos que vejo como bem sucedidos, acredito que estejam em cada dificuldade que supero no caso falar no ambiente de trabalho, com amigos e os demais ciclos sociais, os problemáticos, vejo que é algo criado internamente por mim, pois em alguns momentos crio um “medo”, onde este gera nervosismo, ansiedade e perca do momento, ou seja, a oportunidade de falar; outro ponto é a questão do perguntar e ser perguntada, chegar e pedir informação, pedir algo, falar ao telefone (quando eu faço a ligação).

Em alguns momentos há, porém, depois de começar frequentar o grupo de apoio, ocorreu uma melhora em quase 97 %, no meu relacionamento social, antes me via como uma incapaz; perdi grandes oportunidades na vida, por me considerar com gagueira e que não poderia realizar determinadas atividades; apenas depois do primeiro dia

no grupo que vi minha vida mudar completamente, deixei de ser vista por mim mesmo como “coitadinha” e fui buscando nos exemplos citados nas reuniões, coragem para mudar.

Afastei-me do grupo por questão de trabalho, porém sempre levo a lição de vida comigo: ainda existe um certo “retraimento” em alguns momentos, mas eu falo, crio minha opinião e busco sempre lembrar dos ensinamentos e exemplos de superação citados no GEAG.

Notei melhoras depois do apoio e acolhimento que tive, e sempre fui muito incentivada por todos para não desistir dos meus objetivos por conta da gagueira. Percebi esta melhora e está ajudando muito em minha vida, mesmo não saindo perfeito, eu pergunto, respondo, imponho algo, falo ao telefone, e assim, por diante. Não quero deixar a gagueira tornar-se um empecilho em minha vida, quero sim que esta não passe de algo normal, que pode acontecer até com as mais fluentes das pessoas a qualquer momento da vida.

Sujeito B

Quadro 03 – Perfil do Sujeito C

“Aprender a se colocar em primeiro lugar não é egoísmo, nem orgulho. É Amor Próprio” [Charles Chaplin].

Sou professora, católica, tenho 44 anos, casada, da cidade de Recife-PE. Eu ensino e gosto muito do que faço. Frequento o GEAG desde 2013. Desde pequena, sempre fui gaga, ou seja, até mesmo em minha mocidade. As pessoas mangavam de mim, me mandando falar direito, às vezes eu tinha medo de falar em certos lugares, como: escola, cursos, com o público etc.

E foi aí que eu percebi que realmente minha fala era muito problemática. Nos momentos do nervosismo eu considero minha fala problemática, quando não penso na negatividade e relaxo bastante mostrando, fazendo, lendo etc. Tudo que sei e que quero mostrar que sei minha fala é bem sucedida. Já quando eu penso que acho que vou gaguejar e estou bastante nervosa, isto me afeta e eu gaguejo.

Porém, não é mais assim, penso de outra maneira e evito a gagueira tomar-me, pois relaxo e começo a falar com tranquilidade e com bastante vontade de colocar pra fora de mim, tudo que eu sei em relação ao que eu estou fazendo e falando. No meu ver, eu acho que o psicológico afeta na fala com o negativismo e o positivismo, isto influi muito. Às vezes tenho dificuldades em falar ao realizar atividades diárias, quando o meu tom de voz na leitura é alto e com pressa, minha fala fica com um pouco de dificuldade, daí, eu me embaraço um pouco, mas muito pouco agora. Mas, pra quê pressa? Até porque ler ligeiramente não se entende nada, e não é compreendido da maneira certa, correta.

Comecei a perceber melhoras na minha vida em relação à gagueira, quando, ainda, no 3º período de faculdade do curso de

pedagogia, quando não só eu, mas meus colegas e professores começaram a elogiar-me: “que maravilha!”. Pois, o grupo de gagueira me mostrou que: “Eu quero, Eu posso, Eu consigo. E consegui”. Meus aspectos da fala 100% melhorou. No início, usei muitos truques quando eu ia apresentar meus trabalhos para não gaguejar, agora, vou direto, sou clara, sem pressa, com clarezas no assunto, explicações detalhadas e sem aqueles tais pensamentos negativos.

Como é bom comunicar-se, se agrupar com pessoas que podem lhe ajudar e mostrar para você que a nossa fala, nosso “discurso-gago” tem sim, solução, resultados bons como eu tive, tenho e estou tendo dia a dia. Enxergo-me, me vejo com uma melhora de 100%, graças a: 1º Deus; 2º Grupo de gagueira da Unicap (meus amigos do grupo, professores etc.) e 3º a mim mesma!

Sujeito C

Diante de tudo o que foi mencionado, é importante destacar ainda que em todo processo metodológico:

- a) Os dados foram coletados no período de agosto de 2014 a agosto de 2015, referentes às sessões realizadas entre o mestrando/pesquisador, a orientadora/pesquisadora, professores e estudantes que participam do grupo.
- b) Ao mesmo tempo em que aconteceram, as sessões foram gravadas, como dito anteriormente, sempre às quartas-feiras, das 18h30 às 20h, em vídeo/áudio, sendo transcritas ortograficamente, e analisadas, discursivamente, com base nos fundamentos teóricos da AD.

Acreditamos que cada um dos instrumentos elencados, mencionados anteriormente, nos ajudou a compor nosso objeto de estudo e a responder às questões levantadas nessa pesquisa. Dessa forma, o *corpus* fora selecionado a partir de recortes discursivos constituídos da realização das sessões de terapia em grupo, tal como descrito nos itens acima, conduzidos pelo pesquisador junto a sua orientadora.

Quanto às considerações éticas, foi encaminhada aos sujeitos da pesquisa, uma carta-convite para participação na pesquisa, que se configura como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), elaborado a partir do Conselho Nacional de Ética (CONEP). Observou-se a resolução 466/12 (apêndice I), que contém os objetivos e a metodologia do estudo, para

que os sujeitos da pesquisa definam sobre a participação na mesma. Caso concordassem, assinariam o Termo acima descrito e participariam da investigação. Destaca-se que este projeto faz parte de outro maior da nossa orientadora/coautora. Prof^a Dr^a Nadia Azevedo, intitulado: “Análise do Discurso: mo(vi)mento de interpretações”, aprovado pelo Comitê de Ética, Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), sob o número: 01707612.3.2222.5206.

Até o momento, não estão descritos na literatura riscos para a pesquisa com relação à metodologia adotada – gravações de sessões realizadas em grupo. Poderia haver constrangimento dos sujeitos na participação, minimizado a partir de explicação detalhada sobre o processo. Os sujeitos são beneficiados, na medida em que estão trabalhando terapeuticamente no GEAG. É importante destacar, ainda, que a privacidade dos sujeitos que optaram por participar da pesquisa está inteiramente garantida, visto que os mesmos não foram identificados.

A comunidade científica também deverá ser beneficiada através da leitura de publicações oriundas da pesquisa, uma vez que ainda há carência de investigações do tipo sendo realizadas no Brasil. Ao final das análises dos dados, apresentaremos as considerações referentes às impressões que surgiram no decorrer do nosso estudo.

Salientamos que as análises estão expostas em tabelas, que apresentam os sujeitos investigados (**A**, **B**, **C**), obedecendo assim, à caracterização de cada um deles, a partir de *Perfis*, apresentados no item I, deste capítulo. Para fins de compreensão, disponibilizamos uma tabela que representa tal proposta.

LEGENDA	
T.	TERAPEUTAS
S.A. 1, 2,...	SUJEITO A
S.B. 1,2,3...	SUJEITO B
S.C. 1,2,3,4...	SUJEITO C
Obs: A partir das sequências discursivas é que procedemos com as análises do discurso dos sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, é importante frisar que os números arábicos representam a troca de segmentos discursivos e, assim, sucessivamente.	

A seguir, analisaremos o *corpus* do nosso trabalho, composto por seis sequências/segmentos discursivos, que revelam as marcas que pulsam no discurso e refletem a posição de cada um dos sujeitos nas sessões em grupo, o que atende aos objetivos propostos nesse trabalho.

3º CAPÍTULO: A MUDANÇA DE POSIÇÃO NA FORMAÇÃO DISCURSIVA EM SUJEITOS COM GAGUEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Mudar pressupõe uma ruptura por dentro, para se libertar das amarras com o estabelecido e redefinir outros modos de pensar e de agir.

[FULLAN, 1992].

Neste capítulo, não utilizaremos a Análise do Discurso de linha francesa (AD) enquanto teoria, mas na condição de procedimento analítico. No entanto, salientamos que os conceitos utilizados nas análises já foram devidamente explicados em tratado anterior, numa sessão específica desta dissertação.

Ancorados nos dizeres de Petrusk (2013), reafirmamos que nos deslocamos dos estudos que explicam os aspectos fonético-fonológicos e/ou articulatórios, para uma abordagem que considera o discurso do sujeito que gagueja como elemento primordial, lançamos um “novo” olhar sobre o objeto de estudo. É observar o sujeito que gagueja e trazer aquilo que o constitui (o discurso), e dar evidência a um sujeito que é formado na e pela linguagem. Deste modo, “acreditamos que o estudo da gagueira não pode ser desvinculado de onde o discurso e a ideologia se materializam, no sujeito que gagueja” (PETRUSK, 2013, p.60).

3.1. Sobre o Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG): um espaço de significação e ressignificação para o discurso dos sujeitos com gagueira e para sua imagem de si...

O Grupo de terapia é um ambiente que propicia a interação entre os pares que regem o funcionamento discursivo. É por meio das discussões que os sujeitos aprendem e ensinam uns aos outros, uma vez que são constituídos na/pela linguagem. O espaço é composto por terapeutas da linguagem e sujeitos que se veem como gagos.

A seguir, na primeira sequência, trabalharemos seis segmentos discursivos que refletem e marcam a posição no discurso dos sujeitos analisados.

Segmento Discursivo I

T.: Fala como é que foi o grupo pra você, isso é importante!

S.A.1. – (...) O motivo da minha vinda foi à dificuldade na fala. **De falar que eu me sentia bastante gago**, (...) saber por quê? **Procurando uma “cura”**, é é e me melhorar.

S.B.1. – **E o bom aqui, é que não tem nada de técnicas**, (...), você vê que **todo mundo gira em torno de uma só que é o seu “Eu”**. Se for mesmo pra uma fono **é só dois na sala**. Eu já tinha ido, (...) **a criatura só quis saber do nome e “se eu tinha alguma coisa gasto, no sangue”**(...).

T.: Quando (...) percebeu que o grupo iria te ajudar?

S.B.2. – Logo de cara, no primeiro dia já teve aquele impacto, vendo **cada um falando** (...). É preciso falar. Porque quando eles per perguntam: **“como vai a sua semana?”**, daí, **temos o espaço pa para falar**. Se você não se botar pra frente: **“Ah, eu posso, eu consigo”**, não vai conseguir não. Se não se impor, vai sempre ser o nada, o **“pobre coitadinho que é gago”**, que não fala, que ninguém vai querer, que é o **“patinho feio”**.

T.: Aqui, o falar é importante, quer dizer, que essa confiança nasce a partir do momento que deixa as fonoaudiólogas, os terapeutas escutarem você e, a partir desse momento vai sendo gerado a confiança?

S.B.3. – É. Pronto! Coragem. **Pessoas falando e falando, mesmo gagas**. Você fica pensando, guarda pra si (...). **Cabe a cada um que fale**.

T.: O que é que esses fonoaudiólogos, terapeutas da linguagem fazem que você acredita que ajuda as pessoas?

S.B.4. – Acho que é **a forma como elas tratam** (...), **como vocês tratam a gente** (...) nunca deixam que fique pra baixo e dizem: **“não, não é assim, tem que continuar, não pode parar”**, o carinho, o apoio, o ouvir, **principalmente** isso, **o ouvir!**

T.: Eu acho assim, tem o grupo, mas acima de tudo teve a sua vontade de sair dessa posição, de fazer, de mudar de postura, sair daquele lugarzinho que se escondia atrás da gagueira e de enfrentar mesmo situações, porque muitas vezes não adianta a gente fazer terapia, participar do grupo. Tem que tomar iniciativas!

S.C.1. – (...) Primeiramente eu entrei aqui, **nem sonhava em querer entrar numa faculdade**, e principalmente, pra ser pedagoga, uma professora. **“Foi incentivo que eu via!”**. Eu disse: **“é o quê!? Aí: por que não eu?”**, e eu usei a palavrinha mágica daqui: **“eu quero, eu posso, eu consigo!”**. **É um abrimento da nossa mente**.

T.: Realmente, o grupo não faz “milagres”, né? Todos nós temos o “livre-arbítrio”. É você quem vai escolher se vai querer ficar ouvindo ou se vai falar.

O GEAG, através das sessões de terapia semanais, promove a interação em grupo, e é um ambiente que favorece o posicionamento dos sujeitos-gagos, uma vez que atende, apoia e promove a conversa, o diálogo entre todos os envolvidos, fazendo-os entender que *falar pode aliviar algumas dores*, como ressalta Shakespeare. Com isso, há uma ressignificação nos seus dizeres, contribuindo significativamente para a reinserção nas práticas discursivas existentes na sociedade.

Inicialmente, salientamos que quando o sujeito ingressa no GEAG, ao falar da gagueira, de acordo com Petrusk (2013, p.26), “não faz alusão à perspectiva discursiva, porque as concepções difundidas em relação ao problema se afastam do âmbito discursivo (da linguagem)”. Isso posto, através do segmento discursivo **(1)**, do sujeito **(A)**, ao expor, primeiramente, o motivo da sua vinda para o grupo, percebemos que já deixa claro, que se trata de uma dificuldade de fala: **“de falar que eu me sentia bastante gago”**. Indo ao encontro dessa afirmação, Friedman (2012) reitera que as pessoas em geral quando pensam em gagueira, pensam em dificuldade para falar. O gago, por pensar que o seu problema é dificuldade para falar, acostuma-se a se esforçar, a lutar para falar bem, e a fala com gagueira é apenas um retrato desse esforço, dessa luta feita para falar bem. Infelizmente este comportamento nunca leva ao bem falar. Ele só leva a uma fala com luta, infinitamente. E remete-nos, também, a uma memória discursiva que traz o sentido daqueles que tratam a gagueira como uma doença e chegam ao grupo **“procurando uma “cura”**. Esses dizeres estão pautados sob o modelo positivista (perspectiva neurológica ou genética), que se refere à gagueira como patologia e atribui a ela um local (no corpo do sujeito): função cerebral, de nível articulatorio – interrompendo o fluxo da fala. Fundamentos esses que restringem a causa do problema ao corpo e à fala (PETRUSK, 2013).

Quando **(B)**, no segmento **(1)**, fala sobre a estratégia de trabalho do GEAG e afirma que **“o bom é que não tem nada de técnicas”**, ou ressalta que o grupo de terapia não apresenta “receitas prontas”, exercícios infalíveis que controlam a fala e propiciam uma cura milagrosa, pelo contrário, são mais discursos reflexivos que favorecem o processo de conscientização de que os

indivíduos têm condições de falar. Nessa perspectiva, o trabalho em grupo, como já deixam claro, Guarinello e Lacerda (2007), revela-se não como um espaço de prescrições ou mágico que gera transformações rápidas e eficazes, mas como local de reflexões, de idas e vindas que permitem respeitar as diferenças e apoiar-se nas experiências de outros para que cada um dentro de suas possibilidades ressignifique a própria relação.

Ainda no segmento discursivo em análise, quando o sujeito indica a maneira como os participantes chegam ao grupo, mesmo diante de tantas diferenças há algo que os faz bem semelhantes entre si. Nesse sentido, diz, **“mas todo mundo gira em torno de uma só que é o seu “Eu”**. Aqui entendemos que se refera a sua imagem estigmatizada de falante, (FRIEDMAN, 2004) construída ao longo da vida, revelando que, os sujeitos-gagos trazem uma carga efervescente de conflitos intra e intersíquicos. A respeito da imagem de falante, Friedman e Passos (2007) afirmam que cada novo membro – decorrente de sua imagem estigmatizada de falante – vem para o grupo com o objetivo de parar de gaguejar, o que estabelece um objetivo comum para de todos os integrantes do grupo, sendo este, o primeiro passo do trabalho terapêutico.

Sobre as questões de atendimento fonoaudiológico em órgãos públicos; pelo Sistema Único de Saúde (SUS), o sujeito revela: **“é só dois na sala”**, mostrando a dinâmica que ocorre na maioria das vezes, quando se procura atendimento para a gagueira. Revela, ainda que, no seu caso, aquele que propiciou o atendimento **“só quis saber do nome”** e questionou apenas **“se eu tinha alguma coisa gastro, no sangue”**. Essa afirmação mostra que o profissional que atendeu o sujeito (B) sequer se referiu à sua gagueira ou a sua fala. Com isso, vê-se uma abordagem do paciente circunscrito à perspectiva da doença, na qual sujeito e linguagem são excluídos. Isso aponta para as concepções de patologias da linguagem humana fortemente arraigadas em uma visão médica, que prioriza tratamentos individualizados voltados para a cura da doença, visando uma maior aproximação à uma norma (im)posta socialmente (PANHOCA; BAGAROLLO, 2007). A situação é bem diferente das relações construídas entre terapeutas da linguagem e

pacientes ao longo das sessões de terapia no GEAG, onde a estratégia grupal funciona como uma égide significativa e assemelha-se bastante à dinâmica social cotidiana em que estamos inseridos. Assim, ao solicitar que os sujeitos-gagos interajam, faz-se com que, diante de sua gagueira, se sintam valorizados.

Ao ser questionado por um dos terapeutas em relação à certeza de que seria ajudado pelo GEAG, o sujeito **(B)**, no segmento discursivo **(2)**, expressa que isso se fez possível porque notou “**cada um falando**”. Isso revela que ele **(sujeito B)** trouxe para o grupo um discurso que revela a impossibilidade de se expressar, apontando para as formações ideológicas (FI) subjacentes, que disseminam uma ideia equivocada de fluência absoluta e perfeita e favorecem para que o sujeito gago seja deixado à margem da sociedade. Isso fortalece a posição de que é importante ressignificar o conceito de fluência sedimentado no imaginário social, visto que a gagueira é constitutiva da fala e a fluência absoluta é uma abstração. Diante dessa questão, Azevedo (2013) afirma que se deve considerar a fluência como relativa, uma vez que não há fluência linear. Nesse sentido, ainda, a autora, afirma que, “pensar o sujeito-gago é refletir sobre uma proposta terapêutica que o tire deste lugar e o insira em outra situação de integração social: a de sujeito-falante-fluente” (*op.cit.*, p.162).

É isso que os terapeutas ao longo das sessões em grupo, indagam, quando dizem, por exemplo: “**como vai a sua semana?**”, e o sujeito **(B)**, ainda na sequência **(2)**, revela: “**temos o espaço pa para falar**”, desmistificando assim, os discursos carregados de impossibilidade de expressão. Nesse sentido, Friedman e Passos (2007) expõem que o trabalho fonoaudiológico em grupo deve ser assumido, intencionalmente, como um dispositivo que favoreça os resultados terapêuticos, pela capacidade de potencializar as interações e de fazer circular os sujeitos, promovendo o deslocamento de posições fixas que dificultam as atividades dialógicas. Trabalhando a questão de ocupar o espaço de fala, o terapeuta da linguagem, poderá desmistificar a ideia do “**pobre coitadinho que é gago**”.

Trabalhando essa questão, ainda, solicitando e encorajando os sujeitos com gagueira a falarem, temos a sequência discursiva **(3)**, do sujeito **(B)**: **“Pessoas falando e falando, mesmo gagas”**, **“mas cabe a cada um que fale”**. O sujeito aqui revela que está livre para falar e participar das discussões se e quando quiser, posicionar-se ou não, entre os seus pares discursivos. Dentre os efeitos de sentido, uma impossibilidade é pensar que a partir das dinâmicas do grupo em que sempre se procura revisitar os dizeres em relação à FD gagueira, ressignificá-los, é possível criar aceitação e/ou compreensão para de fato os sujeitos que gaguejam podem estar na FD da fluência.

Nessa mesma direção vai à afirmação do segmento **(4)**, do sujeito **(B)**, onde notamos que ao responder para os terapeutas sobre o papel e importância daqueles para estes no processo de significação e ressignificação dos dizeres em torno da gagueira, destaca: é **“a forma como elas tratam”**, **“como vocês tratam a gente”**, nunca os deixando esmorecer diante das dificuldades e dizem: **“não, não é assim, tem que continuar, não pode parar”**, **“o carinho, o apoio, o ouvir, principalmente isso, o ouvir!”**. Diante dessa questão, Bechelli e Santos (2005), afirmam que o terapeuta, é um agente que procura facilitar a participação e interação dos membros, de modo que eles possam verbalizar livremente seus pensamentos e emoções. De modo que possam direcionar a escolha da maneira de viver que lhes seja mais adequada e harmoniosa – *princípio do livre-arbítrio (ibidem, 2005)*.

Ao analisarmos o segmento **(1)**, do sujeito **(C)**, vemos que desliza por alguns dizeres: inicialmente, afirma que antes de conhecer o GEAG, **“nem sonhava em querer entrar numa faculdade”**, acredita que por ser gago, estava impedido, impossibilitado de alçar voos mais altos na vida. Mas ao compreender que a fluência é relativa, e que fazer-se entender pelo outro é o mais importante no funcionamento discursivo diz: **“Foi incentivo que eu via!”** **“por que não eu?”**. Retomando dizeres dos terapeutas que intitula de as palavrinhas mágicas diz: **“eu quero, eu posso, eu consigo!”**. E ainda, salienta que tal perspectiva: **“é um abrimento da nossa mente”**. Revela, assim, sua mudança de posição em relação às possibilidades que a vida pode-lhe oferecer.

Em relação à importância do grupo terapêutico, Panhoca (2007) argumenta que muito mais que ser um conjunto de pessoas, o grupo tem mecanismos de funcionamento próprios. É um organismo único. Tem vida própria. Expõe, revela. É espaço de tensões e angústias que favorecem significações e reconstruções, aciona, possibilita e favorece reflexões e caracteriza-se pelo constante ir e vir. Podemos perceber, pelo discurso do sujeito, que as relações interdiscursivas puderam deslocar o sujeito de uma posição discursiva, identificando-o a outra FD, evidenciando um processo de modificação de sua autoimagem de sujeito gago para sujeito fluente. Nessa perspectiva, de acordo com Friedman (2012), para superar a gagueira não basta discutir teoricamente sobre ela com o sujeito. É preciso agir sobre ela, de maneira que o sujeito reflita sobre si mesmo, se observe e se conheça melhor. Isso pode levá-lo a superar a tensão e o medo de que a fluência não aconteça e levá-lo a se soltar e acreditar completamente nela (FRIEDMAN, 2012).

Portanto, há uma significação e ressignificação dos dizeres dos sujeitos a partir das dinâmicas do grupo. A fala, o depoimento, o discurso de cada um dos membros, incluindo o terapeuta são de extrema importância para desencadear, nos sujeitos com gagueira, o querer e o poder na linguagem. Nesse processo, concretamente o que o terapeuta pede é que os sujeitos falem sobre a sua semana, se posicionem em relação à fala, a gagueira e conversem, entre si, percebendo que se fazem entender por seus pares discursivos. Dessa forma, o trabalho no GEAG, sob a perspectiva linguístico-discursiva, prioriza o sujeito e a linguagem que “se encontram indissolúvelmente atrelados e se constituem mutuamente” (AZEVEDO, 2000, p.03-118). Assim, a linguagem, enquanto fenômeno social e ideológico participa dinamicamente da realidade histórico-social dos indivíduos.

Essa perspectiva, idealizada por Azevedo (2000; 2006; 2013), a partir dos estudos de Friedman ([1986]2004; [1988]2012; 1994; 2001; 2014) e ancorada na AD, propõe um trabalho de desmistificação da imagem estigmatizada de falante, constituindo-se numa abordagem de viés subjetivo.

Tal vertente, não pretende ser conclusiva, e sim, abrir possibilidades a outros olhares e a novas descobertas da dimensão subjetiva da gagueira.

3.2. A família e o sujeito-gago: é possível que a primeira funcione como constitutiva da gagueira sofrimento?

Já diz um velho ditado: “família é um destino do qual não podemos fugir”, é um ambiente composto por aglutinação dos sujeitos que a constituem e se caracterizam através de marcas discursivas que estão arraigadas às crenças e valores, que são o resultado daquilo que se aprendem nas Formações Discursivas (FD) e Formações Ideológicas (FI).

Tais preconceitos se sustentam em torno da ideia de que a gagueira é algo muito ruim e de que fluência é absoluta, sem erros, hesitações, pausas e/ou repetições. Todas essas questões são passadas de gerações a gerações, dia a dia e se tornam presentes por meio de afirmações como: “*fale direito, tenha calma, não se fala assim, está errado!*”, conforme já foi referido em Friedman (1986; 2004), Azevedo (2000; 2000; 2013), Azevedo e Freire (2001), entre outros.

Com relação às questões postas, a seguir, refletiremos sobre três segmentos discursivos que marcam os discursos expressos.

Sequência Discursiva II
<p>T.: A gente sempre fala isso. Quanto mais você estuda a gagueira, conhece a gagueira, menos você tem vontade de rir. Porque vê como tem sofrimento. Cada pessoa que tem gagueira carrega ou já carregou sofrimento, não é?</p> <p>S.A.1. – A minha disfluência era mais em casa, no ambiente familiar, minha mãe me cobrava muito, usava a tradicional “colher de pau”, encostava na minha cabeça: – “<i>fala direito!</i>”, hoje ela não faz mais, tô mais velho.</p> <p>S.B.1. – (...) em casa também o povo só fazia rir, “<i>pega a colher de pau e mete na cabeça dessa menina!</i>” (...), quando tinha primo perto de mim, eu lembro que tinham umas tias que diziam: – “<i>sai de perto dela que se não, tu, tu vai ficar gago</i>”. Aí, eu já ficava triste.</p> <p>S.B.2. – Assim, eu acho que dos 11 até os 15 foi complicado pra mim. Eu lembro que eu disse uma vez pra minha tia: “<i>(...) tia, eu vou ser médica? Aí, ela pegou fez assim, oxênte, uma médica gaga?! Não, pode</i></p>

não!”.

T.: Então, a gente tem que compreender que tem sofrimento e trabalhar, falar sobre isso. A queixa principal, ainda é muita ignorância mesmo das pessoas, elas não sabem o que é. Ainda é passado que é engraçado. *“Por quê? O quê que é engraçado?”* Precisamos fazer um trabalho de mobilização mesmo, de informação.

Certamente que as reflexões no GEAG não acabam quando terminam, questão essa, sempre frisada pelos terapeutas da linguagem, as interações sempre possibilitam o cogitar profundamente. Algo muito discutido ao longo das sessões é o sofrimento dos sujeitos com gagueira. Diante dessa realidade, o terapeuta ressalta que quanto mais conhecemos o problema, menos temos vontade de rir, porque este é sinônimo de muito sofrimento.

Quando faz um resgate histórico sobre questões da gagueira como sofrimento o sujeito **(A)**, no segmento discursivo **(1)**, relata: **“a minha disfluência era mais em casa, no ambiente familiar, minha mãe me cobrava muito”**, usava a tradicional “colher de pau”, **“encostava na minha cabeça: – fala direito!”**. Nesse sentido, a ideologia, de acordo com Fernandes (2001), se materializa no discurso e os sentidos se produzem face aos lugares ocupados pelos sujeitos no processo de interlocução. Portanto, quando a família ou um outro significativo pede para o sujeito *“falar direito”, “devagar”*, neste momento, o interlocutor assume um lugar para o sujeito de alguém que aponta seus erros.

Tecendo algumas considerações a respeito, Friedman (2007), diz que a gagueira como sofrimento na produção da fala constitui-se na infância, em geral nos primeiros cinco anos de vida, período que corresponde à formação de uma má imagem de si. E se constitui no contexto de relações intersubjetivas marcadas por forte carga afetiva, como as que se estabelecem nas relações parentais e nas escolares, sobredeterminados por uma ideologia de senso comum que toma a fluência como absoluta (sem disfluências), à qual temos denominado ideologia de bem falar (FRIEDMAN, 2007).

Existe no imaginário social, através da FD e FI, a ideia equivocada dos mitos em torno da gagueira e um desses é o de que ao usar, isto é, bater com a tradicional colher de pau virgem, nas sextas-feiras, como “um passe de mágicas” o problema será solucionado. Percebemos que, em seu discurso, a família, mais precisamente “a mãe” tornara-se um agente que, ao cobrar uma fala fluente, fazia com que o mesmo ficasse mais gago. Esta atitude de não aceitação da fala, segundo Azevedo (2000; 2006) e Friedman (2004) se concretiza em elocuições como: “*fale devagar*”, “*fale direito*”, “*acalme-se*”, “*pense antes de falar*” ou expressões de desagrado. Isto já foi relatado no consultório pelos pais de crianças gagas e em relatos de adultos historicizando sua fala na infância.

Ao participar da discussão, o sujeito **(B)**, em sua sequência discursiva **(1)**, também afirma que, “**em casa também o povo só fazia rir**”, além é claro, da ideia equivocada da colher de pau utilizada “na cabeça da menina”, como medida preventiva e eficaz para sanar a gagueira. A partir desses dizeres, Friedman (2012), ressalta que antes de uma pessoa vir a manifestar o problema, exatamente no período da primeira infância, quando a criança está desenvolvendo sua fala, ou seja, está aprendendo a falar, ela viveu situações nas quais sua forma de fala não foi aceita pelos adultos responsáveis por ela.

No segmento analisado, o sujeito informa-nos, “**eu lembro**” que tinham umas tias que diziam: – “**sai de perto dela que se não, tu, tu vai ficar gago**”. De acordo com Pêcheux (1999), todo discurso é constituído a partir de uma memória e esquecimento de outro, com isso, a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os *implícitos*, quer dizer, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. Portanto, ao expressar-se, o sujeito revela um interdiscurso que confirma a gagueira como doença, algo contagioso que pode atingir o outro e torná-lo gago da mesma forma e isso é constatado através de sua memória discursiva.

Discutindo especificamente sobre gagueira, Azevedo [2000](2013), expõe que a questão proposta possui uma imensa heterogeneidade de hipóteses em relação a sua origem, contraposta a uma homogeneidade em sua caracterização. Em um ponto, no entanto, há a confluência de todas as propostas: os estudos linguísticos e fonoaudiológicos tomam a gagueira como uma manifestação de algo que se dá no plano do corpo, ora significado como tensão muscular, ora como respiração, produção de fala, ou, ainda, como formação genética, um sujeito, portanto, com uma ‘doença’ (AZEVEDO, 2000; 2013).

Em seus dizeres, o sujeito **(B)**, na sequência **(2)**, enfatiza que a gagueira foi bem presente: **“eu acho que dos 11 até os 15 foi complicado pra mim”**. Nesse sentido, “conforme os anos vão se passando, a criança vai se tornando adolescente, adulto, sempre abrigando dentro de si a realidade que se criou na primeira infância, que é a que fala mal e precisa falar bem” (FRIEDMAN, 2012, p.19). Portanto, além de internalizar uma imagem estigmatizada de mal falante, também sempre acreditará que não tem solução.

Ainda no segmento em análise, revela que desejava ser médica, mas uma de suas tias, logo indaga: **“oxênte, uma médica gaga?! Não, pode não!”**. Reverberando assim, um discurso familiar que revela incapacidade, impossibilidade do sujeito por causa de sua fala gaguejada. Fazendo com que a mesma passasse a acreditar que por apresentar gagueira, esse fato seria impedimento para não conseguir ser uma profissional da área médica.

Diante da questão expressa, Friedman e Passos (2007) asseveram que pelo fato de a condição de gaguejante carregar socialmente uma marca negativa, que desqualifica o sujeito, que o desacredita como falante capaz, podemos considerar que interpretar trechos disfluentes de fala como gaguejantes está investido de um potencial de rejeição que tem, por isso, força estigmatizadora, especialmente quando vivido em relações com alto valor afetivo – o que, obviamente, inclui as parentais.

Por isso é necessário, estudarmos, a gagueira, de maneira que possamos promover reflexões dentro das dinâmicas sociais onde os interlocutores participam das discussões.

3.3. Sobre a política do silêncio: o discurso dos sujeitos-gagos que calam, no entanto, “o silêncio não fala, mas significa”...

Os discursos são produzidos, tendo em vista condições/formações imaginárias estabelecidas pelo funcionamento discursivo, mais especificamente, dentro de Formações Discursivas (FD). É nesse espaço que o silêncio circula, desenvolve-se e trabalha os limites das diferentes FD, isto é, lida com o jogo da contradição, os deslizamentos de sentidos e da identificação do sujeito gago com esta ou com aquela situação, implicando assim, em seu falar ou tão somente, no seu calar, em detrimento a determinadas políticas estabelecidas por outras formas sujeitos.

Nesta sequência discursiva, refletiremos sobre a questão do silêncio/silenciamento no discurso dos sujeitos que gaguejam. Para isso, analisaremos quatro segmentos discursivos que marcam as questões postas em destaque, a seguir:

Sequência Discursiva III

T.: Todos nós temos pontos de vista e é preciso se posicionar: *“eu concordo, ou não concordo com isso”*. *“ah, não vou falar por conta da gagueira”*, como é que a gente vai mostrar o ponto de vista da gente? Falando.

S.A.1. – E a gente chega aqui (no grupo) **muito calado, não acreditando na gente mesmo**, algo que me impactou foi um, um dos **alunos** aqui que ele falava muito, e ele era mais disfluente do que eu,(...) não parava de falar: **“Por quê eu ficar calado(...)?”**.

T.: Outra coisa, se baixar à guarda, daí: *“tu é gago, é, sou”*, aí o outro vai cometendo aquele *bullying* porque se baixa à guarda. Ninguém é coitadinho! O outro vai vendo e investindo nisso (...).

T.: Quando acontece é total falta de informação.

S.A.2. – Quando as pessoas não têm esse senso de consciência à gente precisa chamar “ele”. Mostrar seriedade e ver se ela muda de postura. (...), **se não você entra mudo e sai calado no local...** Ter autoconfiança, você tem que confiar na sua fala, na sua personalidade, **não se fechar, mas se abrir pro mundo**.

S.B.1. – **Eu não falava não**, minha gente é sério (...), em casa, as pessoas riam, **“ah, muito engraçado e todo mundo rindo e eu chorando”**. Muita gente fazia assim: **“oxe, para de falar (...), tu gagueja muito”**.

S.B.2. – Eu ficava pensando: *“uma profissão que eu menos fale (...) o que que eu vou fazer **que não precise falar com o público?** Mas, tudo gira em torno do público. **Eu não posso ficar calada, E agora?”** aí, (...) fiz a prova do vestibular pra licenciatura em Biologia, mas é pra dar aula! E agora? **Eu não vou dar aula não.***

T.: E cada vez que você enfrenta isso, fica mais fácil.

Os terapeutas da linguagem sempre solicitam que os sujeitos com gagueira valorizem cada momento, aproveitando para interagirem com os seus pares sociais ao longo das sessões de terapia em grupo. Essa estratégia do GEAG é para que todos falem e não se caleem, portanto, funciona, mesmo, como uma grande dinâmica social, porque se assemelha muitíssimo ao processo natural do funcionamento discursivo.

Abrindo a rede de segmentos discursivos, o sujeito **(A)**, na sequência discursiva **(1)**, relata em seu depoimento que o participante chega ao grupo terapêutico: **“muito calado, não acreditando na gente mesmo”**. Nesse sentido, Azevedo (2000) afirma que quando o sujeito que gagueja prefere não ocupar o lugar de falante, significa que, muitas vezes, o outro o silencia e, desta forma, ele termina protegendo-se, ao se entregar e deixar-se envolver pelo silêncio. Na verdade, o sujeito gostaria de dizer, mas se protege no silêncio, por representar o outro como analista de sua fala e por vergonha. Quando um sujeito que gagueja percebe que poderá/irá gaguejar em uma palavra ou fonema, ele se cala e frustra. Há uma situação de conflito no discurso: falar ou não falar, falar ou silenciar (o sujeito é impedido por si mesmo de falar).

Ao tecer mais esclarecimentos, Azevedo (2006), também caracteriza o silêncio na gagueira como um discurso da impossibilidade: em algumas ocasiões o sujeito preferirá ficar em silêncio, por não acreditar que a sua fala ocorrerá sem gagueira. Em seus estudos, a autora afirma que esse sujeito utiliza estratégias defensivas de evitação ou adiamento da gagueira que, afinal, apenas a ratificam: substitui palavras, repete, bloqueia sons, bate o pé, a mão.

São estratégias que o identificam como sujeito angustiado por ocupar a posição sujeito que gagueja. Assim, ele identifica o seu ouvinte como censurador. Isso acaba se manifestando e interferindo na espontaneidade do ato de falar. Há uma ruptura no processo linguístico-discursivo que gera condições para a produção de uma fala com gagueira (AZEVEDO, 2006).

Na mesma sequência, destaca que o que mais o impactou foi ver um dos “**alunos**” que “falava muito”, e era mais gago que ele e, com isso, começou a questionar-se: “**por que eu ficar calado?**”. Quando ingressam no grupo, os sujeitos estão plenamente identificados (inseridos) na FD da gagueira, com isso, preferem silenciar diante dos seus interlocutores. Possivelmente, ao comparar um dos participantes do grupo, chamando-o de “aluno”, no seu inconsciente vê/atrela o GEAG a um espaço de sociabilidade, afeto, companheirismo entre os seus participantes, lembrando cenários escolares. *A Escola* é, sobretudo, gente, gente que estuda, se alegra, conhece e estima. O diretor, o coordenador, o professor e o aluno são gente. Nada de ilha cercada de gente por todos os lados. Nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar é também criar laços de amizade, ambiente de camaradagem, é conviver, se amarrar nela (FREIRE, 2015).

No segmento analisado, notamos que quando começa a interrogar-se, inicia a **contraidentificação** (questionamentos) com a FD geradora de silêncio, preconceito e sofrimento, com isso, ocorre a **desidentificação** (inserção) numa nova forma-sujeito, na FD da fluência, conseguindo então, perceber que a fluência é instável e que a gagueira é totalmente saudável.

Nas sessões do GEAG, os terapeutas propiciam reflexões, sempre é trabalhada, por exemplo, a importância dos sujeitos com gagueira não baixarem a guarda nem se verem como coitadinhos, quando a sociedade dissemina preconceitos e *bullying*, por meio de insultos, intimidações, apelidos cruéis, que hostilizam e ridicularizam a vida de outros levando-os à exclusão (FANTE, 2005).

Sobre a questão delineada, o sujeito **(A)**, no segmento discursivo **(2)**, destaca que, se os sujeitos não se mostrarem, falando, o processo fica mais

limitado, quando afirma: “**se não você entra mudo e sai calado no local**”, ele também enfatiza a importância de ser ter autoconfiança, você tem que confiar na sua fala, na sua personalidade, “**não se fechar, mas se abrir pro mundo**”. Nessa perspectiva, às vezes, um passo muito importante na nossa vida é deixar de lado um monte de ideias antigas, que condicionam o nosso pensamento e com as quais nos acostumamos a conviver, para dar lugar a pensamentos novos, que ao fluírem em nossa mente, mudam nosso caminho e nosso modo de nos sentirmos (FRIEDMAN, 2012).

Também participando da discussão, o sujeito **(B)**, na sequência **(1)**, afirma: “**eu não falava não**”, porque o ambiente familiar favorecia para que fosse silenciado, uma vez que, ao presenciarem a gagueira, diziam: “**ah, muito engraçado e todo mundo rindo e eu chorando**” e ainda reforçavam: “**oxe, para de falar (...), tu gagueja muito**”. Nesse contexto, Friedman (2014) afirma que a imagem negativa de falante, tem sua origem numa visão de senso comum que considera a fluência como sendo absoluta, ou seja, sem lapsos, pausas ou disfluências que levam as pessoas (na família e na escola) a rejeitarem o padrão disfluente na fala do sujeito, por exemplo. Esta rejeição, frequentemente, se materializa por frases do tipo: “*calma, pense antes de falar, respira*”, em que nada ajudam a falar sem disfluir, mas fazem com que entenda que não falou adequadamente; que o modo como fala desagrada (FRIEDMAN, 2014).

Diante disso, o sujeito que gagueja tem uma postura crítica sobre si e obriga-se a ficar em silêncio. Quando isto ocorre, ser silenciado é fonte de grande angústia e sofrimento. O silêncio é utilizado como *autoproteção*. Ele preferirá o silêncio porque, para esse sujeito demonstrar a gagueira fará com que o outro o julgue como mau falante. Aqui temos a política do silêncio, retomando Orlandi (2007), em que, ao dizer, o sujeito não diz, ou diz outros sentidos, tem o dizer interdito.

Dentro desse contexto, mais precisamente, no segmento **(2)**, o sujeito **(B)**, expõe que sempre ficava pensando: “**uma profissão que eu menos fale (...) que não precise falar com o público**”. Diante de algumas inflexões acaba constatando que tudo girava em torno do público, então, acaba reconhecendo: “**eu não posso ficar calada**”. Portanto, decide prestar o

vestibular para uma licenciatura, mas entendia que tal posição acarretaria em ser professor e, conseqüentemente, dar aula e diz: **“eu não vou dar aula não”**.

A partir dos dizeres em evidência, nota-se, de acordo com Petrusk (2013), que o sujeito que gagueja, frequentemente, ocupa uma posição que gera o efeito de silêncio. “Muitas vezes, ele coloca o outro na posição de quem o silencia, apesar de isto não estar no outro, mas nessa posição em que está é mantido” (PETRUSK, 2013, p.79). Tecendo algumas considerações, Azevedo (2000; 2006), argumenta que na ordem discursiva, há uma tensão natural entre língua e fala que é estruturante, de forma que a linguagem é a articulação de ambas. Na fala gaguejada, há uma excessiva desarmonia nessa tensão, causando estranhamento e gerando no outro o sentido de patológico. O sujeito privilegia o eixo da língua ou é silenciado pelas condições de produção.

Na perspectiva da política do silêncio (ou silenciamento) significa que ao dizer, o sujeito não diz, ou diz outros sentidos. Nesse espaço discursivo, o dizer é interdito e, isto acontece, porque constituem-se discursos autoritários, onde não há reversibilidade. Ao concordar com essa assertiva, Azevedo (2000), argumenta que é negada ao sujeito a ocupação de diferentes posições, que permanece estancado em um lugar, produzindo sentidos não proibidos. Caberia aqui a noção de *migração de sentidos*, “com seu efeito de movimento, de deslocamento de posição. Sempre que há censura, há migração de sentidos para outros objetos simbólicos, que significarão o que não pôde ser dito” (AZEVEDO, 2000, p.29). Sendo assim, no discurso, o silêncio aparece como “tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar, etc” (ORLANDI, 2007, p. 31).

3.4. Sobre a previsão do erro: uma *ameaça que está prestes a acontecer...*

É através do processo de funcionamento discursivo, que respectivamente os pares, quer dizer, os sujeitos sociais se constituem na/pela linguagem, com isso, cada qual, ocupa uma posição de quem fala, escuta e conseqüentemente, interage com a produção dos discursos. Em meio a essa situação, a certeza *a priori do erro* é um discurso que constitui a posição de

sujeito que gagueja, antes mesmo de falar, o sujeito já tem a determinação da falha.

A partir dos dizeres em evidência, trabalharemos quatro segmentos discursivos, procurando delinear como tal situação ocorre de fato no discurso dos sujeitos que gaguejam.

Sequência Discursiva IV

T.: O início, o principal de tudo é lidar com esses momentos de previsão, que é essa situação que você acredita vai gaguejar antes de falar, onde há uma preparação. Como é que eu faço isso? Você prevê a reação do outro: *“ah, ele vai rir”*.

S.A.1. – Então, **eu tenho aprendido** a ser assim, **quanto menos eu me preocupar, então, eu vou ser mais fluente. Mas aí, quanto mais eu me preocupar mais vem a disfluência, aí eu vou ta gaguejando mais (...)**. Agora eu me preocupo, mas mas **no conteúdo**, com a minha fala, não!

T.: O medo mesmo, achar que vai gaguejar leva à gagueira, né?

S.A.2. – Tô aqui no grupo **aprendendo a ser assim**, a não tá tão preocupado com isso, às vezes eu me preocupo. **E aí, vem a disfluência e vem a questão de tá substituindo por palavras**, que não pode. Vou ficar o tempo todo fazendo isso?

T.: Vou fazer uma pergunta bem interessante pra pensar: você fala muito assim: *“aí vem a disfluência”*. – vem da onde?

S.A.3. – **Vem da minha preocupação.**

T.: Mas percebe como você faz muito isso? – *“Mas aí, eu tô falando e vem a disfluência, vem à gagueira”* – vem, vem de algum lugar. E vem da sua preocupação mesmo, tá certo! (...) pensar antes de falar é terrível (...).

T.: A disfluência é algo natural!

S.C.1. – É essa visão que a gente vê aqui (no grupo). Não é pensar que vai gaguejar, (...) **A visão que você tem é negativa**, daí, *“não faço mais isso, não vou fazer isso”*. E assim, se vai.

T.: Muito bem, ótimo te ver falando.

T.: Para se pensar: *“uma questão é você gaguejar e aí, perceber que gaguejou e que acontece com todo mundo”, tá?* (...) e aí, falo assim: *“é gaguejei, mas isso é absolutamente normal”*. E outra coisa é você já ter certeza de que vai gaguejar.

É preciso que em meio ao processo do funcionamento discursivo, como bem salienta um dos terapeutas, “o início, o principal de tudo é lidar com esses momentos de previsão”, ou seja, que os sujeitos-gagos não se prendam à forma de como irão falar, ao pensar que se vão gaguejar e que o outro está pensando isto ou aquilo. Tendo

Antes de debruçarmo-nos sobre os segmentos em tela, é preciso compreendermos, de acordo com Azevedo (2006), que para que a gagueira aconteça é fundamental um ouvinte que assuma a posição de intérprete e que se descortina ao gago como alguém que vai ironizá-lo, censurá-lo. O ouvinte é antecipado como agente censurador, e tem o efeito de fazer prever a “falha”, quer dizer, a gagueira.

Isso posto, no discurso do sujeito **(A)**, na sequência **(1)**, ao afirmar: **“eu tenho aprendido”**, fica patente que após algumas reflexões propostas e discutidas pelos terapeutas ao longo das sessões no GEAG, já internalizou questões importantes sobre a temática da gagueira. Outro fator que merece ser discutido neste segmento discursivo é o fato de os sujeitos do grupo (mesmo sendo bastante enfatizado o contrário) compreenderem que há uma *aprendizagem*, o que implica em algo que é *ensinado* pelos terapeutas e *aprendido* pelos sujeitos gagos. Não é esta a proposta do grupo, mas está no discurso deles. Parece que teoricamente, há uma reprodução do que é discutido: **“quanto menos eu me preocupar, então, eu vou ser mais fluente. Mas aí, quanto mais eu me preocupar mais vem a disfluência, aí eu vou ta gaguejando mais”**. Ainda, segundo Azevedo [2006](2013), os sujeitos-gagos são aqueles que apresentam, de antemão, a *certeza da gagueira* e que, antes mesmo de falarem, já estão certos de que a palavra será repetida, bloqueada, prolongada. A gagueira é marcada pela previsão do *erro iminente*. Há uma certeza *a priori* deste *erro* e é a partir da possibilidade de errar que o sujeito-gago opta por tentar evitá-lo ou adiá-lo (AZEVEDO, 2006; 2013).

No mesmo segmento, o sujeito, ainda, reitera aos participantes do GEAG que não se devem preocupar com a forma de falar, que o ideal é centrar-se **“no conteúdo”**. Sobre isso, Friedman (2012, p.10-12), comenta que

“para se observar a fluência, não há necessidade que a gagueira desapareça. Ao falar, mesmo gaguejando, faço-me entender pelo outro, de maneira que haja entendimento e sentido na mensagem” (FRIEDMAN, 2012, p.10-12).

Sobre as questões delineadas, até então, o sujeito **(A)**, no segmento **(2)**, revela que está no grupo **“aprendendo a ser assim”**, a não se preocupar com isso, mas, vez por outra acontece. Percebe-se: a) a presença da concepção de ensino/aprendizagem, como em uma escola; b) que o verbo “aprender” é conjugado “aprendendo”... Essa estrutura nominal do gerúndio é uma das formas do verbo que representa uma ação em processo, intensa, concomitante a outra e dá-nos ainda, a ideia de progressão. Com isso, entende-se que pensar é algo tão natural/inerente ao ser humano, e ao mesmo tempo, tão automático, que muitas vezes sem querer, nos pegamos já pensando e prevendo, simulando determinados acontecimentos frente às situações e aos outros. **“E aí, vem a disfluência e vem a questão de tá substituindo por palavras”**. Mas, o sujeito em análise, já sabe que isso não é necessário.

Há uma lista de palavras e sons proibidos na FD da gagueira, segundo Petrusk (2013) e, dessa forma, os sujeitos listam a impossibilidade de dizer palavras, bem como, fonemas como /p,/k,/t,/f/ e tantos outros. Percebe-se que a maioria dos participantes do GEAG apresenta palavras indizíveis, por que algo diz que, antes de falar, elas não sairão. Sendo assim, falar sobre gagueira, de acordo com Azevedo (2000), tem como efeito mais gagueira. Ainda, segundo a estudiosa, o que dificulta a fala do gago é a seleção das palavras ou fonemas, não por difícil acesso a elas, mas porque o sujeito que gagueja fica no estado de vigilância com a fala. Substituir uma palavra no lugar de outra que ela acha incapaz de falar significa que terá que acessar o eixo paradigmático, de forma consciente na gagueira, ele terá que escolher rapidamente uma palavra para a substituição de uma que “travou” (ou poderá travar). A seleção de palavras (eixo da formulação) é afetada por esse motivo. Assim, conforme a autora, o discurso desses sujeitos *aprisionados* pela língua, bloqueiam a língua. E nessa dicotomia língua e fala, o sujeito fica subordinado pela dimensão de língua, preso ao dizer da impossibilidade (AZEVEDO, 2000).

Em seus estudos, Petrusk (2013, p.68), também, elabora/utiliza termos como: “discursos que prendem e discursos que libertam”. E expõe que o sujeito não falará uma determinada palavra porque gagueja, são discursos que se prendem por essa posição de impossibilidade. Em relação a esses, a autora, reitera-nos que discursos que prendem são aqueles que reforçam o sujeito na FD da gagueira – revelam a identificação desse sujeito com essa FD. Nessa FD, o sujeito sustenta discursos que o mantém na posição sujeito que gagueja. Já em relação aos discursos que libertam seriam aqueles que ele questiona a FD da gagueira, uma **contraidentificação** e impulsiona um possível deslocamento, uma **desidentificação** para a FD da fluência (PETRUSK, 2013).

O GEAG é um ambiente reverbera o processo terapêutico de escutar, ouvir o outro em suas angústias, conquistas e um cenário que possibilita indagações, questionamentos aos sujeitos com gagueira, ou seja, há muitas reflexões ao longo das sessões de terapia em grupo. Uma dessas foi protagonizada por um dos terapeutas que, diante de um discurso que retrata a figura que caracteriza a certeza *a priori do erro*, faz o sujeito **(A)** refletir e afirmar na sequência **(3)**: “**vem da minha preocupação**”. Dentro desse contexto, Azevedo (2006; 2013), afirma que a previsão do erro marca o dizer do sujeito que gagueja, uma vez que, antes de falar, ele já tem a certeza de que gaguejará. Sabemos que não é possível determinar quando iremos *falhar*. Logo, substitui palavras *perigosas*, ou seja, consideradas como sendo de difícil emissão, por outras compreendidas como sendo mais fáceis, ou, ainda, escapa da fala gaguejada, utilizando estratégias corporais, isto é, apertar os olhos, as mãos, bater os pés, e outros artifícios, que, em última instância, acabam por mostrá-lo mais gago ao seu interlocutor (AZEVEDO, 2006; 2013).

Posteriormente, no segmento discursivo **(1)**, o sujeito **(C)**, afirma que é ao longo das sessões de terapia em grupo, que faz com os sujeitos não façam a previsão do erro, ouvindo sobre a importância de acreditar que se fala bem. Pois, como bem ele enfatiza: “**a visão que você tem é negativa**”. Assim, concordando com os dizeres de Friedman (2012), percebemos que a gagueira não é um problema de fala, uma dificuldade da fala propriamente dita, mas sim consequência daquilo que a emoção negativa associaria à fala produz sobre

ela. Essa espera da gagueira, ou constante antecipação a ela é o que condiciona a fala a um permanente estado de tensão e ao uso de truques para falar bem. E é exatamente porque a nossa imagem de falante não se harmoniza com a imagem que consideramos *socialmente desejável* no ato de falar (FRIEDMAN, 2012).

A proposta terapêutica do GEAG consiste, em levar o sujeito a identificar, a previsão do erro, a conscientizar a grande importância disso. Assim, após identificado, é explicado que, na perspectiva discursiva nada garante que o sujeito irá gaguejar de fato. Esse é um/o fundamento para que a gagueira se materialize. Conforme Azevedo (2013) é preciso que nos afastemos dos trabalhos indicados na revisão dos estudos da área, que identificam a gagueira ao corpo e à fala, assumindo uma posição de circunscrever o discurso como origem e lugar de apresentação e manutenção da gagueira, sob a forma peculiar de efeito de interlocução e sentidos (AZEVEDO, 2013).

Uma das propostas terapêuticas no grupo que geram efeito de fluência, de acordo com Petrusk (2013), é tentar identificar na fala de outros sujeitos momentos de disfluência natural, já que todos gaguejam em determinado momento. Fazer a previsão desse determinado momento possível de falha é o que marca o sujeito que gagueja. A proposta terapêutica do grupo respalda-se em eliminar as previsões e entender que a mesma está no funcionamento da linguagem; assim, o sujeito realiza menos previsões de erro.

3.5. Condições de produção: as formações imaginárias (Flm) e a importância do lugar que os sujeitos com gagueira ocupam na produção dos seus discursos

Tendo-se em mente que o funcionamento discursivo não é unicamente linguístico, logo constatamos que são as Condições de Produção (CP) que determinam a partir do desempenho dos protagonistas a caracterização do discurso desses sujeitos, que, entre outros, pode apresentar-se pela relação de forças, situação essa em que os interlocutores exercem seus lugares sociais, ou seja, de fato ocupam sua posição relativa no discurso e a antecipação,

capacidade que os sujeitos têm de representar a ele mesmo e ao outro no discurso.

Sobre as formações imaginárias (FI_m) e sua importância à respeito do lugar que os sujeitos ocupam na produção do discurso, vemos oito segmentos discursivos, a seguir:

Sequências Discursivas V

T.: Você disse que quando vai discursar a gagueira não aparece, o que é que você pensa nessa hora, pra que ela não aconteça?

S.A.1. – **Eu tô no numa situação que todos estão olhando para mim**, então, **eu vou falar aquilo que eu já sei**, (...) e já chego falando e não vem essa preocupação.

S.A.2. – Por exemplo, a semana passada terminou o projeto, aí, eu fui trazer uma reflexão, (...) **o texto eu já conhecia e ia falar pra um público de alunos** (...), então, **eu paraphraseei**.

T.: E a posição que você ocupou também, que era o professor e eles eram alunos. Isso muda algo coisa?

S.A.3. – **Muda**, porque justamente **eu tava numa posição ali que todos esperavam que eu ia trazer um fechamento**, uma reflexão (...) e todos esperavam ouvir.

T.: E era um lugar de quem sabe!

T.: Você tem que falar, olhar pros outros, (...) eu to com medo de falar, com medo de olhar, porque eu to antecipando que vou falar mal, olha o verbo “*eu posso*”. O seu treino é com o interlocutor, é com alguém que te escute (...), você tem que dar o seu recado.

S.C.1. – **Algumas vezes eu penso que vou gaguejar. O que é isso?**

T.: Você imagina que não vai conseguir, não é isso, antes de falar?

S.C.2. – **Sim.**

T.: Isso é com todo mundo ou só com algumas pessoas?

S.C.3. – **Só com algumas pessoas.**

T.: Que tipo?

S.C.4. – **Exemplos: professores, diretores, mães.**

T.: Pessoas que você considera mais importantes?

S.C.5. – **Isso. Exato.**

T.: As sessões não acabam quando terminam, têm sempre reflexões pra casa!

O interdiscurso, como constitutivo do discurso, de acordo com Leandro Ferreira (2001), consiste na ressignificação do sujeito sobre o já dito, o que remete ao intradiscurso, que é uma imposição da realidade do sujeito, um efeito do interdiscurso sobre si. É coerente inferir que a gagueira está relacionada ao espaço discursivo e às condições de produção, esta última, sendo compreendida como circunstância de enunciação e contexto sócio-histórico, ideológico.

Buscando as condições em que os discursos são produzidos, um dos terapeutas do GEAG fica curioso frente a um dos sujeitos, que afirmando que a gagueira não aparece quando vai discursar. Logo é questionado: “o que é que você pensa nessa hora, pra que ela não aconteça?”.

Procurando esclarecer a dúvida, o sujeito **(A)**, no segmento **(1)**, revela: **“eu tô no numa situação que todos estão olhando para mim”**, então, **“eu vou falar aquilo que eu já sei”**. Portanto, nota-se que ao assumir a posição de quem sabe, não vem essa preocupação. Com isso, demonstra segurança em relação aos seus interlocutores, ao longo do processo do funcionamento discursivo. E assim, vemos essa situação materializada pelo sujeito **(A)**, agora, na sequência discursiva **(2)**, asseverando que na ocasião mencionada, quando precisou mostrar que, para trazer uma reflexão, **“o texto eu já conhecia e ia falar pra um público de alunos”**, então, **“eu parafraseei”**, isto é, trouxe um desenvolvimento explicativo de uma produção e já dominava o conteúdo a ser compartilhado/compartilhado, por isso, a gagueira não foi sinônimo de impossibilidade, incapacidade ou coisas do gênero.

Ao considerarmos que a língua é condição de possibilidade discursiva, vista sob este ângulo, logo, o funcionamento discursivo é, pois, “a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um locutor determinado, com finalidades específicas” (ORLANDI, 1987, p.125). Nesse sentido, para Orlandi, (2013, p. 20), a AD toma por base o discurso como acontecimento, enquanto “efeito de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX,

1990) e propõe a noção de funcionamento, ou seja, a relação existente entre condições materiais de base (língua) e processo (discurso). Orlandi (1987), considera a paráfrase e a polissemia, respectivamente, o mesmo e o diferente, matriz e fonte de sentido, como os dois grandes processos da linguagem.

Durante o processo, quando é questionado por um dos terapeutas se por estar ocupando a posição de professor mudaria alguma coisa em relação à produção do seu discurso, imediatamente o sujeito **(A)**, no segmento **(3)**, afirma: **“muda”**, e explica que esse fato se deu porque justamente todos esperavam uma reflexão do mesmo, porque **“eu tava numa posição ali que todos esperavam que eu ia trazer um fechamento”** e todos esperavam ouvi-lo. Por fim, logo o terapeuta, ainda salienta que a posição ocupada tratava-se de alguém que sabe.

A partir dos segmentos em destaque, logo, percebe-se que os mesmos interdiscursam com os dizeres de Azevedo (2013), em que a gagueira, é compreendida como um distúrbio, apresentando uma relação com as condições de produção do discurso (relação de forças, de sentido e antecipação), caracterizada pela ocorrência de repetições de sons, sílabas, palavras ou frases, hesitações, prolongamentos de fonemas e/ou bloqueios tensos de sons (AZEVEDO, 2013).

O sujeito **(C)** na sequência discursiva **(1)** lança a seguinte dúvida aos participantes da sessão de terapia: **“algumas vezes eu penso que vou gaguejar. O que é isso?”**. Nota-se, em consonância com os postulados de (AZEVEDO, 2013), que existe no imaginário do sujeito um interdiscurso cristalizado de mal falar, sobrepondo-se ao próprio discurso e que suscita em sua formação imaginária a condição de impossibilidade de fluência, onde, através da antecipação, acredita-se que o interlocutor o prenderá ao significativo *gago*, e isto acontecerá inicialmente no bojo das socializações dos sujeitos que entendem e se fazem entender. Ou seja, é frente a uma determinada condição de produção que o sujeito pensa que irá gaguejar.

Nesse sentido, o terapeuta pergunta: “você imagina que não vai conseguir, não é isso, antes de falar?”. E o sujeito **(C)** no segmento discursivo **(2)**, responde: **“sim”**. Interessado com a questão, o primeiro indaga: “isso é

com todo mundo ou só com algumas pessoas?”. O sujeito **(C)** no segmento **(3)** esclarece ao ultimo: **“só com algumas pessoas”**. Interroga aquele: “que tipo?”. Responde o sujeito **(C)** no segmento **(4)**: **“professores, diretores, mães”**. “Pessoas que você considera mais importantes?”, constata o seu interlocutor. Finaliza o sujeito **(C)** na sequência **(5)**: **“isso. Exato”**, responde o seu par discursivo. Discorrendo sobre os segmentos discursivos, percebemos que a posição que o sujeito **(C)** ocupa, mostra-se circunscrita dentro das condições de produção plenamente atreladas à antecipação diante de um interlocutor que, a seu ver, ele expõe, irá censurá-lo, repreendê-lo. Em relação às questões, delineadas, até então, Azevedo (2000), reitera que “a língua por si só não desloca o sujeito para a posição de gago, logo, para que haja gagueira, é absolutamente fundamental existir o outro. Esse outro deve ocupar a posição de intérprete” (AZEVEDO, 2000, p. 64).

Assim, Azevedo (2000), propõe que o sujeito não é livre para dizer o que quer, assim, a gagueira não se encontra naquele que fala, assim como não é um problema do interlocutor, mas relaciona-se às condições de produção e ao espaço do discurso, em uma relação necessária com a exterioridade. Assim, a gagueira não está na pessoa que fala, nem em seu ouvinte, mas nesse espaço intervalar, no entremeio, no discurso (AZEVEDO, 2000). É isso, que o sujeito em análise enfatiza: ao estar diante de pessoas que ocupam posições de destaque como “professores, diretores, mães”, imagina que, os mesmos, possivelmente, irão repreendê-lo ou cobrar uma fluência absoluta em detrimento a sua gagueira.

No tocante aos segmentos expressos, é preciso salientar, em conformidade com os dizeres de Azevedo (2000; 2006), as questões e respostas: a quem se deve compreender? Ao sujeito-gago ou à linguagem patológica? Saliente-se que não convém separá-los. Há um sujeito que fala, constituído na/pela linguagem, inserido numa sociedade pautada por valores ideológicos, que interpelam os indivíduos enquanto sujeitos do seu dizer. Há uma relação direta entre o sujeito que fala, a presença de um outro (interlocutor) e a ocorrência de situações de gagueira. Se não há ouvinte, ou se este não é identificado como alguém que julga, não há momentos de gagueira.

Nessa situação, o sujeito **(A)**, através dos segmentos discursivos **(1; 2 ;3)** deixa evidente que o mesmo ocupa tal posição. Já em relação aos dizeres do sujeito **(C)**, nas sequências **(1; 2 ;3 ;4 ; 5)**, percebemos que está circunscrito numa outra posição, isto é, “se, ao contrário, este outro (interlocutor) é antecipado como alguém que insere o sujeito falante na posição de gago, então, há momentos de gagueira” (AZEVEDO, 2013, p.162).

Por tudo, compreende-se que a ilusão discursiva do sujeito consiste, conforme Pêcheux [1975](1997), em pensar que é ele a fonte, a origem do sentido do que diz. Assim, destacamos que há uma “antecipação” por parte daqueles que se veem como gagos em relação ao outro, isto é, o seu par discursivo. Logo, é preciso definir também que as (Flm) sempre resultam de processos discursivos anteriores e se manifestam, no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e de sentido (PÊCHEUX, [1975] (1997)).

Nessa perspectiva, a abordagem linguístico-discursiva proposta para a compreensão do sujeito que gagueja (AZEVEDO, 2000; 2006; 2013) permite compreender que não existe fluência absoluta, que a gagueira é apenas um momento da fala, que a linguagem é incompleta, marcada pelo equívoco e pela falta, que o sujeito é capaz de produzir qualquer significante, que o importante é não deixar o sentido à deriva, é transmitir a ideia desvencilhando-se da preocupação da forma que será transmitida (AZEVEDO, 2000, 2006).

3.6. O antes e o depois no discurso dos sujeitos com gagueira: a mudança de posição nas FDs dos sujeitos analisados...

Em um dos seus discursos, Clarice Lispector disse: *mudar é essencial para evoluir*. Mas será que mudar é fácil? Algumas vezes, o sujeito-gago prefere ficar na sua zona de conforto e não se arriscar. Daí, em meio a tantos sentimentos negativos prefere chorar e envolver-se em uma série de lamentações. No entanto, há outros que se identificam plenamente com as palavras de Machado de Assis, entendendo que, *lágrimas não são argumentos*, e logo, se revestem de coragem, saem da caverna, e passam a questionar, por

exemplo, a gagueira, a fluência e tantas situações conflitantes cheias de invólucros e prescrições de impossibilidade e/ou incapacidade para a vida.

Ao passar a ver todas essas questões sob uma ótica cheia de reflexões, os sujeitos-gagos assumem uma nova postura diante de tudo e de todos, e arriscam-se, descobrindo que é possível, sim, *Romper a incabível prisão... Vencer o inimigo invencível*. Buscando os fatores que constituem esse processo e culminam com a mudança de posição dos sujeitos com gagueira, a seguir, analisaremos dez segmentos discursivos na sequência VI:

Sequência Discursiva VI

T.: Precisamos querer nos posicionar e não ficar escondidos, mas, sim, falar! Cada um tem seu tempo.

S.A.1. – **O meu discurso mudou.** Eu cheguei aqui (no grupo) “*eu sei que gaguejo, eu to encucado com isso*”, **antes eu dizia que era gago**, isso eu confirmava. Aí, **quando hoje acontece**, e as pessoas pergunta: “*tu é gago é?*”, agora eu já digo: “**não, eu não sou gago não. Eu tenho mais momentos de fluência**” (...) isso já é uma mudança, é eu tá acreditando em mim mesmo.

T.: O que é natural, né?

S.A.2. – E, eu tenho **aprendido nessa mudança de posição, a me ver, a observar, a valorizar, a falar. Não ter medo de falar**, e, **hoje**, eu, eu coordeno um grupo, (...) um projeto dentro de escola, **eu uso muito a fala**. Em nenhum momento eu fico com medo, **a minha preocupação é é mais com o conteúdo**.

T.: Mudou. Então, por que quando eu tenho uma disfluenciuzinha, eu não vejo esse momento como natural, que não pode acontecer que foi um erro? É se permitir ter esses momentos, que é comum na fala de todo mundo.

S.B.1. – Eu tava totalmente fora de mim, **antes eu me via sempre como vítima**. Aí, foi muito bom! Transformou a minha vida (...), **comecei a conversar**, cada um que conte uma coisa, você leva pra si. **Eu realmente fiz assim** (estala o dedo e faz um giro de cento e oitenta graus), **mudei mesmo!** Apresento seminário, falo, falo que só, to nem aí mais, eu entrei num curso superior, licenciatura em Biologia.

S.B.2. – **Aí agora**, no fim do curso técnico que eu faço também, né? Todo seminário que tinha elas diziam: “**oxe, quem vai falar é ela**”.

S.B.3. – Esses dias, tava um grupo que não via há tempos, aí teve uma criatura que disse: – “**tu num era gaga? Tu tá melhor, não era assim não, tá muito diferente, tá falando feito uma tagarela, – vá se acostumando!**” (...) tô

*indo pro grupo, **mudei de posição**, porque **eu não falava, eu me retraia**.*

T.: Que diferença, hein!? Então, você poderia falar, eu acho que é importante esse depoimento, como é que era no começo, logo que entrou no aqui, a sua fala, e como é que vai hoje?

S.C.1. – **É... Olha que eu entrei no grupo, e nem sonhava em chegar até aqui.**

T.: Que coisa muito boa... Você enfrentou, antes não apresentava seminário! Entrou aqui pedindo declaração pra entregar ao professor, dizendo pra ele liberar.

S.C.2. – Pra ele me entender o porquê de eu estar **falando daquele jeito!**

T.: E agora você apresenta!

S.C.3. – E foi no 3º ou no 4º período, quando eu ia entregar a ele, as professoras diziam: *“Pra quê, e é? Tem é? eu não notei não, é?”* E a minha turma sempre fala: **“quem era (...), quando chegou aqui, quase não falava, hoje está aí, surpreendendo a gente, cada vez mais”**. **No 1º período eu gaguejava, que nem falava**, eu pedia pras minhas colegas o menor texto, o menor assunto, **cabou-se isso, sou um papagaio!**

T.: Ah, que bom!

S.C.4. – Tô ensinando em uma escola em dois turnos, né? No fundamental. **Pensei que não fosse conseguir, e tô aí, tô levando (...).**

S.C.5. – (...) Até nas apresentações em grupo, **eu tô com mania de apresentar só**. As meninas: *“tu vai?”* Eu digo: *“claro que eu apresento só, é muita coisa, mas eu apresento dando exemplo, apresentando slides”!* E é ótimo, as menina me aplaude: **“puxa”!** **E dizem: – “quem diria, porque no 1º período tu não falava nada”. Não conseguia falar nada!**

T.: É... As pessoas mudam, mudam de posição!

O sujeito **(A)**, na sequência discursiva **(1)**, mostra que estava “preso” em determinada FD que compreende a gagueira como incapacidade de expressão, de posicionamento, **“antes eu dizia que era gago”**. O advérbio de tempo “antes”, marca bem em seu discurso uma realidade que já passou. Nesse sentido, ressaltando a FD da gagueira, Petrusk (2013, p.75), afirma que “temos posições discursivas (controle de falas, falhas, antecipação, silenciamento, disfluência, experiências anteriores, previsões discursos de impossibilidade, silêncio)”. Nessa FD, a gagueira e disfluências são vistas

como *erro*, na medida em que se acredita em uma fala perfeita, sem deslizes. Essas posições representam, no processo discursivo, os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Nessa FD, vê-se que os sujeitos participantes do GEAG se identificavam (forma-sujeito), se inscrevendo na posição sujeito que gagueja. Assim, o sujeito reproduz os sentidos inerentes à FD na qual está interpelado.

Na mesma sequência, o sujeito em análise salienta: **“o meu discurso mudou”**, entendemos que anteriormente, havia situações discursivas, em que, por exemplo, dizia *“não vou conseguir falar porque gaguejo”*, logo, mantinha-se na posição sujeito que gaguejava (AZEVEDO, 2000, p.59), discursos como esse cristalizam o sujeito numa posição que atestam a sua gagueira. Isto marca bem que se trata de uma mudança, mas para que ela aconteça, no processo terapêutico em grupo, também é enfatizado que o sujeito deve desprender-se de discursos de impossibilidade. *“Na nova FD, ele se identifica com outros saberes, ligados à outra forma-sujeito: espontaneidade ao falar, disfluência, falhas - vistas como constitutivas do sujeito/linguagem”* (PETRUSK, 2013, p.75).

Ainda, em análise, o sujeito **(A)**, afirma: **“quando hoje acontece”**, e é questionado sobre o seu problema, responde: **“não, eu não sou gago não. Eu tenho mais momentos de fluência”**. Nesse caso, ao expressar o “hoje”, o sujeito já delinea e tem a compreensão, por exemplo, da utópica ideia de fluência absoluta e a questão mostra-se bem marcada na palavra em movimento. Sobre a isso, Azevedo (2013) diz que é preciso ressignificar o conceito de fluência sedimentado no imaginário social e que a fluência absoluta é uma abstração (AZEVEDO, 2013).

Posteriormente, o sujeito **(A)**, no segmento discursivo **(2)**, diz que tem **“aprendido nessa mudança de posição, a me ver, a observar, a valorizar, a falar. Não ter medo de falar”**, faz deslizar-nos em sentidos que compreende que atualmente a situação é outra, uma vez que fala de uma vida profissional ativa com atividades, quando afirma que **“eu uso muito a fala”** e **“a minha preocupação é é mais com o conteúdo”**. Dessa maneira, de

acordo com Friedman (2012, p.12), “o bom falante é aquele que acredita na sua fala e nem pensa sobre sua articulação”. Ainda, conforme a estudiosa, isso significa que o modo espontâneo de falar se entretetece entre fluir e disfluir com base nas relações inter e intrassubjetivas singulares (FRIEDMAN, 2004). Só quando o sujeito passa a questionar as situações discursivas da FD gagueira, solo fértil que dissemina discursos preconceituosos, carregados de nuances de intolerância, incapacidade e impossibilidades e assume uma nova forma-sujeito em que estão inscritos dizeres que correspondem a uma fluência que não é absoluta, há uma mudança de posição discursiva no sujeito, conforme as pesquisas de Petrusk (2013).

Com relação ao segmento discursivo **(1)**, o sujeito **(B)**, notamos um discurso que atesta uma mudança de posição: **“antes eu me via sempre como vítima”**. Nesse sentido, quando emprega o termo “antes”, mostrando também o advérbio de tempo, entendendo-se que “hoje” não ocupa mais aquela posição de vítima, pelo contrário, está inserido na FD da fluência. Marca bem um rompimento com a FD da gagueira que dissemina através de posições discursivas que confirmam questões de falhas, disfluência, experiências anteriores e discursos de impossibilidade.

Sobre não acreditar na capacidade de falar e do desejo de falar bem, que acarretam conflitos e fazem com que o sujeito sinta-se como vítima, Friedman (2012) relata que essa realidade desenvolve-se na infância, a partir das situações vividas com os adultos que cercam a criança, são duas ideias antagônicas, que levam a comportamentos para falar bem também antagônicas, ou melhor, que nunca atingem o seu fim. Por isso, quanto mais se quer falar bem, mais a gagueira aparece e o gago, sem entender por que isso lhe acontece, se sente vítima da fatalidade. É importante perceber que assim como existem momentos em que o sujeito não consegue falar, sempre existem outros em que consegue, o que prova que a fluência existe. Logo, deve-se, trabalhar no sentido de superar esse habito de se sentir incapaz de falar bem (FRIEDMAN, 2012).

Ainda, no mesmo segmento discursivo, o sujeito **(B)** salienta que o processo terapêutico no GEAG transformou a sua a vida, a ponto de declarar, **“comecei a conversar”**. Com isso, entende-se que é a partir das interações entre os pares discursivos que há uma identificação com os dizeres do outro, que acabam contribuindo com a mudança de posição da forma-sujeito na FD da gagueira. Portanto, o sujeito em análise declara: **“eu realmente fiz assim”** (estala o dedo e faz um giro de cento e oitenta graus), **“mudei mesmo!”**. Nesse sentido, vemos uma mudança completa, um estalar, ou seja, o grupo funciona como um grito de alerta e despertou o indivíduo para novas práticas discursivas. Com isso, algo impactou a sua vida fazendo com que saísse de uma forma-sujeito que expressava um discurso de impossibilidade e assumisse uma nova FD que evidencia uma fluência que é imprevisível, onde o mais importante é fazer-se entender pelo interlocutor. A mudança de posição discursiva repercute, inclusive; na escolha de uma licenciatura em Biologia, tornando-se um docente que estará à frente a uma sala de aula.

Não bastasse o fato de estar em um curso superior, o sujeito **(B)**, na sequência discursiva **(2)**, afirma que: **“aí agora”**, ao concluir também um curso técnico, seus colegas ao evidenciarem uma mudança de posição. Ou seja, se antes a gagueira era motivo para isolamento e discursos que remetiam à incapacidade ou à impossibilidade de fazer-se entender pelo outro, como por exemplo, em momentos de apresentação em sala de aula, agora, ao assumir outra forma-sujeito, em todo seminário as colegas dizem: **“oxe, quem vai falar é ela”**. A grande questão é que, se “antes” via-se como gaga, “hoje/agora” o tempo é outro, pois, a partir de reflexões no GEAG, internalizou, o conceito de fluência, mostrando que ressignificou o conceito que estava sedimentado no imaginário social (AZEVEDO, 2013).

O sujeito **(B)**, no segmento discursivo **(3)**, revela que sua mudança de sujeito-gago para sujeito-falante-fluente acabou repercutindo em um grupo social que “não via há tempos”, causando espanto, a ponto de um dos membros recordar-se de um antes, fazendo ecoar um interdiscurso impregnado da FD da gagueira, onde é impossível falar, estabelecer um diálogo com o outro, pois é considerada como erros e falhas na linguagem.

Agora interrogam: **“tu num era gaga? Tu tá melhor, não era assim não, tá muito diferente, tá falando feito uma tagarela”**, circunscrevendo o sujeito em análise, na FD da gagueira, que reverbera a incapacidade de fala, de pronunciamento, as falhas, os erros, o silêncio. No entanto, constata-se a inserção desse sujeito em uma nova FD da fluência, notando, conforme Petrusk (2013), espontaneidade ao falar, disfluência, falhas - vistas como constitutivas do sujeito/linguagem. O fato é assegurado quando o próprio sujeito, ocupando uma nova forma-sujeito, afirma: “to indo pro grupo”, **“mudei de posição, eu não falava, eu me retraia”**, assumindo então, uma nova postura diante de fatos e pessoas e, principalmente, ressignificando conceitos pré-estabelecidos na sociedade.

Quando nos debruçamos sobre o segmento discursivo **(1)**, do sujeito **(C)**, vemos que o circunscrevia na FD da gagueira, apresentando dizeres que marcam a impossibilidade, a incapacidade, inclusive de realizações na vida por conta da gagueira **“é... Olha que eu entrei no grupo”**. Mas hoje aquele passado, revela uma nova realidade **“e nem sonhava em chegar até aqui”**. Com essa expressão, permite-nos notar mudanças que repercutem na vida do sujeito-gago, o mesmo percebe que o problema *in loco* não é motivo de não realizar-se de modo pessoal, familiar ou profissionalmente.

O terapeuta, em seu discurso, mostra que, anteriormente, o sujeito solicitava declarações para que os professores pudessem liberá-lo das futuras apresentações de seminários. Diante dessa realidade, o sujeito **(C)** no segmento **(2)** assevera que aquilo acontecia para que os professores entendessem a situação, ou seja, explicar mesmo o porquê de estar **“falando daquele jeito!”**. Atentando para tais dizeres, nota-se, anteriormente, a inserção desse sujeito, na FD da gagueira. Nessas situações, de acordo com Petrusk (2013), na posição sujeito que gagueja, o problema é visto como erro. Na posição sujeito “fluente”, falhas são vistas como espontaneidade na fala, gagueira é vista como algo natural, o discurso analisado configura e marca essa mudança.

Um pouco mais adiante, quando mais uma vez é questionado por um dos terapeutas sobre apresentações, agora, o sujeito **(C)**, na sequência **(3)**, explica que depois de alguns períodos na faculdade, “no 3º ou no 4º período”, quando ia entregar declarações a um dos professores, outras pessoas questionavam o porquê daquela atitude. Nos contextos sociais, existe um padrão de fluência absoluta, o mito sobre a fluência da fala, a imagem de um sujeito falante que jamais gagueja ou, em raras situações, apresenta uma repetição silábica ou hesitação.

Acerca disso, Friedman (2001; 2004) informa-nos que quando esse mito está presente no processo de socialização primária, pode levar a interpretações prejudiciais e indesejáveis de momentos de fala repetitivos, disfluentes. E assim, abre-se a possibilidade de que sentidos negativos se ancorem subjetivamente às vivências da produção de fala. A visão de mau falante fará parte da versão de si como pessoa, dando lugar a uma subjetividade que se processa a partir de uma imagem estigmatizada de falante (FRIEDMAN, 2001).

Ao constatar a mudança de posição no discurso, que acaba repercutindo nas atitudes desse sujeito, sua turma fala: **“quem era, quando chegou aqui, quase não falava, hoje está aí, surpreendendo a gente, cada vez mais”**, inserindo numa nova forma-sujeito que fala, apresenta, defende, enfim, posiciona-se diante das questões propostas. A situação era tão crítica que confirma e assevera, **“no 1º período eu gaguejava, que nem falava”**. O emprego do vocábulo “falava”, no Pretérito imperfeito (simples), estabelece um fato que ocorria num momento anterior ao atual e que agora foi mudado.

Tal situação evidencia uma nítida mudança diante da FD da gagueira, por exemplo, se antes, chegava a pedir o menor texto e/ou assunto, “hoje” afirma: **“cabou-se isso, sou um papagaio!”**. Mostra realmente que esse fato faz parte do passado, e hoje está em FD da fluência, que superou a ilusão de uma fluência absoluta e que o mais importante é fazer-se compreender por seu par discursivo. Nesse processo de contra-identificação, o sujeito identifica e questiona a previsão do *erro* na sua fala, reconhece situações discursivas de

silenciamento e confronta, identifica e compreende que existem condições de produção geradoras de fluência e de gagueira. É na contraidentificação que confronta/questiona determinados saberes daquela FD que o constitui como sujeito que gagueja (PETRUSK, 2013).

Essa mudança traz resultados impactantes que possibilitam ao sujeito conquistas, até então, impensáveis, improváveis, ou até mesmo impossíveis de acontecer. Chegando o sujeito **(C)**, a afirmar na sequência **(4)**: **“pensei que não fosse conseguir, e tô aí, tô levando”**. Na verdade, depreende-se então, em consonância com os dizeres de Friedman (2012), que a gagueira é um momento da fala, não a fala como um todo e, com ou sem gagueira, sempre existem momentos de fluência, o que revela que quem gagueja tem também a capacidade de ser fluente. Cada vez que se pensa que é preciso falar sem gaguejar se está, sem perceber, reforçando a ideia de gaguejar, se está ratificando a crença na gagueira (FRIEDMAN, 2012).

Percebe-se no segmento discursivo em destaque que, ao questionar determinados dizeres impregnados na FD da gagueira, se desvencilha da impossibilidade de falar por causa de erros, de falhas que impossibilitariam uma fala. Assim, o sujeito **(C)**, assevera: **“to levando”**. A partir disso, mostramos que, se antes, a gagueira não era sinônimo de realizações, agora sabe que a fluência absoluta é uma utopia e que é perfeitamente natural ser gago. Ao internalizar os dizeres do outro através das interações no GEAG, assume uma nova postura e, além de conseguir ensinar numa escola em dois turnos, o sujeito **(C)** no segmento discursivo **(5)**, revela que nas apresentações em grupo: **“eu tô com mania de apresentar só”**. Com isso, todos ficam impactados: **“puxa”! E dizem: – “quem diria, porque no 1º período tu não falava nada”. Não conseguia falar nada!** Certamente, ao ingressar no grupo, compreendeu que a fluência é relativa e não absoluta, com isso, para que a mudança de posição de sujeito-gago para sujeito-falante-fluente viesse a ocorrer; inicialmente, o sujeito, **contraidentifica-se**, questionando os dizeres postos na **FD - Gagueira** e, então, **desidentifica-se**, isto é, assume-se na **FD – Fluência**. Com isso, há uma tomada de posição subjetiva e objetiva, que conduz ao trabalho de transformação da forma-sujeito (PÊCHEUX, 1988). Em

resposta a essa questão, Indursky (2011), reitera que, “o sujeito **rompe** com a FD em que estava inscrito e com a qual se identificava e passa a identificar-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito” (*op. cit.*, p.85, grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, tudo quanto vier à mão para realizar, faze-o com o melhor das tuas forças, porquanto para o Sheol, a sepultura, para onde vais, não há atividade, trabalho, reflexão, planos, conhecimento, saber, nem nada.

[Eclesiastes: 9.10].

Com a realização desta pesquisa, respondemos às questões propostas inicialmente, que versavam em discutir: 1) Que características subjetivas e objetivas apresenta o sujeito que entra no grupo, inserido em uma formação discursiva da gagueira? 2) Pode haver mudança de posição no sujeito que se vê como gago para uma outra posição, na qual se veja como sujeito fluente (considerando a fluência como relativa)? 2.1) Como se dá a **contraidentificação** do sujeito na formação discursiva da gagueira; 2.2) Como é o funcionamento da **desidentificação** do sujeito na formação discursiva da gagueira e a inserção na formação discursiva da fluência? 3) No Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG), *loco* da pesquisa, quais as estratégias que ajudam nessa mudança de posição? Bem como, atendemos ao objetivo geral, analisar a mudança de posição na formação discursiva de sujeitos com gagueira participantes do Grupo de Estudos e atendimento a Gagueira (GEAG). E os específicos, a) identificar o processo de mudança de posição nas formações discursivas e ideológicas dos sujeitos; b) a memória discursiva e o interdiscurso nas práticas discursivas; c) investigar as estratégias terapêuticas que geram efeito de fluência, disfluência ou silenciamento no discurso dos sujeitos gagos.

Diante do que foi mencionado, até então, constatamos que ao longo dos encontros nas sessões de terapia em grupo, para os sujeitos, a gagueira é um caminho sem volta, além de ser permeada por muitos invólucros que a situam no campo do senso comum, materializando discursos do tipo: *“uma vez gago, para sempre gago”*, *“a gagueira é uma doença, portanto, não têm cura!”*. Isso tem sido perpassado ao longo de gerações às Formações Discursivas (FD), por meio do interdiscurso (historicidade, memória do dizer), que é o lugar das

formações ideológicas (FI) com suporte em diferentes filiações teóricas que restringem o problema aos aspectos do corpo e da fala.

Considerando que sujeito e linguagem se constituem mutuamente, algumas vezes, são vistos apenas pelo paradigma do sintoma, fazendo-os, então: falar, calar, silenciar, clamar, gritar, e/ou chorar, devido às ideologias como, por exemplo, a do bem falar, além de mitos criados nos contextos sociais, históricos e culturais em torno de um sujeito que deve encaixar-se perfeitamente numa utópica ideia da fluência absoluta²⁹, sem nenhum resquício de falhas e/ou erros na linguagem.

A FD da gagueira dissemina concepções que reproduzem o preconceito e geram o *bullying*, por exemplo, contra os sujeitos-gagos. Esses rechaços são compostos por brincadeiras de mau gosto, apelidos pejorativos, enquadrando os sujeitos com gagueira em uma posição de incapacidade, inferioridade, sem nenhum potencial, podendo causar, inclusive, o desejo de não viver mais, conforme relatos que já tivemos no GEAG, mas estes não foram, neste momento, objeto de nosso estudo. Notamos também que, chegando ao grupo de terapia, os sujeitos **A**, **B** e **C** mostraram que, inicialmente, estavam **identificados com a FD da gagueira**, eles revelaram dizeres de incapacidade, que desqualificam a sua fala gaguejada e interdita o seu posicionamento frente às várias situações cotidianas. A partir das reflexões construídas ao longo das sessões em grupo, observamos que os terapeutas da linguagem fazem os sujeitos gagos entenderem que fazer-se compreender por seu par discursivo é o mais importante na interlocução no funcionamento discursivo. Nesse espaço, também é discutido que a fluência não é linear, sem erros, mas relativa, oscilante. Portanto, há uma ressignificação dos dizeres postos pela sociedade sobre a questão do que seja a fluência e a gagueira.

Ao longo desse processo terapêutico, os sujeitos descobrem que é possível falar, expressar aquilo que tanto os angustia, que falar pode aliviar muitas dores e não só no grupo falar é terapêutico, porque entre inúmeros

²⁹ - Para maiores informações sobre essa questão, temos o IBF (Instituto Brasileiro de Fluência).

benefícios, outorga voz e vez àqueles que são silenciados e interditados por outros pares discursivos. Descubrem que são autores da sua voz, dos seus discursos e da sua fala. E, então, passam a questionar os dizeres da FD anterior. É nesse momento que assumem uma nova **FD – da fluência**, pois há, de fato, uma mudança de posição discursiva, mostrando que a fluência é relativa e que todos nós temos nossos momentos de gagueira.

Ao **contraidentificar** e **desidentificar-se** de ideias que circunscrevem a gagueira ao campo patológico, os sujeitos começaram a pensar na abordagem linguístico-discursiva, que permite ao sujeito compreender que não existe fluência absoluta, que a gagueira é apenas um momento da fala, que a linguagem é incompleta, marcada no equívoco, pela falta, que o sujeito é capaz de produzir qualquer significante, que o importante é não deixar o sentido à deriva, é transmitir a ideia desvencilhando-se da preocupação com a forma que será transmitida (AZEVEDO, 2000; 2006; 2013).

Nesse sentido, são fatores que marcaram o processo de mudança de posição nas FDs dos sujeitos: quando começaram a sentir espontaneidade ao falar, verem a gagueira como constitutiva do sujeito e da linguagem, compreenderem que a fluência absoluta é utópica, que fluir e desfluir se entrelaçam, que a fluência é imprevisível, questionarem as FDs da gagueira vendo, observando, valorizando a própria fala e não tendo medo de falar - participarem cada vez mais das práticas discursivas no seu cotidiano, deixarem de se ver como vítima, verem-se reconhecidos como falantes válidos pelos outros e alcançarem realização pessoal e profissional que antes imaginavam impossível, inalcançável. Uma nova forma-sujeito onde falam, apresentam, defendem e se posicionam.

No processo de funcionamento discursivo produzimos nossos discursos de acordo com os efeitos que desejamos causar em nossos interlocutores, falamos a partir da concepção que temos do outro e da posição-sujeito que acreditamos que ocupam na sociedade. Dessa maneira, inferimos que a gagueira está relacionada ao espaço discursivo e às condições de produção, esta última, sendo compreendida como circunstância de enunciação e contexto

sócio-histórico, ideológico, ou seja, os discursos dos sujeitos-gagos são produzidos tendo em vista a relação de forças (a posição que se ocupa nos lugares sociais), a relação de sentido (a intertextualidade), a antecipação, (representação que os sujeitos fazem de si e do outro no discurso).

Diante de toda discussão proposta ao longo do nosso estudo, entendemos perfeitamente que o trabalho nunca está concluído, mas aberto a novos olhares, na incompletude que funda o sujeito. Por isso, é que nos sentimos inquietos para uma nova empreitada, afinal de contas, como bem destaca D. Quixote: *o meu repouso é a batalha*. Portanto, em breve, desejamos nos aventurar na elaboração de mais uma pesquisa/estudo, do tipo longitudinal, do começo ao final, mostrando a mudança de posição dos sujeitos-gagos para a condição de sujeitos-falantes-fluentes.

Esperamos que este trabalho contribua para iluminar os estudos sobre as pesquisas em Análise do Discurso(AD), que inclui, necessariamente, o sujeito e a linguagem em sua abordagem, mostrando que é possível, sim, *“Romper a incabível prisão... Vencer o inimigo invencível”*; isto é, questionar a FD da gagueira e assumir-se na FD da fluência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. Antologia poética. 64.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2009.

_____. **Obra poética**. Volumes 4-6. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

ANDRADE, C. R. F. **Diagnóstico e intervenção precoce no tratamento das gagueiras infantis**. Carapicuíba, São Paulo: Pró-Fono, 1999.

_____. Abordagens neurolinguística e motora da gagueira. In: DMB. Limongi SCO, editores. **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Editora Rocca, 2014.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 14^a ed. São Paulo: Papirus, 2008.

ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan, Marx e Freud**: introdução crítica-histórica. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.

AUTHIER-REVUZ, J. **Hétérogénéité montréalaise et Hétérogénéité constitutive**: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. DRLAV 26. Paris, 1982, p. 91-115 (mimeo).

_____. **Hétérogénéité(s) énonciative(s)**. Paris, Langages, n. 73, 1984, p. 98-109.

_____. **Palavras incertas**. As não-coincidências do dizer. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2001.

AZEVEDO, N. P. S. G. **“Uma análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua”**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Fonoaudiologia), – PUC-SP, 2000.

_____. **A gagueira sob a perspectiva linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia**. Tese de doutorado. (Doutorado em Letras e Linguística) UFPB - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2006.

_____. **Uma análise discursiva de sujeitos com gagueira**. In: Mariani, B.; Medeiros, V.(orgs.). **Gragoatá**. Publicação dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, v.34, Niterói: EdUFF, 2013.

AZEVEDO, N. P. S. G.; FREIRE, M. R. Trajetórias de silenciamento e aprisionamento na língua: o sujeito, a gagueira e o outro, *In*: FRIEDMAN, S.; CUNHA, MC. **Gagueira e subjetividade**: possibilidades de tratamento. São Paulo: Artmed, 2001.

BARROS, R. C. B. Gagueira e sua terapêutica: estudo discursivo da escrita como possibilidade de recurso terapêutico. Mestrado em Linguística (Dissertação), UNICAMP: Campinas, 2004.

BEHELLI, L. P. C.; SANTOS, M. A. O terapeuta na psicoterapia de grupo. Rev. Latino-am Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 13, p.249-54. Mar./abr., 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000200018. Acesso em: 14 de jul. de 2014.

BOHNEN, A. J. Características das Palavras Gaguejadas no Português Brasileiro - Um estudo de 20 anos. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=224. Acesso: 27 dez. 2014.

BRANDÃO, H. N. **Analisando o discurso.** Disponível em: http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf Acesso: 07 de dez. de 2013.

CAIADO, E. C. **Como proceder com crianças que gaguejam.** Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/sugestoes-pais-professores/como-proceder-com-criancas-que-gaguejam.htm>. Acesso: 11 dez. 2014.

CAVALCANTI, T; AZEVEDO, N.P.S.G; PETRUSK SILVA,L. A Prática Discursiva em um grupo terapêutico de gagueira: um estudo de caso. In: AZEVEDO, NPSG; DA FONTE, RFL. (orgs) **Aquisição da linguagem, seus distúrbios e especificidades:** diferentes perspectivas. Curitiba: Editora CRV, 2011.

COLL, C.,; MARTÍN, E. **Aprender conteúdos & desenvolver capacidades.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

CUNHA, M.C., GOMES, R.E.O., Fonoaudiologia e Psicanálise: uma reflexão sobre a gagueira e o inconsciente. In: PASSOS, M.C. (org.). **Fonoaudiologia:** recriando seus sentidos. São Paulo: Plexus, 2002.

DARÓZ, E, P.; AZEVEDO, N, P, S, G.; SILVA, S, D.Linguagem e produção de sentidos: a perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso.In: BARROS *et al* (Orgs.). **Ensino, texto e discurso.** Curitiba: Editora CRV, 2014.

_____. Sobre Michel Pêcheux e a análise do discurso. In: BARROS *et al* (Orgs.). **Ensino, texto e discurso.** Curitiba: Editora CRV, 2014.

ELIA, L. O sujeito da Psicanálise e a ordem social. In: ALTOÉ, S. **Sujeito do Direito e Sujeito do Desejo.** Direito e Psicanálise. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. p.123-132.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 2ª edição. Campinas. Editora Versus, 224 p. 2005

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso:** reflexões introdutórias. 2ª Ed. São Carlos: Claraluz, 2001, p. 12-21.

FERNANDES, C. A. De sujeito a subjetividade na análise do discurso. In: SARGENTINI, V. GREGOLIN, M. R.(org.). Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos. São Carlos: editora Claraluz, 2008.

FERREIRA, E. S. **O discurso de Médicos e seus jogos**: questões sobre o silenciamento e a representação do outro. Mestrado em Linguística (Dissertação). Recife: UFPE, 2013.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. "Escola é...". Disponível em: <http://www.paulofreire.org/>. Acesso em 22 de jun. de 2015.

FULLAN, M. G. **Successful Improvement**. OUP. New York, Teachers' College Press, 1992.

FULLAN, M. G., & MILES, M. B. **Getting reform right**: What works and what doesn't. Phi Delta Kappan, 73, 745-752., 1992. Disponível em: <http://www.sedl.org/cgi-bin/mysql/picbib-output.cgi?searchuniqueid=103>. Acesso em 27 de fev. de 2015.

FRIEDMAN, S.; PASSOS, M.C. O grupo terapêutico em fonoaudiologia: uma experiência com pessoas adultas. In: SANTANA, A. P. BERBERIAN, A. P.; GRARINNELLO, A. C.; MASSI, G. (orgs) **Abordagens grupais em fonoaudiologia**: contextos e aplicações. São Paulo: Plexus, 2007.

FRIEDMAN, S. Fluência: um acontecimento complexo. In: DMB. Limongi SCO, editores. **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Editora Rocca, 2014.

_____. **A construção de personagem bom falante**. São Paulo: Summus, 1994.

_____. O caso de Amadeu. In: FRIEDMAN, S.; CUNHA, . (orgs). **Gagueira e subjetividade**. Possibilidades de tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. Reflexões sobre a natureza e o tratamento da gagueira. In: PASSOS, M.C. (org.). **Fonoaudiologia**: recriando seus sentidos. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

_____. **Gagueira**: origem e tratamento. 4. ed.rev. atual. São Paulo: Summus, [1986]2004.

_____. **Cartas a um paciente**: um processo de terapia para a gagueira. Série distúrbios da comunicação, v. 3, São Paulo: EDUC.[1988]2012.

_____. **Gagueira é um tropeço mais que natural**. Disponível em: <http://www.gagueiraesubjetividade.info/>. Acesso em 07 de ago. de 2014.

_____. **Mito**: a gagueira não tem cura. Acesso em 07 de ago. de 2014.

GERHARDT, A. F. L. M. **Linguagem, cognição e gagueira**. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=160. Acesso em 27 dez. 2014.

GRARINELLO, A.C.; LACERDA, C.B.F.L. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança. In: SANTANA, A. P. BERBERIAN, A. P.; GRARINELLO, A. C.; MASSI, G. (orgs) **Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações**. São Paulo: Plexus, 2007.

INDURSKY, F. Da interpelação a falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, J.R. (org). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro e João ed., 2011.

_____. A fala dos quartéis e as outras vozes. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

JOHNSON, W. **A study on the onset and development of stuttering**. In: Johnson W, Leutenegger RR, editors. Stuttering in children and adults: Thirty years research at the University of Iowa. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1955.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. O legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.

LAUFER, E. Teoria e prática em um caso de gagueira sob o ponto de vista sistêmico construtivista. In: FRIEDMAN, S.; CUNHA, M. C. (orgs). **Gagueira e subjetividade**. Possibilidades de tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LEANDRO FERREIRA, M. C. **Linguagem, ideologia e psicanálise**. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v.01, p.69-75, Jun., 2005. Disponível em: <http://estudosdalinguagem.cpelin.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/10/16>. Acesso em: 14 de jul. de 2014.

_____. **Glossário de termos do discurso**. Análise de discurso, Instituto de letras, UFRGS. Porto alegre, 2001.

LIER-DEVITTO, M. F. ARANTES, L. **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDC, FAPESP, 2007.

LINS, O. **Avalovara**, Romance. São Paulo, Melhoramentos, 1973.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., p.26-33, 1986.

MACHADO, M.L.C.A.M. *et al*. A terapêutica grupas na clinica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita. In: SANTANA, A. P. BERBERIAN, A. P.; GRARINELLO, A. C.; MASSI, G. (orgs) **Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações**. São Paulo: Plexus, 2007.

MARIANI, B. Significantes, sentidos, inconsciente e ideologia. *In*: SARGENTINI, V.; GREGOLIN R., M. (orgs). **Análise do discurso. Heranças, métodos e objetos**. São Carlos, Clara Luz, 2008.

MENEZES. P. C. S. Algumas relações entre a gagueira e a leitura sob uma perspectiva da análise de discurso. Mestrado em Linguística (Dissertação), Recife: UFPE, 2003.

MERLO, S. Genética da gagueira. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=33. Acesso em 27 de dez. de 2014.

_____. Lesão neurológica. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=34. Acesso: 27 dez. de 2014

MINAYO. M. C. de S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MOTA, W. C. Em busca de uma nova geração de professores. Disponível: <http://vidaeternocrescimento.blogspot.com.br/2009/10/em-busca-de-uma->. Acesso em 27 de nov. de 2011.

OLIVEIRA, P. S.; FRIEDMAN, S. A clínica da gagueira: diferentes paradigmas e suas consequências. *In*: David, R.H.F. & Barbosa, P.S. (org.). **Cadernos da Fonoaudiologia – série linguagem – vol1**. São Paulo, 2006.

ORLANDI, E. P. *Terra à vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

_____. **O lugar das sistematicidades linguísticas na Análise de Discurso**. *D.E.L.T.A.*, vol.10, nº 2, p.295-307, 1994.

_____. **Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. Prefácio. *In*: AUTHIER-REVUZ, J., *Palavras incertas*. Campinas-SP: Editora Pontes, 1998.

_____. **Discurso e Leitura**. 6.ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 2011.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2013.

PANHOCA, I.; BARGAROLLO, M.F. Sujeitos autistas em terapêutica fonoaudiológica grupal. *In*. SANTANA, A. P. BERBERIAN, A. P.;

GRARINNELLO, A. C.; MASSI, G. (orgs) **Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações**. São Paulo: Plexus, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Orlandi, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1975] 1988.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Orlandi, Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Papel da memória**. In: Achard, P. et al. **Papel da memória** (Nunes, J.H., Trad. e Intr.). Campinas: Pontes, 1999.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Punicelli Orlandi. 5ª Ed. São Paulo: Pontes, 2008.

_____. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. Metáfora e Interdiscurso. In: **Análise do Discurso: Michel Pêcheux. Textos Escolhidos por Eni Orlandi**. Campinas - São Paulo: Editora Pontes, 2011.

PEDROSA, O. P. **Efeitos da inibição do inconsciente na aquisição de uma segunda língua**. Dissertação de mestrado. Mestrado em Ciências da Linguagem. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2008.

PEREIRA, T. V. Gagueira e genética. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=156. Acesso em 27 de dez. de 2014.

PETRUSK, L.S.S. **Uma análise linguístico-discursiva de sujeitos que gaguejam participantes de terapia fonoaudiológica em grupo**. Mestrado em Ciências da Linguagem (Dissertação). Recife: UNICAP, 2013.

REYNOLDS, G. **O Dossiê do “Estudo Monstro”**. *The New York Times*, New York, 2003, p. 36-41. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/arquivos/estudo_monstro.pdf. Acesso em 22 de maio de 2015.

RIPER VAN, C. **On the end of his life**. Disponível em: <http://www.mnsu.edu/comdis/kuster/vanriper/goodbye.html>. [1997]. Acesso: 05 de jun. de 2014.

_____. **The treatment of stuttering**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1973.

_____. **Speech Correction: principles and methods**. 5 ed., Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1972.

_____. **The nature of stuttering.** Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1982.

ROCHA, E.M.N. Informações básicas – gagueira. Disponível em: http://www.gagueira.org.br/arquivos/Eliana_Maria_Nigro_Rocha.pdf. Acesso em 09 de ago. de 2015.

SCARPA, E.M. **Sobre o sujeito fluente.** *Cad. de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.29, p.163-184, Jul./Dez., 1995. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/2835>. Acesso em: 14 de jul. de 2014.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3.ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino à distância da UFSC, 2001.

SIMON, A.-M. A gagueira da criança. MULLER-CHEVRIE, C.; NABORNA, J. (org.). *In: A linguagem da criança.* Aspectos normais e patológicos. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SUASSUNA, L. **Ensaio de pedagogia da língua portuguesa.** Recife: ed. Universitária da UFPE, p.101 a 119, 2009.

_____. **Linguagem como discurso:** implicações para as práticas de avaliação. Doutorado em Linguística (Tese). Campinas: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2013.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** São Paulo: E. Cultrix, 2006.

VILAR DE MELO, M.F; ALVES, G.M.G; BARROS, P.C.M; AZEVEDO, N.P.S.G. Discurso, funcionamento de linguagem e subjetividade em sujeitos com afasia. In: AZEVEDO, N.P.S.G; DA FONTE, R.F.L. (orgs.) **Aquisição da linguagem, seus distúrbios e especificidades:** diferentes perspectivas. Curitiba: Editora CRV, 2011.